

CARTAS

ACADEMIA PRETA DECOLONIAL

Organização: Michelly Carvalho | Leila Sousa | Luciana Souza



Cartas
Academia Preta Decolonial

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Vice-Reitor Prof. Dr. Leonardo Silva Soares



EDITORADA UFMA

Coordenadora: Irenilma Cadete Lima

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Andréa Katiane Ferreira Costa

Profa. Dra. Débora Batista Pinheiro Sousa

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva

Profa. Dra. Jussara Danielle Martins Aires

Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa

Prof. Dr. Luís Henrique Serra

Prof. Dr. Luiz Eduardo Neves dos Santos

Profa. Dra. Luma Castro de Souza

Prof. Dr. Márcio José Celéri

Profa. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa

Profa. Dra. Raimunda Ramos Marinho

Profa. Dra. Rosângela Fernandes Lucena Batista

Bibliotecária Iole Costa Pinheiro



Associação Brasileira das Editoras Universitárias

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento 4.0.000



(Organização)
Michelly Carvalho
Leila Sousa
Luciana Souza

Cartas
Academia Preta Decolonial

São Luís



2025

Projeto Gráfico, diagramação e capa

Bruna Lapa

Revisão

Bruna Lapa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

ISBN: 9 786553 635128

Cartas: Academia Preta Decolonial [recurso eletrônico] / organizadoras, Michelly Santos de Carvalho; Leila Lima de Sousa; Luciana da Silva Souza Reino. — São Luís: EDUFMA, 2025.

197 p.p.:

Modo de acesso: <https://www.edufma.ufma.br/>

ISBN: 978-65-5363-512-8

1. Mulheres negras. 2. Mulheres pesquisadoras. 3. Racismo. I. Carvalho, Michelly Santos de. II. Sousa, Leila Lima de. III. Reino, Luciana da Silva Souza. IV. Título.

CDD 396
CDU 396 (=96)

CDU 616.314:34

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi/UFMA

Bibliotecária: Alesandra Saraiva de Sousa - CRB 13/505

CRIADO NO BRASIL [2025]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microfilmagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

SUMÁRIO



Prefácio 12

O caminho começa na escuta de mulheres negras 16

semespaço 18

Carta de uma mulher que só quer ser comum 20

A vida nos dá presentes inesperados... e permanentes 22

Companheira na caminhada 26

No caminho da desconstrução 28

Nas encruzadas da vida, há amizade 30

Reflexões para posteridade 34

O amor como dimensão política – pelo nosso bem viver 38

A cor e a identidade: o encontro com o eu 43

Dos presentes para uma vida 45

Pelas mãos da mulher negra 48

Caro colega, professor João Paulo 50

O saber da vida acadêmica 53

Refazendo histórias 57

Uma academia verdadeiramente preta 61

A gente pode aprender mais com o amor do que com a dor

63

Mulheres negras, saberes ancestrais e descolonização do conhecimento 68

Cursista negra-mulher 72

Academia preta decolonial: tecendo novos caminhos 76

Querido padrinho, 78

(Re)Encontro comigo e com as nossas 83

Semeando sonhos 85

Das nossas vivências à nossas escrevivências 91

Carta à uma mãe preta! 93

O conhecimento preto 98

Carta para minha sobrinha 101

A importância da pedagogia afro afetiva 103

Carta às minhas descendentes (no futuro) 105

Reencontro 108

Carta para minha amiga 111

Carta póstuma à Dandara kettley 114

Carta ao meu pai: eu, professora, em busca de um letramento racial e uma prática educacional antirracista 116

Oportunidades e desafios 120

Uma pedagogia afro afetiva 122

Caminhos 125

Clarinda e Raoní: a florista e a oncinha preta 127

Saudações 131

Para minha e todas as Julias 136

Correio memória - carta para minha vó (em honra e memória)

139

Para minha filha professora 143

**Respiro em meio ao caos: II Academia preta decolonial e a
pandemia do coronavírus 2021 147**

Para uma amiga querida 150

Para a minha amiga, Ângela 154

Dias de Querença: “era preciso reinventar a vida” 163

Educação, raça e branquitude 168

Caminhos que perpassam liberdade e aprendizados outros 170

Carta à educação brasileira 173

É na coletividade que a vida acontece! 175

Maria, Maria... 179

Um corpo preto em território acadêmico 182

Caras professoras Michelle e Leila, 184

Autoras e autores 191

Bibliografia Selecionada 193



PREFÁCIO

Manas queridas,
Minha querida Academia Preta Decolonial,

Início esta carta convidando que toda leitora e leitor interessado na leitura deste livro, se acomode da melhor forma e não tenha pressa. Como sugere o título do livro, esta não é uma leitura acadêmica, o que compõe esta publicação são cartas escritas por e para mulheres negras para suas amigas, familiares, referências afetivas. São cartas escritas com muita generosidade para que nós, leitoras/es, tenhamos a chance de conhecer histórias reais.

Portanto, não corra. Este livro merece ser degustado com suavidade. Quem o ler, faça-o da melhor maneira para si, como quem cultiva a terra. São memórias preciosas, é o tempo da dedicação de cada uma, é a intimidade da alma.

Quanta alegria e emoção eu senti ao ler as cartas que compõem este livro. Eu, que também sou egressa da Academia Preta Decolonial, revivi muito do que eu senti durante minha passagem pelo curso. O sentimento de reencontro com os afetos nessas cartas, me deu a sensação de abraçar cada uma de vocês, de olhar nos olhos, senti-las em corpo-leitura, em letra-território, nos movimentos das nossas águas, das nossas memórias e nas possibilidades dos múltiplos caminhos das encruzilhadas.

A Academia Preta Decolonial é espaço para as que se sentem e se vêem sem espaço; fortalece amizades que se trombam nas encruzilhadas;



nos auxilia em nossos primeiros contatos com a escrita de mulheres negras e fortalece nossa caminhada como pesquisadoras, acadêmicas ou não, estudiosas com e sem vínculo institucional, nos desafia e nos oportuniza releituras. Cada carta conta uma história, mas é escrita em torno de uma coletividade.

Já passou do tempo dos estigmas racistas caírem por terra e a sociedade brasileira compreender a importância política e cultural das mulheres que descendem de mulheres negras que descendem de mulheres negras que descendem de mulheres negras arrancadas de suas próprias casas para a servidão.

Desde minha passagem pelo curso, muita coisa boa aconteceu: o Núcleo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis, vinculado à Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz, foi laureado com o Prêmio Intercom na categoria Grupo Inovador, em 2022; a Academia Preta Decolonial cresceu substancialmente e se prepara para voos ainda mais ousados; muitas pessoas que passaram pelo curso agora lecionam; conquistaram seus títulos de mestras e doutoras; ingressaram na graduação e na pós-graduação. Os frutos estão sendo colhidos.

E por tudo isso tenho enorme respeito por esse projeto, por ser liderado por mulheres, mulheres nordestinas, em uma Universidade nordestina. Um projeto que se tornou referência nacional de forma autônoma e inspiradora. Que nasceu em dos momentos mais críticos da humanidade, como foi a pandemia de Covid-19, e entre tantas perdas, nos fez achadas.

Desejo que cada pessoa que tenha acesso a essa coletânea, encontre seu lugar no mundo e receba com carinho as escritas dessas mulheres. Ler essas cartas foi como reviver minha própria andança nesse mundo em busca desses reencontros, dessas narrativas, das linguagens



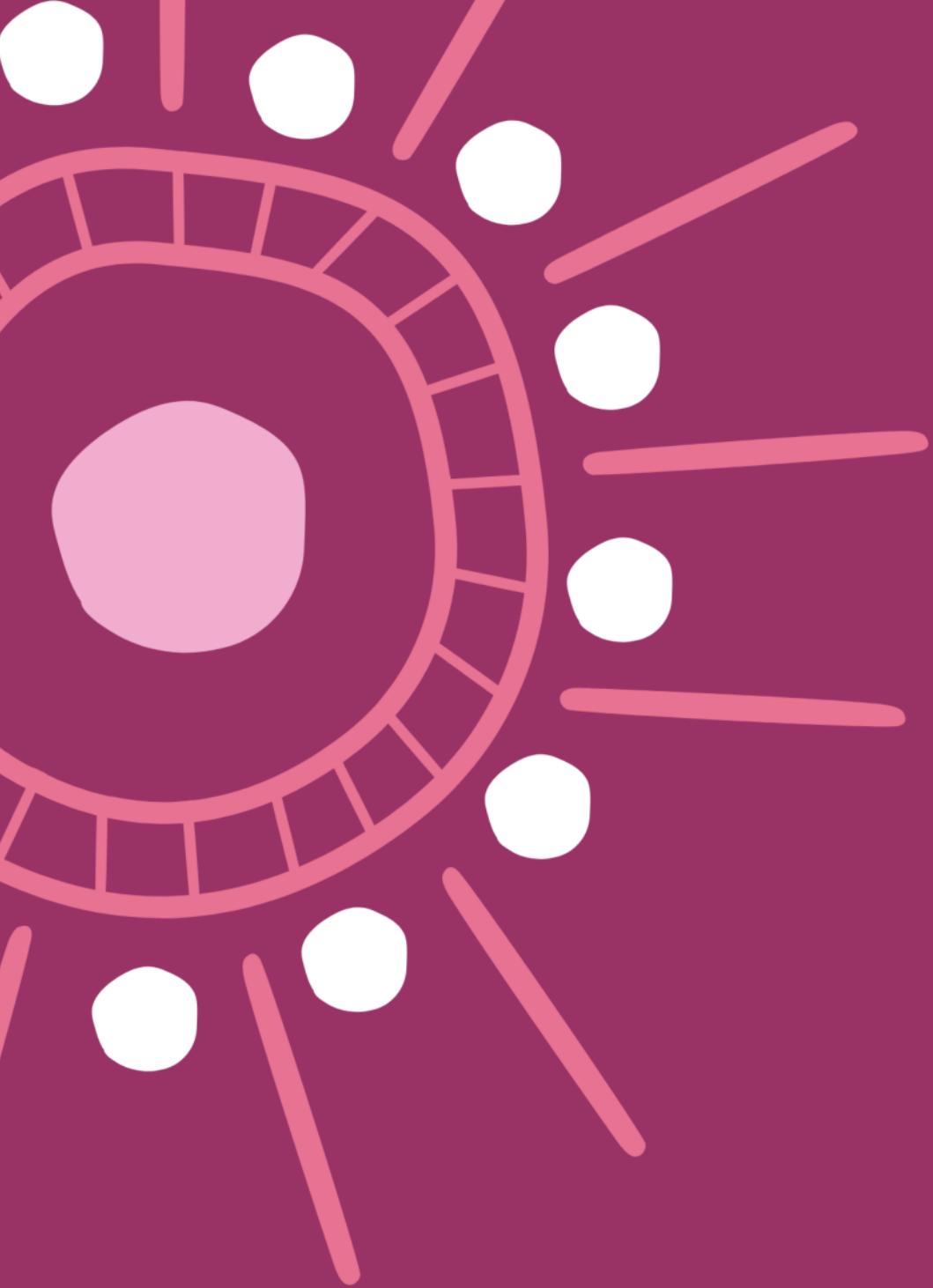
que me acolhem, das vidas que se entrelaçam com a minha em confluências e em diferenças.

São 53 herdeiras de Ananse que tecem fios de prata inquebrantáveis e desafiam as máscaras do racismo. São 53 cartas que agora compõem e enriquecem minha estante. Em memória de Lélia Gonzalez, são 53 neguinhas atrevidas que armam a quizumba e tomam os microfones e os papéis em brancos para falar, escrever e colaborar com nossos epistemes, juntas e organizadas.

Obrigada por esse presente, queridas!

Thiane Neves Barros.

Belém, Pará, maio de 2025





O caminho começa na escuta de mulheres negras

Quando me inscrevi na primeira edição da Academia Preta Decolonial, estava no período da escrita da dissertação do Mestrado e seguia em busca de conhecer mais autoras negras e estudos que pudessem me ajudar durante esse processo. Naquele momento, no ápice da pandemia, isolamento, medos e incertezas, encontrei um grupo de mulheres negras e partilhas que me comoveu.

Junto com os ensinamentos que me serviram na escrita acadêmica, me conectei com pesquisadoras e mulheres atuantes nos movimentos sociais que viviam aqui do meu lado, na minha região: eram mulheres negras do Maranhão, do Piauí e de outros estados do Nordeste que me fizeram perceber que é possível pesquisar, partilhar e construir conexão aqui no nosso espaço, a partir de nossas raízes.

O conhecimento e as vivências vêm daqui e vão para fora, ganham o mundo, correm o espaço-tempo que vivemos. Entender e sentir isso foi muito valioso nessa fase do Mestrado e, talvez, tenha sido um dos principais motivos que me fizeram me inscrever na segunda edição do curso e convidar mais amigas para se inscreverem também.

Entrar em contato com novas perspectivas e metodologias que priorizam, além de tudo, vivências de mulheres negras e reforçam que todos os espaços são nossos de direito, que não estamos sozinhas e que temos outras mulheres negras que abriram caminhos para quem somos agora, me estimula a seguir. É escuta, partilha, respeito e muita emoção junta. São todos esses sentimentos misturados que vivi na Academia



Preta Decolonial. Sentir tudo isso em um curso online, é uma potência latente que me inspira nos meus trabalhos e na minha vida.

No curso, pude aprender sobre a pluralidade e diversidade das mulheres na América Latina e os trabalhos desenvolvidos por muitas delas em diferentes regiões, algo que talvez não conseguiria ter contato em outros espaços, o que me leva a pensar no quanto esse curso é importante. Ao longo dos encontros, refletia o imenso vazio com diálogos com estudos que levam a perspectiva decolonial dentro da academia e que, particularmente, só tive contato fora dos espaços da universidade. Por isso, me emociona a Academia Preta Decolonial, porque o curso promove esse encontro e proporciona a diferentes públicos, o contato com autoras e autores que eu só tive contato depois de muitos anos após a graduação e distante da academia.

Essa carta é destinada às mulheres negras com quem eu troco minhas angústias e conversas sobre nosso não-lugar e sobre os lugares que ocupamos, seja na academia, no mercado e em outros ambientes. Ouvir mulheres negras e partilhar a escuta com outras mulheres negras, nos faz entender nossas histórias, nossos caminhos, nosso passado e futuro. É a porta de entrada para onde queremos ir.

Aldenor Teófilo Vieira Santos Cavalcante.

Teresina, Piauí, 22 de janeiro de 2022.



Atodas as pessoas que por mim passaram na Segunda Academia Preta Decolonial,

Sempre me senti assim, entre, no meio, espremida. De um lado, sem espaço. SEMESPAÇO. Em CAIXA BEM ALTA. O ladro branco e liso que a cor e o risco destacam. Mesmo que no mínimo. Mesmo quem se encaixa, se engana, se omite, se disfarça. Na primeira oportunidade, o destaque destaca.

Do outro, no fim, a mesma falácia. Eu não pertencia. Não era retinta. Ainda não tinha espaço. Semespaço. Pois eu era de menos, eu não era tanto, eu era pouco, eu era quase nada, limitada a não ser o suficiente. Eu estava no meio, no limbo, no nada, no vácuo. Quem eu era? O que eu era? Onde eu estava? Onde era que eu podia estar? Em que espaço?

Não sei. Mas aqui, com vocês, eu me senti conectada. Talvez por não precisar me encaixar nas brechas do e s p a ç o. Vi situações de forma ativa e passiva, me revi ativa e passivamente, revivi o que mais quero ser: alguém que modifica todo o espaço.

O espaço é gigantesco, o universo é incontável em tamanho. Mas, maior ainda é o e s p a ç o que existe a ser preenchido dentro de um ser tão espremido, apertado, acanhado, reduzido, comprimido, constrangido.

EspremidA, apertadA, acanhadA, reduzidA, comprimidA, constrangidA. Ali, acolá, naquele outro lugar lá..., mas não aqui!

Guardada, protegida, conservada e abrigada dentro da minha própria casa, apenas com uma tela, me senti segura aberta pra um novo lugar, um mar de conhecimento, um mundo de vivências, um universo de



novidades, UM ESPAÇO que também era meu, era de todos, era uma parte nossa. Uma parte que não era parte, inteira e cheia de vontade e mais espaço para caber mais alguéns, mais uns, mais umas, mais todas, todos, qualquer quem quiser.

Vivenciar esses encontros, diálogos e vivências foi pessoalmente gigante, mas, mais ainda, por me lembrar que eu não só tenho que querer pertencer a nenhum espaço, mas recordar que eu sou tantos espaços e quantos cosmos infinitos de possibilidades construo, cuido, destruo, refaço, sou.

Estar com vocês foi me sentir em movimento e não há nada que hoje sinta como mais poderoso para o que escolhi fazer como ocupação: movimentar. A Educação é isso: Ocupar e Agir. Ação no espaço, em todos os cantos, vibrando todos os cantos e encantos, em cantos, no meio, em cima, embaixo, em tudo, em todos os povos, em todas as pessoas.

Esse foi um momento de rememorar e aqui comigo comemorar que eu sou um espaço sideral, astral, celestial de Amor e Ação. Um universo, um cosmo, um infinito de transformações. Ações. Poder. Agente motivadora movedora de abrir outros, mais, todos os e s p a ç o s. Não me encaixar, conquistar. Estar lá. Ficar. Dar E S P A Ç O S.

O tempo, ah, esse eu não tenho traquejos, ferramentas para modificá-lo, segurá-lo, atrasá-lo. Mas o espaço, vocês me lembraram, que esse eu posso nem que seja mudar a consoante e transformar em Cem, no mínimo, os lugares que me são possibilitados. Obrigada por essa viagem. Sigo com um tanque e coração cheio em direção aos mundos infinitos mais brilhantes e exuberantes dentro de mim mesma.

Alexia Eloar Félix Cavalcante.
João Pessoa, Paraíba, 31 de janeiro de 2022



Carta de uma mulher que só quer ser comum

Com a licença das que vieram antes de mim, escrevo essa carta como quem aceita um desafio. É um desafio de dentro. Íntimo. O que escrevo é muito tímido se comparado ao que se passa aqui por dentro e, por isso, esse texto é só prova muito enxuta de um ajuste de contas comigo mesma que apenas começou, um risco no chão, um ponto de partida para construir meu lugar no mundo e empunhar uma causa pela qual lutar.

Depois de quase duas décadas em sala de aula, acho que posso dizer o quanto de mim é inseparável disso. Sequer, muitas vezes, conseguimos dimensionar a larguezza desse lugar de aprendizado. Foi pela sala de aula, foi pelo respeito a ela e a quem está nela, que resolvi participar das discussões da Academia Preta Decolonial, e, mesmo intuindo a potência e a magnitude que essa experiência poderia provocar em mim, jamais pensei que isso significaria um abalo tão profundo! Nas rodas de conversa, na partilha genuína de saberes, tivemos a revelação de que não estamos sós nem na alegria nem na dor.

Por meses, assistimos às falas de gente potente que escancarou em números e narrativas o racismo como o pior de nossos flagelos. Não importa se na educação, na produção cinematográfica, dentro ou fora da internet, nas mais cotidianas formas de expressão social, ele está lá. Insistente, sorrateiro ou explícito, o racismo se espraia e macula a humanidade com que sonhamos. E ele não atua sozinho. Uma opressão, que por si só já é insuportável, junta-se ao silenciamento, à ocultação, à violência que é estar no mundo como mulher, como mulher brasileira,



como mulher brasileira nordestina, como mulher brasileira nordestina preta. Essa atmosfera é, para muitas e muitos de nós, irrespirável!

Sempre me pergunto como ainda estamos aqui, por que não sucumbimos perante tantos grilhões em nossa existência, por que não desistimos perante essa força brutal... E a resposta que me vem, a única que é capaz de explicar essa nossa insistência em viver, não tem a ver com nosso presente apenas, tem a ver, isso sim, ao que nós cultuamos do passado, de um passado que está em algum recanto da memória, seja distante, seja próximo. Capoeiragem. Samba de roda. Conversa ornamentada com o fazer comida, conversa continuada com o comer comida. Oferenda para nosso espírito e nosso corpo. É disso que trata, no presente, o pacto que nós fazemos de não morrer apesar da vontade de muitos. Estarmos vivas é a mais clara prova de nossa desobediência, quando viver, na verdade, deveria ser coisa diferente: deveria ser só o nosso espraiar no ventre do mundo.

Para aquelas que virão, nós passamos a corda para trançar a vida, atando novos nós e desatando outros. Que as que virão possam descansar em vida, em nome de todas nós! Que maldades e malquerenças fiquem longe de nós! Assim há de ser! Assim será!

Ana, filha de Neide, neta de Memeca, mãe de Bia, Inácio e Berna.

Ana Cláudia Gusmão.

Salvador,Bahia, 13 de janeiro de 2022.



A vida nos dá presentes inesperados... e permanentes

As histórias importam. Muitas histórias importam.

As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.

Chimamanda Ngozi Adichie

Querida A.E,

Você não sabe, mas espero um dia poder te contar que, mesmo com sua pouca idade, você foi uma aluna que, desde 2019 – ano em que te dei aula, trouxe e ainda vem trazendo mudanças significativas para minha vida enquanto pessoa e educadora.

A partir de uma colocação sua numa das etapas de construção do nosso Clube de Leitura, lá na turma de 1º ano, quando sugeriu que em nosso acervo tivesse livros de Literatura Infantil que falasse sobre Orixás, ou especificamente sobre Iemanjá, comecei a questionar minhas leituras de mundo, as quais eram muito eurocentradas. Naquele momento pensei na riqueza da sua colocação, que seu desejo precisava ser atendido e, ao mesmo tempo, falei comigo mesma: “Caramba! Eu não conheço nenhum livro!”.

Tratar da temática étnico-racial ao longo de todo o ano letivo, e cuidar para que personagens negros e negras estivessem sempre presentes nos livros trazidos para nosso momento de rodinha, já era uma preocupação que nós, professoras da equipe do 1º ano, tínhamos estabelecido como meta de trabalho. Contudo, esse seu desejo despertou em mim um olhar ainda mais especial para o que já vínhamos realizando,



por ser inabitual que crianças da sua faixa etária demonstrem esse tipo de interesse devido as vivências de uma sociedade eurocentrada.

Negra, com nome de Orixá, filha de uma bailarina, coreógrafa e professora conceituada de dança afro, e de um músico, escritor e pesquisador da cultura africana, você, ao contrário de muitas crianças, tem referenciais de identificação e empoderamento muito presentes em sua família. E isso me cativou de tal forma que senti o desejo e a necessidade de ampliar meu conhecimento a respeito da temática racial no que tange aos processos pelos quais as crianças, especialmente as negras, vão construindo sua identidade, tendo como cerne a escola, as práticas pedagógicas e as ferramentas que ali são utilizadas para a afirmação da identidade e empoderamento de meninas e meninos negros como potência na luta antirracista. Foi então que comecei a pesquisar, me interessar cada vez mais pelo assunto e, inclusive, foi o que me fez chegar ao mestrado, na linha de pesquisa de *Ensino de Humanidades e Perspectivas Decoloniais*, porque não foi tarefa fácil conseguir livros infantis que falassem sobre Orixás em livrarias físicas. Questionei-me sobre o pouco espaço dado à literatura com temática afro, sobre o racismo, e vi a necessidade de estudar para construir novas epistemes a partir de um pensamento mais crítico sobre a construção do conhecimento e sobre como funcionam as estruturas sociais, principalmente quando se trata da questão racial e das divindades de religiões de matriz africana.

A partir disso, eu comecei a refletir acerca dos livros que circulam entre as crianças, sobre a importância da representatividade negra na literatura para a infância, da ampliação de repertório literário de obras com protagonismo e autoria negros, de histórias que resgatam a ancestralidade africana voltadas ao público infantil, que até então eu



desconhecia, e passei a pesquisar sobre o tipo de literatura que nós, educadoras e educadores, estamos oferecendo a nossos estudantes. Passei a ter um problema de pesquisa.

De 2019 para cá, participei de muitas formações continuadas que têm enriquecido muito meus conhecimentos. Dentre elas, as duas edições do *Curso de Extensão Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas*, oferecidas pelo *Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos – Maria Firmina dos Reis*, em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, nos anos de 2020 e 2021.

Posso dizer que foi um curso maravilhoso, repleto de aprendizagens e discussões sobre temáticas que me foram negadas anteriormente, na minha formação inicial, e que certamente incidirão em minha prática de sala de aula. Cada módulo do curso me possibilitou aprender, compreender e refletir criticamente sobre a diversidade de saberes e de posicionamentos a respeito da temática étnico-racial, tão cara para o ser negro, e remeteram a uma profunda análise do meu cotidiano pessoal, profissional e de pesquisadora.

Queria que soubesse que você foi um divisor de águas para mim, pois a partir daquele dia em que você nos sugeriu compor o acervo do nosso Clube de Leitura também com livros sobre Orixás, percebi o quanto a lógica colonial está impregnada em muitos mais aspectos da sociedade do que poderia supor. Você me possibilitou expandir meu conhecimento sobre assuntos tão relevantes para o campo da educação, refletir e atuar sobre a necessidade de se pensar num currículo menos eurocêntrico e menos hegemônico, e do quanto isso é fundamental para lutar em prol de



uma sociedade antirracista. Sei que agora tenho condições para contribuir com essa pauta tão importante.

Sabe, A.E, a prática docente tem algo do inesperado e do dinâmico que a teoria nunca vai apreender totalmente. E o fato de podermos ser completamente surpreendidos na relação com o outro é o que a torna uma experiência tão incrível. Hoje, sou pesquisadora na temática, já ofereci o meu próprio Curso de Extensão para formação docente, e tenho semeado e colhido os frutos de um trabalho que, mesmo de formiguinha, auxilia na luta por uma educação antirracista. Esse presente ficará guardado no meu coração, para sempre.

Eu te agradeço, com todo carinho.

Anna Paula Bahia Pessanha Lima¹.

Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 2022.

¹ Possui graduação em Letras nas áreas de Língua Portuguesa, Literaturas e Inglês (UNIGRANRIO); especialização em Língua Portuguesa (UNIGRANRIO). Mestranda do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB-CPII). Professora do Departamento de Anos Iniciais do Colégio Pedro II. Membro pesquisadora do Laboratório de Estudos em Educação e Diversidade (LEDi-CPII). E-mail: apb.pessanha@hotmail.com.



Companheira na caminhada

Amada irmã,

Ontem vimos nas redes sociais mais um vídeo de racismo cometido contra um corpo negro, em que novamente somos desumanizados e retratados como macaco. Para além de nossa indignação imediata, você disse “*estou cansada*” e apesar de não ter lhe dito nada ontem, hoje eu gostaria de expressar algumas palavras.

Eu lembro de alguns anos atrás em que, provavelmente, o mesmo vídeo teria passado por mim sem maiores aflições, pois como bem sabes, só há pouquíssimo tempo fui me reconhecer como uma mulher negra e isto aconteceu somente porque fui confrontada com tais questionamentos dentro da universidade. Em minha pele negra não-retinta, com meus cabelos ondulados, que facilmente passaria por lisos, em nosso privilégio de crescer em meio a classe média ascendente, onde tudo é encoberto em favor da boa aparência, usei e abusei da “negociação da cor” (JESUS, 2017, p.90). Uma estratégia de sobrevivência que em meio a tantos sofrimentos que passávamos em ambientes hostis, eu não precisava de “*mais uma dor*”. Porque esse processo de autopercepção e conhecimento é sim doloroso, estudar e saber mais da nossa história enquanto comunidade negra faz com que repensássemos tantas situações e descobrirmos diferentes formas em que fomos violentadas pelo racismo e sexism.

Contudo, não foram somente situações dolorosas que passamos, mas muitos momentos de alegria, satisfação e alívio, por finalmente saber quem sou e onde estou, um sentimento de pertencimento que me fez valorizar inúmeros detalhes, seja a nossa cidade, rica em cultura negra e



originária, seja os saberes tradicionais da nossa avó, ou até mesmo meus traços negróides que tanto odiava na adolescência. Esse sentimento é ainda mais compartilhado e crescente quando participo de eventos, como a Academia Preta Decolonial, em que entro em contato com tantas histórias, vivências e conhecimentos. É aquela satisfação e orgulho de ver Thiane Neves difundido a produção paraense, em que determinados momentos precisava explicar algumas questões básicas (para nós) sobre o nosso Estado para tantas pessoas que desconheciam nossa realidade, ou ver a valorização da professora Zélia Amador, a quem tanto aclamamos, mas que é pouco valorizada em um contexto nacional.

É também escutar Andréa Rosendo e se interessar ainda mais pela perspectiva decolonial e valorizarmos a produção intelectual de nossos pares e inserir em um meio branco e eurocêntrico como são as universidades. Não somente pensando na área teórica, mas também na prática, na interculturalidade, principalmente quando escutamos as vivências de nossa avó, negra, que não pôde concluir a escolarização, mas que seu Conhecimento a partir da sua própria realidade nos traz muitos aprendizados.

Então minha irmã, eu sei que está cansada e acredito que esse cansaço nos acompanhará durante toda a nossa vida. Mas saiba que quando ele for demais para carregar, pare, descanse e compartilhe o peso. A nossa caminhada é longa e difícil, mas como bem sabemos, nunca percebemos o tempo e nem a distância se estivermos acompanhadas.

Bárbara Leal Rodrigues.
Belém, Pará, 31 de janeiro de 2022



No caminho da desconstrução

Minha querida família,

Eu gostaria de compartilhar com vocês minha experiência no curso que fiz da Academia Preta Decolonial.

Desde o dia que a capoeira entrou na minha vida, a través de ti, meu amor, que ao longo dos anos se tornou meu companheiro para a vida, eu tive a oportunidade de conhecer uma outra realidade e iniciei meu processo de furar a bolha de privilégios da branquitude na qual eu fui educada. E quando você, minha filha, chegou em nossa vida, esse processo se intensificou muito.

Neste processo de despertar, decidi tomar a pílula vermelha do *Matrix*. Escolhi entender a verdade por mais inquietante, triste, dura, desigual, preconceituosa, racista e genocida que seja. Decidi olhar para a dor, antes que estar vivendo na ignorância cômoda, privilegiada e cega.

Fui entendendo que o assunto é muito mais complexo, e fui descobrindo um sistema com uma estrutura racista e sobre a importância e o dever que temos como cidadãs, de sermos pessoas antirracistas. E sinto que o meu comprometimento deve ser, ainda maior, pois somos uma família interracial, sou casada com um homem preto, periférico e tenho uma filha afrodescendente. Cada vez mais aumenta a necessidade e vontade de aprender, entender e estudar para poder colaborar na luta antirracistas e também contra qualquer outro tipo de preconceito.

Desde então, comecei a buscar o entendimento dessa engrenagem racista, opressora e preconceituosa e também a procurar uma forma de sair dessa caixa colonial e ter ferramentas para ver, pensar



e entender o mundo de outra forma. Na procura destes meios, um dos caminhos que eu encontrei foi a Academia Preta Decolonial, onde pude escutar, aprender e me empapar na sabedoria e pesquisa de pessoas incríveis, que me fizeram ver como estamos atados, e formatados, em conceitos e valores tão arcaicos e coloniais.

Este curso é de extrema importância e nos mostra a amplitude das práticas preconceituosas e racistas e como elas atingem diversos setores, como uma erva daninha. Tive a oportunidade com esse curso de ver propostas e formas de caminhos alternativos, de ver e sentir o mundo, como a Cosmovisão, que acredito, como praticante de religião de matriz africana, reproduz muito dos ensinamentos dos Orixás.

Passar por esse processo foi muito dual. Senti muita tristeza por entender que o engendro da branquitude e a escravização, reverbera de forma latente, nos mais diversos âmbitos. Mas feliz de saber que os ensinamentos dos povos originários também estão ganhando força e visibilidade.

Assim que eu sou muito grata a *Academia Preta Decolonial* por proporcionar tantos ensinamentos para seguir na caminhada da desconstrução. E estou esperando ansiosa a próxima edição para poder seguir aprendendo e evoluindo.

Eu fico muito feliz de poder compartilhar isso, já que vocês são muito importantes para mim e queria que soubessem como foi minha vivência. Sou muito agradecida aos orixás por tê-los ao meu lado.

Amo vocês.

Um beijo, Bruna

Bruna Ferraz Dumont



Nas encruzadas da vida, há amizade

Com carinho às minhas amigas leais, Teresa Canabarro dos Santos e Valéria do Amaral,

Espero que ao lerem esta carta estejam com saúde, esperança em dias melhores para o povo preto, e principalmente se amando muito mais!

Gurias, não é exatamente minha intenção escrever uma carta de amor para vocês, mas é que participei do curso de formação promovido pela II Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas cujos conteúdos reafirmam nossa cultura, posturas políticas vindo de ativistas e antirracistas revigoraram a caminhada. O curso me fez retornar ao passado de esperanças políticas em comum. Ao longo de alguns muitos anos, posso afirmar que criamos laços historicizantes de afetividade.

Foi muito interessante os conteúdos abordados e, confesso, com o acúmulo de memórias adquirido ao longo de meus 61 anos de idade, várias temáticas me conduziram ao período que iniciamos nossas amizades que já dura bem mais de quarenta anos. Lembro que nos conhecemos nas reuniões do Movimento Negro Unificado que ocorriam semanalmente em uma das salas do alto do Mercado Público de Porto Alegre/RS. Talvez em 1988 ou 1999. Nesta época nós éramos mais ouvintes que debatedoras e estávamos chegando em terreno minado para as mulheres. Arriscar a ser uma pensadora negra nesta época era estar preparada para a agressividade das eloquências acadêmicas de alguns militantes. Este foi um período que os/as simpatizantes da causa política



de combate ao racismo eram convidados/as a se enturmarem e aprofundar esta discussão.

E quase toda a semana nós estávamos lá, silenciosas, sentadas em antigas e desconfortáveis cadeiras de madeira. Nossa diálogo interno dava-se por entrecruzamentos de olhares. Mas era sairmos da reunião que a mulherada ficava mais à vontade, falante e segura para dar suas opiniões sobre o que entenderam e do que ficou confuso da reunião. E são destas experiências, nem tão particularidades e singulares que desencadeamos o feminismo negro brasileiro!

Esta intimidade começou assim, com uma base de confiança, e cada uma ao seu modo já intervivia politicamente no seu local de trabalho. Mas com direito de aproveitar um feriadão que surgisse e acamparmos na Praia das Pombas, localizada na Lagoa dos Patos/RS.

Fomos para as ruas em inúmeros protestos por mais democracia. Na votação do impeachment de nossa presidente Dilma Rousseff ocorrido em 17 abril de 2016, estávamos na Praça da Matriz acompanhando a votação e, nisso, tarde da noite de um domingo muito quente, e você Valéria, vem nos dizer: “*Passei minha juventude nas ruas protestando e infelizmente vou morrer assim*”.

É que as vezes fico pensando nos esforços dedicados na luta antirracista, e tenho a impressão de que comparado as fases fílmicas moçambicanas, apresentadas pelo professor Fulane Djanarane, sempre estaremos nos entre-lugares de disputa de narrativas entre a do colonizador e da luta de libertação, sem atingirmos a independência do protagonismo estrutural de uma Nação antirracista e democrática.

Hoje, primeiro dia útil de 2022, primeira segunda-feira do Orixá Bará, neste ano de Osun, segundo o Batuque do RS, retorno a minha escrita, sem estética, procurando um ritmo que não está na



descontinuidade das felicitações renovadas de virada de ano. Neste intervalo da escrita, na compreensão do tempo e do ritmo senti minhas costas contraírem repinicando em meu ventre, logo eu, e vocês bem sabem disso, que decidi muito cedo não seguir a maternidade de forma tradicional. A gravidez me aterrorizava e com o tempo aprendi a gestar o meu trabalho e minha vida com menos ansiedade sobre o futuro.

Porém me deparei com o resultado positivo dos exames de PSA que meu irmão realizou e o compromisso assumido após a morte de minha mãe, por ele ser portador de esquizofrenia. Talvez vocês não saibam, mas nas várias crises que ele fez ao longo dos anos, sempre surgiu um delírio de um suposto abuso sexual sofrido por um rapaz que seria conhecido de sua turma de amigos adolescentes. Nunca conseguimos, a família, confirmar o ocorrido, mas a questão que para ele era fundamental, pois tratava-se de sua honra, que em dimensão de sua compreensão abrangia uma retratação cósmica. Reconheço a probabilidade de terem ocorrido humilhações, constrangimentos e da sua dificuldade de trazer estas questões para dentro de casa. Mas também entendo que os machos estão entre nós.

Trago esta questão para vocês, porque relatei com a proposição da professora Letícia Nascimento trazer a temática do transfeminismo para o curso. Ela abordou sobre as orientações sexuais e o comportamento político e cultural decolonial de romper o conservadorismo. De início, questiona a categoria gênero. E disse mais, e estou procurando ser fiel às suas palavras, mas podem ter sido mais ou menos assim: “Colocar no âmbito da cultura as diferenças em base biológica pelo sexo... gênero é construção cultural e social, marcados pelo poder e pela política... Gênero é produção, mas atrelado ao



conservadorismo biológico, determinismo biológico pelo sexo, gênero é construção cultural.”

Com sua proposição ativa de desconstruir a narrativa conservadora e dar voz às pessoas que não se enquadram nesta perspectiva, ela trouxe uma crítica fundamental do transfeminismo ao feminismo. “É preciso romper o binarismo entre sexo e biológico, é o gênero que produz o sexo, corporalidade sexuadas...”

Então, minhas pretas, enquanto vemos lideranças femininas ativamente à frente garantirem um atendimento qualitativo no setor da saúde em geral e, especificamente, na obstetrícia, tropeçamos no constrangimento do gênero masculino para a realização anual dos exames de próstata. Seria, cá entre, seria o mito do buraco quente?

Tê, ontem, dia 09 de janeiro, tive a felicidade de ser visitada pelo Preto Velho, ele disse: “Se acalmem tudo está sendo resolvido, ele vai ficar bem”.

Hoje reconheço a força da Arché atuando com sua sabedoria, lubrificando a bioquímica espiritual de minha família e, vamos avante!

Abraços, e vamos marcar um churrasquinho aqui em casa.

Agradeço à Academia Pretas Decolonial pela oportunidade de ampliar meus conhecimentos.

Até breve!

Carmen Marilú Silva dos Santos.



Reflexões para posteridade

Prezado leitor,

Venho por meio desta relatar-lhe um pouco de minhas vivências e aprendizados para que entenda as questões aqui apresentadas.

Esclareço aqui que até então gozei dos privilégios que não eram meus, por isso quero lutar por igualdade racial.

Como negra advinda de uma família inter-racial, demorei a compreender a extensão e profundidade de minha negritude.

Fui vítima de racismo e demorei para compreender porque as pessoas não comprehendiam que eu era filha da minha mãe, mulher branca.

Não comprehendia que eu era excluída de espaços, fotos e porque ninguém acreditava que uma pessoa branca havia se relacionado com uma pessoa negra e dado à luz a uma criança igualmente negra.

Acreditei que era por causa do meu cabelo. Aquele cabelo sempre cheiroso, parecia indomável, que não cabia em laços pequenos e que me fazia sofrer diante dos apelidos que ele me fazia receber, era bruxa do 71, Elvira e Leão. Este último eu até gostava, acreditava que tinha relação com o sobrenome da minha mãe, mas não tinha.

Acreditei que eu odiava meu cabelo e que alisá-lo seria a solução (mas não foi). Queria muito assumir o papel principal na peça da escola, mas a menina escolhida tinha o cabelo liso, liso como seda. Meu cabelo sempre estragava tudo (era o que eu achava, não tem nenhum problema com o meu cabelo, mas eu não sabia).



Cabelo alto. Cabelo assanhado. Cabelo rebelde. Parecia que nada combinava com meu cabelo. Era uma cabeleira livre e não aceitava ser domada.

Estando na cabelereira por várias vezes sentindo o cheiro horrível daquele alisante acreditava ser algo bom. Aquele processo lento e doloroso fazia acreditar que eu seria aceita, mas não fui.

Na adolescência os apelidos cessaram, mas eu nunca era escolhida para as atividades em grupo a não ser pelo grupo de negros que, assim como eu, eram preteridos pela turma.

No começo da vida adulta quando estava à procura de emprego passei por uma seleção e fui excluída num processo seletivo com mais doze meninas porque uma menina branca tinha boa aparência e nós as outras candidatas não tínhamos, segundo o recrutador, mas o que seria uma pessoa de boa aparência? Minhas vestes estavam limpas, a das outras meninas também, nossos currículos eram bons, o da moça branca nem tanto, mas ela tinha os cabelos lisos e os olhos verdes, seria isso a boa aparência?

Em 2006, quando tive o meu filho, fui vítima de violência obstétrica, na hora do parto fui submetida a esforço para efetuar o parto ouvindo frases como: - *Você é uma preta forte, você consegue. Empurra. Empurra. Você é preta, você aguenta!*

E só quando viram que eu não estava dilatando mais é que efetuaram a cesariana. Na hora eu não me concentrei nas palavras, só queria que o bebê nascesse, mas desde de pequena eu frequentemente ouvia essa frase. Me acostumei a achar que pretos eram mais fortes do que brancos e isso tudo me incomodava.

Passados alguns anos, coisas como essas começaram a me incomodar mais. Havia tido um filho branco, levava ele para faculdade,



mas frequentemente era parada pelos corredores por outras alunas perguntando-me quanto eu cobrava para cuidar de crianças. Sempre respondia que eu não cobrava nada porque eu não trabalhava com isso, eu era empregada pública federal ao que a surpresa era dupla das minhas interlocutoras. Ouvia:

-Pensei que você fosse babá porque você não se parece com o bebê.

-Pensei que fosse babá, desculpe.

-Mas ele é seu mesmo ou é adotado?

E outras falas que não tinham nenhuma conexão com a conversa e pra desconversarem o mal feito diziam:

-Ah, entendi, você sabe onde tira xerox? (todo mundo sabia onde ficava o local da fotocopiadora)

-Você viu professor fulano?

E assim foi por diversas vezes. Quando não respondia as perguntas sempre era tida por mal educada, mas elas não ligavam de me fazerem perguntas inconvenientes.

Quando me casei fui morar em outra cidade, então na parada de ônibus mostrei a foto do meu marido para uma vizinha ver se ela conhecia ele, ela ficou surpresa e exclamou: - Nossa, ele é branco. Emudecemos. Outras mulheres que estavam próximas fecharam a cara pra ela e eu fiquei calada. Ela abaixou a cabeça, subimos no ônibus e não mais nos falamos.

Passados alguns anos, deparei-me com o assassinato de George Floyd, indignei-me com a notícia e comecei a estudar sobre as questões raciais, além de virar ativista e pesquisadora.

E foi em 2020, que, entendi que fui vítima de racismo, várias e várias vezes, mas isso precisava parar, eu não estava disposta a ser vítima



de novo. Fui estudar precisava entender melhor o sistema racista, para ser antirracista e ajudar a desmontar esse sistema.

Foi no meio do ano de 2021 que tive a grata surpresa de que haveria o módulo dois da *Academia Preta Decolonial*, fiquei empolgada por mais aulas para embasar a luta contra o racismo, que infelizmente, não se sabe quando vai acabar.

Para posteridade fica o registro de que o racismo marca a vida das pessoas de uma forma avassaladora, mas a gente pode e deve combater ele com os estudos decoloniais, temas afrocentrados e letramento crítico racial para que toda dor decorrente do racismo e de suas engrenagens sociais fiquem no passado e que no futuro isso não exista mais.

Cinthya de Fátima do Amaral Cordovil Oliveira.
Hortolândia, São Paulo, 31 de janeiro de 2022.



O amor como dimensão política – pelo nosso bem viver

*Filha da terra vou te contar um segredo
Na tua força não mora só dor
Você é sobrevivente
Fênix Você é sobrevivente
Que não mais as correntes estejam no teu pescoço
Mas sim as penas dos pássaros
Pra te fazer voar Por outra dimensão
Filha da terra
– Kaê Guajajara*

Hoje é um dia após o fim da passagem material em vida da eterna bell hooks (1952 – 2021) para sua imortalidade, também material, pelos seus escritos, mas além disso, pelo seu pensamento que continuará reverberando em muitas mentes, corações e novas produções textuais.

Certamente não era dessa forma que eu gostaria de abrir esse texto que é escrito com tanto sentimento e respeito, mas não pude deixar de adaptar essa apresentação após o acontecimento com a grande influenciadora do próprio título e dessa forma de pensar e estar no mundo que brevemente irei comentar aqui.

A temática do amor foi a primeira que veio à minha mente quando recebemos a proposta final da atividade da Segunda Academia Preta Decolonial. Mas a partir desse tema, inúmeras poderiam ser as



abordagens e ainda as pessoas a quem poderia endereçar uma carta sobre a temática.

Algumas possibilidades de pensamentos que poderiam me ajudar na criação desta narrativa poderia ser uma carta de amor para o meu companheiro, para as mulheres que são importantes e possibilitaram o meu crescimento, para amigues que me cercam, e até mesmo para as pessoas que eu, assim como outras milhares de pessoas, perdi durante a pandemia e me fazem sentir o amor e respeito por quem veio antes.

Quando coloquei as possibilidades no papel, percebi que em comum as diferentes pessoas e perspectivas de amor que aqui poderia traçar, a liberdade se fazia como um pensamento comum a grande maioria, senão todos, ainda que em diferentes contextos e escalas.

Foi dessa forma que prontamente lembrei de bell hooks e toda a sua construção teórica e narrativa do amor como um ato político, como uma escolha que todo dia fazemos e muito, muito além da ideia hegemônica de amor romântico ocidental.

As colonialidades, entendidas como múltiplos imaginários sobre a forma que vemos e nos portamos no mundo, a partir dos seus modelos universais, apresenta também um padrão e uma espera de ações e afetos correspondentes ao imaginário do amor, sendo assim, em diferentes culturas as práticas se naturalizam tanto a ponto de serem confundidas com a própria noção do que seria o amor em si (LIMA, 2015).

No livro intitulado *Tudo sobre o amor*, bell hooks (2021) nos convida a pensar o amor como um empenho para nosso próprio crescimento, acompanhado de outra ou outras pessoas, tendo em vista que o amor não é individual, pelo contrário, ele se dá na coletividade. Mas é necessário ainda que nos permitamos estar abertas/os para reaprender a lidar com o outro, com o diferente, com o novo e inesperado.



É preciso repreender a experienciar e vivenciar o amor, sobretudo a partir da perspectiva apresentada pela autora, onde o amor não é a necessária ligação entre desejos sentimentais e carnais, e sim o amor visto como uma ação política, uma ação que é transformadora na sua busca pela libertação pessoal e coletiva, é enxergar o amor como “uma forma de enfrentamento à exploração em qualquer modalidade” (NOGUERA, 2021, s/n).

Quando penso nas pessoas que mencionei acima (companheiro, amigues, familiares, e em especial algumas mulheres) o sentido de amor que se expressa em mim não é esse comercial, individual e liberal, e sim um amor que me permite ser livre, que me incentiva a ser livre, e de forma relacional, ao me permitir e incentivar a liberdade me transforma e é transformado.

É buscando uma liberdade de ser e estar no mundo, buscando uma sociedade onde tenhamos um pleno bem-viver, que meus caminhos vão sendo moldados, minha forma de ler o mundo, de pensar, de argumentar, mas em especial, a forma de me relacionar. É nessa meta que a expressão de cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, comprometimento e confiança vai sendo reafirmada todo dia, ainda que com altos e baixos, afinal, estamos tentando e em contínua aprendizagem.

De acordo com Aza Njeri (2020) o amor se dá pela pluriversalidade e possui um caráter político-poético que “estimula o movimento frente a qualquer opressão humana” (p. 43). É a defesa e legitimidade dessa pluriversalidade nas experiências humanas que me permite, ainda, ter esperanças, são nessas micro relações que podemos experimentar e usar criatividades afetivas para além dos padrões universais ocidentais.



Ainda de acordo com a autora é esse amor que nos permite o processo de cura, ponto fundamental para uma recuperação ancestral de bem-viver e de liberdade, sendo assim, o amor liberta, não porque é algo transcendental, mas sim pelo seu caráter político-poético que se dá na prática, na ação e no presente.

O que sou capaz de entregar com fins coletivos, algo que alcance pessoas além do meu ciclo de contato, é a minha energia intelectual revestida neste escrito que nasce com muito amor. Amor pelos que se foram, pelos que permanecem próximo, por aqueles que estão longe, mas também por aquelas/es que compartilham energias vitais em busca de uma transformação libertadora para todas/os/es.

Este amor empregado em forma de energia intelectual é oriundo de uma prática que cotidianamente precisa ser reafirmada, afinal, amar de forma político-poética não é algo “natural”, não é simples, não é fácil. É preciso buscar sempre um crescimento pessoal, mas também almejar que pessoas que eu ame me acompanhem nesse crescimento, e quando faço isso de forma intelectual, dedico tempo, expresso comprometimento, responsabilidade e fidelidade a ideais mais humanos.

Me permitir diariamente reafirmar tais votos e buscar me fortalecer é uma das maiores provas de auto amor, e de amor coletivo quando penso em melhorias pra mim, para os meus e para nós. Digo nós e incluo você nesse texto com muita facilidade, afinal, se você está interessada/o em uma leitura como essa é sinal que o entendimento por reaprender já se faz presente, ainda que na prática seja realmente mais difícil, apesar de igualmente necessário.

Para finalizar, apresento uma nova relação do amor, uma relação atrelada à educação, à partilha, aos afetos e ao conhecimento. Relações essas que se fizeram presentes do início ao fim da Segunda Academia



Preta Decolonial. Desprender tempo, energias, trabalho e outras diversas nuances para a idealização e concretude de um curso como esse não é feito sem o entendimento desse amor político-poético.

Às idealizadoras, continuarei desejando as melhores vibrações e energias possíveis para continuarem reverberando no mundo de forma crítica e subversiva. As e aos cursistas, que consigamos continuar resistindo e usando desse amor político para a transformação que nos permita ser livre de todas amarras. As e aos palestrantes que com muito afeto e cuidado compartilharam resultados de suas energias intelectuais e nos impulsionam na busca pelo entendimento e pela prática de um amor político-poético.

Cíntia Cristina Lisboa da Silva.
Ponta Grossa, Paraná, 16 de dezembro de 2021.



A cor e a identidade: o encontro com o eu

Falavam que eu tenho sorte, eu disse-lhes: eu tenho audácia

Carolina Maria de Jesus

Olá, Rosângela!

Hoje, senti a necessidade de escrever-te para socializar com você acerca do meu reencontro com a *Segunda Academia Preta Decolonial*, graças ao *Núcleo Maria Firmina dos Reis*, tive uma experiência surreal, transformadora, não só no campo das ideias, todavia enquanto ser humano, enquanto mulher preta, que luta por uma educação antirracista em nossos espaços escolares. Abriu possibilidades de reflexão sobre o eu, o outro e o nós, assim como também um ressignificar do meu fazer pedagógico a luz da imersão no arcabouço teórico e/ou relatos de experiências oferecidos pela Academia Preta.

Essa imersão da qual falo, foi um ciclo que se iniciou no dia 22 de setembro de 2021 com término no dia 18 de novembro de 2021. Um mergulho dividido em etapas. Andrea Rosendo, Assunção Aguiar, Dai Sombra, Denise Carvalho, Francy Silva, Fulgencio Muchisse, Herli Sousa, José Carlos Messias, Letícia Nascimento, Priscila Elisabete da Silva, Renata Nascimento, Rosenverck Estrela e Thiane Neves com mediação de Michelly Carvalho e Leila Sousa. Vozes decoloniais, transformadoras, potentes, empoderadas e carregadas de significado, as quais foram capazes de me fortalecer a cada mergulho, onde tive o privilégio de aguçar meus sentidos, seja no olhar, no sentir ou no ouvir.



Despertei uma grande paixão por todas essas vozes, porém teve uma em especial que tocou-me de um jeito diferente, foi como um bálsamo para minha vida, essa voz tem um nome e chama-se Francy Silva, deu voz e vida ao módulo I da Academia Preta Decolonial, intitulado “*Pedagogia afro afetiva: uma experiência de emancipação*”. Identifiquei-me com a fala da Francy, pois mostrou-me que ao longo do nosso caminhar, devemos carregar nas bagagens, nossas raízes, origens, histórias, ancestralidade e que jamais podemos esquecer do lugar de onde viemos, são esses elementos que nos constituem enquanto ser que luta por espaços que nos foram negados ao longo da história. Outro ponto de sua fala que produziu encantamento no meu ser, foi o educar a partir do afeto, de uma pedagogia afro afetiva, que se confunde com o amor de mãe, com o colo de mãe, aconchegante, acolhedor, compreensivo, confidente e que sempre tem espaço para mais um. Confesso-te que após esse mergulho nas vivências de Francy Silva, fui ao encontro do meu eu, realizei um resgate de minha identidade e historicidade, enquanto mulher preta.

Axé!!!!

Afroabraços....

Elizangela Souza Meireles.

São Luís, Maranhão, 31 de Janeiro de 2022.



Dos presentes para uma vida

Presentes. Sempre considerei difícil dá-los. Quando pensamos neles, logo nos vem à mente a imagem de algo embrulhado em uma caixa bonita e um laço de fita no topo dela. Isso significa que seriam materiais. Seriam de comer, de passar no corpo, de vestir, de colocar na casa. Seriam de se usar. O capitalismo se incumbiu disso. Associou dar algo (e ser feliz) com aquilo que precisa ser comprado. Por um tempo, eu pensei em presentes apenas dessa forma. *“Vou ali à loja e compro. Coloco em uma em embalagem bonita e pronto!”* Meu inconsciente compreendia isso como uma demonstração de meu amor por aquele outro ser. Até tem psicólogos que afirmam, tais como Gary Chapman (2013), que a ação de dar presentes é uma linguagem do amor. Porém, para mim, presentes não tem a ver com celofane. Prefiro ofertar o que ninguém pode te tirar, nem mesmo o tempo. Exemplifico isso em duas opções aplicáveis: conhecimentos e experiências. Compreendo que o vivenciado e o aprendido são mais valiosos, eles vão lá dentro da mente, da alma, da identidade, e passam também a integrar quem somos. Por isso, o que venho te ofertar é um presente sim. Porém, antes, quero levantar algumas questões.

Quando me entendi gente, me entendi feminista. Percebi que o mundo não me permitia ser o que eu queria ser. Ele insistia em me dizer um monte de não’s e cuspir imposições e palpites não solicitados. Contudo, ao longo da minha juventude, esse sentimento se intensificou. Durante a graduação em jornalismo, para além das teorias e da prática da minha futura profissão, também conheci a Teoria Feminista e de Gênero. Assim, compreendi que a sociedade em que nasci e vivo não é feita para



mulheres. Ela é desenhada e re-desenhada constantemente por e para homens. “*O meu corpo não seria só meu. As minhas escolhas não seriam somente minhas. Elas deveriam servir a um bem maior, ao bem masculino*”. Para mim, a pílula do conhecimento me desvelou a *Matrix* do patriarcado. Ah! E como me identifiquei com essa crítica.

Porém, a teoria que conheci, tratava somente do feminismo para um tipo de mulher, aquele que, supostamente, todas éramos ou deveríamos desejar ser. Por um tempo, confesso que anos, foi esse meu entendimento de feminismo. Os anos passam, os conhecimentos se ampliam e a visão para um mundo que não era o meu também. Que bom, não é! Enxerguei que nem todos estavam inclusas naquela teoria (e prática) a qual tive contato. Era apenas um contato com a superfície. Não é fácil compreender que feminismo não é só para um tipo de mulher, mesmo que eu esteja inclusa nesse perfil. Esse entendimento não é algo que se bebe com água ou se aprende em um download. É jornada constante. Meu presente para você, querida, tem a ver com o colocar o pé nesse caminho de tijolinhos amarelos.

Feminismo não é olhar só para si. É olhar para a outra, seja ela parecida ou não com você. Mas, como defende Marcela Lagarde y de Los Rios (2006), não é amar todas as mulheres em todas as circunstâncias. Ou vestir uma camiseta que materialize uma fala feminista. É luta e pactos políticos. Hoje, aquele feminismo que conheci - o hegemônico (de mulheres brancas, cis, de classe média e alta) - atua como a porta de entrada para o não padrão, aquele que diz a partir das margens, da fronteira (ANZALDÚA, 2015). É aquele que também fala a partir do sul-global, em uma perspectiva decolonial, preta, indígena, LGBTQI+, trans, da periferia. Falar de feminismo de um local equânime seria falar de



todos, todas e todes. Não vê-lo e defendê-lo assim é ir na contramão de um mundo que tenha muitos tons, classes e idiomas, por exemplo.

Por isso, minha amiga, o que venho te dar de presente é uma sugestão. É um curso gratuito e online nomeado como “*Academia Preta Decolonial*”. Encontros emocionantes, recheados de conhecimento. Aquele espaço, me permitiu ampliar essa visão e teoria de que o feminismo é diverso, pois, somos diversas. Espero que, assim como eu, você faça o curso e sinta o que senti, aprenda o que aprendi e, até mais. Não esqueça de assistir às aulas com um lenço do lado! Tem muito choro envolvido. O reconhecimento da própria dor e da dor da outra, infelizmente, também passa pelo feminismo. Esse é meu presente de ano novo para você. Espero que esses conhecimentos e experiências também passem a te habitar como, hoje, me habitam.

Com carinho.

Laila Carolline Silva de Melo Dourado.

Brasília, Distrito Federal, janeiro de 2022.



Pelas mãos da mulher negra

“A liberdade é uma luta constante.”

Angela Davis

Vivenciar a *Academia Preta Decolonial* é uma emoção que não pode ser mensurada
Aqui ninguém está acima ou abaixo e nenhuma voz é silenciada.
O afeto recebido nos faz sentir que somos vistas e ouvidas
Finalmente compreendidas e de fato apoiadas e encorajadas.

A cada encontro a oportunidade de nos conhecermos – e nos reconhecermos
Potentes palavras difundem aprendizado – construindo nosso legado.
Em cada tela, em diferentes lugares, não vejo apenas professoras e espectadoras Porque, indiscutivelmente, para além disso, todas somos mulheres inspiradoras.

Depoimentos de luta, resiliência, transformação, resistência Reafirmam para o povo preto o quanto significante é nossa existência. E, embora presencialmente ainda não estejamos de mãos dadas,
Sabemos que a união foi semeada e continuaremos juntas nessa jornada!



Atentas aos timbres, sotaques e vozes firmes – ora embargadas
Em cada aula floresceu esperança que nos fortalece na árdua
caminhada.

Descolonizando pensamentos entre muitas
afrolatinoamericanas conectadas
Conhecimento é poder em nossas trajetórias intercruzadas.

Se antes eu me perguntava “*quem sou eu e qual é o meu lugar, afinal?*” Hoje eu sei, sou mulher negra, aguerrida e tenho meu potencial.
Se estou aonde estou é porque meus antepassados lutaram por mim
Sinto orgulho em dizer “*minha cor e meus cabelos me definem sim!*”

Nayara Nascimento de Sousa.
Imperatriz, Maranhão, 31 de janeiro de 2022.



**Caro colega,
professor João Paulo**

As leis complementares 10.639/03 e 11.645/08 que instituíram obrigatoriamente o ensino da história e cultura afro-brasileiras, africanas e indígenas “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” nos instigam a refletir como a disciplina de Educação Física pode contribuir neste sentido.

Sou professora e me encontrei na necessidade de que as leis correspondem a urgente necessidade de promovermos uma educação antirracista, no qual a inclusão seja ato, que a denúncia seja resistência e que nós, professores e comunidade escolar, possamos contribuir de forma mais efetiva e fundamentada em nossas ações pedagógicas.

Nesse sentido, veio a mim, por indicação de outra colega professora engajada no movimento negro na escola e na formação cultural, o curso da Academia Preta Decolonial. Por vezes, parece que não precisamos disso e que mencionar e combater o racismo com palavras e alguma ação é o suficiente. Mas não. Encontrei no curso fundamentações teóricas que me movimentaram, me permitiram, por meio de pesquisadoras/es/docentes, aproximações com autoras/es pouco ou nunca citadas durante meu processo de formação.

Me apaixonei por Lélia Gonzalez e suas inserções me indicando o racismo estrutural e os atravessamentos de gênero e a defesa de um feminismo afro-latino-americano. Me permitiu compreender melhor a composição e o funcionamento da sociedade, da cultura, da escola, dos currículos, dos conhecimentos e dos silenciamentos. Inclusive, também



me auxiliou, juntamente com a leitura da professora Letícia Nascimento, a questionar uma história única do movimento feminista. Mulheres pretas e mulheres trans enfrentam desafios que me proporcionaram compreender a pluralidade, as particularidades e as necessidades sociais e culturais que são ignoradas, inclusive na escola.

Ao pensar na educação básica e nos currículos, o texto da professora Priscila Elisabete da Silva e Ana Helena Passos (2021) apresenta o racismo como um organizador social. As autoras nos proporcionam ainda pensar nos currículos e nos saberes presentes nas instituições escolares como espaços de relações de poder, uma vez que “as relações de hierarquização racial nascem no processo da própria configuração do modelo civilizatório de modernidade e tem como premissa fundante a ideia de humanidade plena e edificada tendo por referência o homem branco” (p.6).

O compromisso das/os professoras/es do curso e a qualidade das discussões nos mostra que é preciso avançar em nossas práticas docentes. O primeiro caminho foi dado por mim. Ainda há muito o que percorrer, mas com o apoio de novas leituras em minha cabeceira de cama, os sonhos não se acabam com os primeiros raios da manhã; pelo contrário, me ensinam a aquecer os espaços escolares com ações mais pautadas nas questões raciais e de gênero.

Hoje me sinto mais motivada a atuar no Núcleo de Ações Afirmativas da minha instituição, tendo a certeza de que terei mãos me apoiando e me fazendo andar, sejam as mãos das autoras apresentadas no curso, seja pela própria Academia Preta, que nos convida à formação que gera ação para (des/re) construir o espaço escolar, possibilitando que culturas diversas sejam respeitadas e que ocupem qualquer que seja o



espaço que queiram, desmobilizando relações de poder hegemônicas construídas e mantidas por questões de raça e de gênero.

Muito obrigada!

Raquel Guimarães Lins.



O saber da vida acadêmica

Sempre tive dificuldade em começar a escrever. Seja escrever uma simples mensagem de texto para alguém, um trabalho da escola, e agora um trabalho da faculdade, um e-mail e aqui neste caso, dificuldade para começar a escrever esta carta. Por mais que eu ame escrever para me comunicar, expor as minhas ideias, pensamentos e visões de mundo, o início é muitas vezes complexo. Fico imaginando as diversas possibilidades de se iniciar e os caminhos que isso pode levar, e então, isso acaba me travando. Desse modo, aqui decidi começar assim, expondo a minha dificuldade, pois assim consigo seguir adiante e colocar em palavras todos os meus pensamentos e experiência sem ter a barreira inicial da escrita. Inclusive, fico me questionando de onde pode ter surgido essa dificuldade. Talvez por indecisão, reconhecendo que existem diversas possibilidades e que isso direcionará o texto para caminhos diferentes. Talvez seja por insegurança, por possivelmente achar que esse local da escrita não seja para mim. Talvez, até mesmo, ambos os fatores influenciando, não sei. O que eu sei é que mesmo assim, ainda escrevo.

Desde a minha infância lembro de ser extremamente curioso e questionar a todo momento sobre as coisas da vida, sempre gostar dos estudos, de saber mais e de estar perto de pessoas e em locais que essa vontade fosse saciada. Lembro de ler o livro *Marcelo, marmelo, martelo* e me identificar com esse tal de Marcelo, um garoto que vivia a perguntar e questionar até mesmo as coisas mais “*inquestionáveis*” que havia, como os nomes dado às coisas e até para ele mesmo. As frases “*por quê?*”, “*como assim?*”, “*para o que?*”, “*para o que serve?*”, entre outras, não paravam de sair da minha boca. E assim como para o Marcelo, nem sempre uma



resposta também era dada para mim. E eu fui crescendo, os questionamentos se complexificando, tendo novas experiências e maneiras de olhar para o mundo e para mim mesmo. Algumas explicações que eram dadas, quando eram dadas, já não faziam tanto sentido para mim, e cada vez mais eu buscava novas maneiras de compreender todas essas complexidades apresentadas a mim, novas formas de olhar para as situações, novas formas de olhar para as minhas experiências e para a história que me foi contada.

A escritora, educadora e ativista bell hooks, no livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* apresenta o seguinte trecho, que é um dos meus favoritos:

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2017, p. 83).

Eu me identifico muito com esse relato da autora, pois foi assim que me senti com a educação, com a teoria e com o conhecimento: um local de cura. Porém, apesar de ser esse local de restauração, às vezes também é violento. A construção do saber foi, por muito tempo, realizada por um grupo muito específico de pessoas, em sua maioria eram homens, brancos, heterossexuais, cristãos e de boa renda financeira. Isso resultou em um viés de análise e de subjetividade decorrente das vivências e crenças desses corpos na produção dos saberes, e sendo apenas um perfil produzindo esse conhecimento, podemos cair no que a Chimamanda Ngozi Adichie chama de *O perigo da história única*. Essas produções, que por muitas vezes transmitiam os valores preconceituosos de seus autores,



ainda são muito utilizadas e valorizadas no meio acadêmico, sendo tratadas como cânones e, por vezes, deixando de lado novos pensamentos com novas perspectivas.

A partir do momento que tive a noção das fabulações acerca de determinados corpos e dos apagamentos históricos que são realizados, principalmente sobre pessoas minorizadas socialmente, ou seja, sobre os meus semelhantes, aprofundei ainda mais nos estudos e nas escritas dessas pessoas. Durante essa pandemia ocasionada pelo covid-19 a quantidade de cursos online que surgiram foi grande, e consegui realizar vários, e assim, conhecer cada vez mais perspectivas e autores que muitas vezes não são apresentados na academia. Uma grande experiência que tive foi a participação na *II Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas*, na qual foi possível ter contato e aula com professores e professoras que eu já havia conhecimento, assim como também conhecer novas pessoas que estão produzindo o conhecimento decolonial. A experiência foi maravilhosa, desde a organização do evento, a recepção, o cuidado com os participantes e a riqueza dos saberes que foram transmitidos nos encontros que tivemos. Fazer parte deste curso aqueceu o meu coração e consegui renovar as minhas energias para seguir e acreditar que cada vez mais teremos pessoas, que de fato, estão engajadas com a luta antirracista e que os lugares que antes pessoas não brancas não ocupavam, passarão a ocupar. Eu consegui, de fato, me enxergar nos, e nas, palestrantes e ter a certeza, que se eu realmente quiser, posso seguir um caminho semelhante, e quem sabe até mesmo ser convidado como palestrante em edições futuras – risos.

Essa carta poderia ser direcionada para várias pessoas que gosto e fizeram, e ainda fazem, parte da minha trajetória, que apenas está no começo, mas quero dedicar para você, Rosildete Dias de Bastos Ventura



da Silva, ou como eu comumente chamo, mãe, que a todo dia, mesmo sem saber, me relembra que toda essa teoria da academia só é feita a partir de nossas vivências, de nossas experiências, do nosso cotidiano. Muito obrigado por tudo que fez, e ainda faz, pela inspiração, pelo apoio e pela força que todos os dias você me proporciona. E por fim, utilizando um meme, com um adjetivo que você não gosta muito – risos – quero te dizer que “eu ainda vou te dar muito orgulho velha”.

Renê Bastos Ventura.

Uberlândia, Minas Gerais, 31 de janeiro de 2022



Refazendo histórias

*Quando eu morder
a palavra, por favor,
não me apressem, quero mascar,
rasgar entre os dentes, a pele, os ossos, o tutano
do verbo, para assim versejar o âmago das coisas.*

EVARISTO, 2017, p. 121)

Olá, camarada!

Espero encontrá-la bem, saudável, vacinada e resistindo às intempéries todas que temos vivenciado no Brasil. Esperançemos! Envio esta carta depois de uma experiência incrível, de compartilhamentos de saberes, na Segunda Academia Preta Decolonial. O que não consigo afirmar com precisão é o destino dela, porque depois de escritas, as cartas criam vida própria e a gente não consegue mapear seus caminhos. Elas transitam por lugares que não podemos fazer ideia de quais sejam.

Spoiler. Pretendo rascunhar ideias, colocar sob rasura as certezas, inquietar e encher de talvez. Narrar as cartografias de uma experiência arrebatadora é complexo. Se fosse com imagens, você veria que as ideias e as reflexões às quais tenho me proposto, não possuem hierarquias, linearidades... Como texto, espero inspirar em você muitos rabiscos.

Começos. Minha trajetória de pesquisa e de construção de lutas antirracistas continua. A pesquisa do doutorado está prestes a se



encerrar, mas foi a partir dela, que tenho tido acesso a atividades e eventos que ajudam a dizer: saio outra desta etapa e é tão bom perceber as diferenças! Mas os exercícios continuam sendo diários, porque deixar de colocar em prática os discursos, as expressões, os modos de construir pensamentos, de formular ideias descolonizando... é desafiador!

Aprendi a partir sempre da minha própria trajetória, da minha experiência como corpo não racializado, que usufrui de privilégios materiais e simbólicos. Isso ajuda a reconhecer minha família, minha educação e os espaços pelos quais transitei e transito como racistas. Como mulher, branca, cisgênera, heterossexual, professora, as lutas são infindáveis tanto quanto as vantagens, decorrentes da minha cor de pele, nesse país que viola, desde sempre, os direitos da população negra. Em pleno século XXI, a bio-lógica, nas palavras de Oyèrónké' Oyewùmí (2021), ainda opera, subsidiada pelas teorias raciais implementadas desde o século XIX no Brasil. Dedicar tempo para entender os entrelaçamentos dessa história, reinterpretando-a, é muito necessário. E você? Partiu de onde para esse mergulho?

Conflitos. Lidar com essas questões, tentando sempre e continuamente partilhar os saberes construídos não é indolor. As violências são diversas! A branquitude é fenômeno de poder, apontar suas contradições e a brutalidade que a configura, torna os diálogos melindrosos, na maioria das vezes. O que a Robin Diangelo (2018) chama de fragilidade branca. Conhece? Nesse cenário, tenho percebido o quanto o individualismo neoliberal tem trajado nossas identidades e o pensamento coletivo tem se distanciado, cada vez mais, das discussões e das práticas cotidianas.

Como superar? Como construir alternativas e contra narrativas saindo dos espaços que são confortáveis, as chamadas bolhas? Tenho



estado inquieta com questões desse tipo. Os dados têm apontado o quanto estamos retrocedendo, é assustador demais. Desaprendizagens. O racismo precisa ser desaprendido. E cada encontro da Segunda Academia Preta Decolonial, descortinou tantas possibilidades! Aliás, os compartilhamentos advindos desse curso, ampliaram a lista das desaprendizagens necessárias para construir, efetivamente, uma luta antirracista eficiente.

Você já pensou no que precisa desaprender para ressignificar seu modo de ser e estar no mundo? Os atravessamentos são múltiplos, quando a gente se permite a tentar trilhar por esse caminho e é assim que a minha lista só tem aumentado. Uma das mais marcantes atualmente, é perceber e pensar as referências – era natural demais só usar textos e materiais, sem pensar em quem havia produzido. Desaprender a anular a autoria tem me proporcionado acessar saberes plurais. O cuidado com isso tem mudado minhas escolhas, meus circuitos e tudo que me constitui.

Costuras. A pedagogia afro afetiva, pautou cada tema trabalhado no curso. Essa pedagogia dos afetos, das presenças e não das ausências. Com ela repensei o amor.

Se o desamor é a ordem do dia no mundo contemporâneo, falar de amor, compreendendo-o como ética de vida e como auto agenciamento pode ser revolucionário. Renato Nogueira (2020) diz que amar é um fenômeno político. E não tenho dúvidas, de que minhas interpretações, minhas escolhas, minhas argumentações podem ser contestadas da mesma forma que podem ser corroboradas por indivíduos e coletividades, a depender de como as/os alcançará. Todas as propostas do curso mostraram como o amor como fazer política requer negociações



constantes, fazendo e refazendo estratégias e táticas, contestando cotidianamente as relações racistas e cissexistas.

Colocar em prática essa perspectiva, exige desnaturalizar muita coisa que eu mesma reforçava e reproduzia (reitero, é contínuo!). Levo comigo uma atenção redobrada. Ocupo meu lugar na complexidade social consciente de que não basta apenas descolonizar a mente, é preciso repreender a "*sensibilidade compartilhada*", "*desenvolver um modo crítico de ser espectadora*", "*desconstruir a categoria branquitude para desaprender atitudes e valores supremacistas brancos*", enfim, "*amar a negritude como resistência política transformando nossas formas de ver e ser*", seguindo bell hooks (2019).

O grande aprendizado talvez seja a sensação de liberdade, suficiente para reconsiderar o que julgava saber, com a intenção de mergulhar numa compreensão realmente enriquecedora e mobilizadora de outras formas de agir. Pensar criticamente e colocar em suspenso desmontando certezas e acrescentando perguntas. Com jocosidade e ironia, necessárias para lidar com o atual contexto político nacional, reconheço que não há passividade diante da prática colonial cis e eurocentrada, racista, masculinista e científica que "normatiza" a sociedade brasileira. Agir é urgente!

Descolonizemos. Desejo que tenhamos sempre capacidade estética para revisitar os acordos éticos. Eu escolhi o caminho de luta! Quero que você escolha o seu. Há muito que fazer. Encerro.

Rosa Amélia Barbosa.
Ilha Solteira, São Paulo, janeiro de 2022.



Uma academia verdadeiramente preta

Querida Liz,

Envio-te esta carta para indicar o Curso *Academia Preta Decolonial*, da Universidade Federal do Maranhão, que finalizei recentemente. Vale destacar que ele está sendo oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, o que é motivo de muita alegria para nós comunicadoras que tivemos uma formação sem professores negros e sem iniciativas como essa.

Eu fiquei sabendo do curso pelo Instagram do *Núcleo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis* (@np.mariafirmina), inclusive, acho que também vale a pena você começar a seguir, a página possui conteúdos muito interessantes!

O curso é um pouco extenso, visto a quantidade de teorias, epistemologias e questões sob a perspectiva racial que tem-se para abordar. Mas nenhuma aula foi cansativa, pelo contrário, todas as aulas me inspiraram. Primeiro por serem ministradas por pessoas negras, e depois por terem sido muito didáticas. Você só vai precisar se organizar para fazer as leituras. Entretanto, mesmo quando eu não conseguia fazê-las, era possível acompanhar a aula, pois os professores foram excelentes e muito afetivos, o que para mim fez toda a diferença. Na academia, você sabe, nós pessoas negras, raramente encontramos um espaço acolhedor e sensível como este.

Gostei muito também da comunicação da organização. Nesse momento de pandemia temos muitos compromissos online e por vezes esquecemos de alguma coisa, mas em todo dia de aula havia um



estimulante e-mail de lembrete. Dava para perceber o carinho e a alegria da equipe envolvida, eu achei isso muito bacana.

Pessoas negras do Brasil inteiro participaram e interagiram. É muito legal vivenciar isso, saber que não estamos sozinhas, não somos só nós que sentimos falta de uma academia mais preta, e demais pessoas negras ocupando espaços importantes dentro dela.

Eu só tenho a agradecer mesmo, o curso foi realmente muito importante para mim. A partir dele conheci referências extraordinárias. Espero que você tenha a mesma experiência!

Abraços,

Samily Loures de Freitas.
Vitória, Espírito Santo, 14 de janeiro de 2022.



A gente pode aprender mais com o amor do que com a dor

Esta carta é endereçada à minha mãe, que é uma mulher negra, a qual me orgulho muito e também a todas as mulheres negras, especialmente às nossas mais velhas, que viveram grande parte de suas vidas em uma realidade árida, onde o preconceito sempre falava mais alto e que muitas vezes foram cerceadas de tantas dificuldades e acabaram aprendendo a viver apenas com a dureza da vida.

Gostaria de dizer que eu também aprendi sobre as coisas da vida de uma maneira bruta, e muitas vezes pesada e que durante muitos anos, pensei que precisava sempre estar “lutando”, sendo forte e tendo que provar o tempo todo que podia ou que era capaz de algo. Hoje, percebo o quanto isso é cruel com as pessoas que nos rodeiam e principalmente com a gente mesma. E se formos analisar direitinho, vamos notar que esse tipo de comportamento tem uma origem lá atrás, na época da escravidão, já que eram assim que as coisas eram impostas a nossos ancestrais pelos escravizadores. Não havia leveza, afeto ou respeito. O chicote e as diversas formas de abuso eram Lei e imagino que deva ser muito complexo para alguém que recebeu aquele tipo de tratamento conseguir retribuir de forma diferente, então aquela maneira de perceber a vida foi sendo repassada geração a geração e chegou à minha também. Amor gera amor, mas o ódio gera ódio.

Embora saibamos que houve o fim da escravidão, na forma da lei, sabemos que ainda hoje a escravidão reverbera em muitos aspectos de nossas vidas. A desigualdade social e a violência são formas em que vemos o racismo estampado diariamente, pois a maior parte das pessoas pobres



deste país são pessoas negras, a maior parte da massa carcerária é composta por pessoas negras, especialmente homens. Assim, a violência racista segue presente em nossa vida.

Você, mãe, foi a única de sua família, que conseguiu estudar um pouco mais, isso também porque você se esforçou, na verdade se sacrificou. Abriu mão de tanta coisa, né, e ainda assim não conseguiu realizar seu sonho de ser advogada. Mulher negra, pobre, casada, mãe de dois filhos, anos 80 e 90, em um país racista, com uma política educacional super elitista, missão praticamente impossível. Mas para ter direito a estudar não devia ser assim, não é mesmo? Ah, tem seu irmão mais novo, que depois dos cinquenta anos, fez uma faculdade, ele também se sacrificou muito e graças às políticas públicas daquela época, acho que de uns 10 anos atrás, e também do esforço dele, ele pôde ter acesso ao ensino superior. Imagina se no nosso país todas as pessoas, independente da raça, da classe social, tivessem o direito pleno assegurado de estudar, de não passar fome, de ter uma moradia, um acesso à saúde, sem grandes sofrimentos ou humilhações.... Imagina isso, pensa, você, com sua inteligência, sua forma de levar as coisas a sério, onde poderia estar?

Ao longo da minha vida, sempre percebi que eu não fazia parte daquele lugar dos “incluídos”, dos *insider*, sempre me senti fora daquele lugar, uma *outsider*. Não entendia muito bem as razões disso. Morava em um bairro periférico, mas estudava em uma escola estadual considerada boa, em um bairro de classe média. Só no trajeto da minha casa até à escola, muitas coisas iam se revelando para mim. Naquela escola, tive a oportunidade de abrir meu olhar e conhecer outras realidades bem distintas da minha. Pessoas com mais recursos financeiros, com maiores possibilidades, com família estruturada, com passeio no parque, mesada, dinheiro para fazer da compra do material escolar uma atividade



recreativa e pais, especialmente mães, que ajudavam com o dever de casa, porque tinham tempo e principalmente disposição para fazer isso, já que muitas vezes não desempenham tarefas fisicamente desgastantes, não pegavam ônibus ou não precisavam ficavam várias horas fora de casa para trabalhar, como você e meu pai. Tudo isso para mim era estranho, mas ao mesmo tempo muito atrativo, porque representava um tipo de cuidado e de importância que eu não sentia ter ou merecer. Pois claro, eu desconhecia os contextos, sequer sabia o que era a vida de um adulto, de uma mulher como você.

Para além disso, notava também que minhas colegas eram diferentes de mim. Muitas com o cabelo bem liso, pele clarinha e magras. Eu também me diferencio nesta parte. Tem uma palavra que quase nunca era dita, pois estava recheada de estigmas, pois ao proferi-la seria como se alguém estivesse atestando que a pessoa era inferior e estaria fadada a este lugar. A palavra de cinco letras, simples, porém tão representativa do preconceito é: **Negra**.

Mas não, eu não era negra, era moreninha! Cor de mel, marronzinha, cor de jambo. Minha mãe é negra e meu pai é branco, então fiquei misturada! Eu mesma já disse assim. Lembro de algumas vezes, ao tomar banho, que eu usava aquelas buchas naturais, bem duras e esfregava bem forte no meu corpo para poder tirar aquela “sujeira” que teimava em permanecer em minha pele, a “sujeira marrom”, que jamais sairia de mim, era a cor da minha pele. Lembro também da quantidade enorme de creme que usava em meu cabelo, para “domá-lo”, para não demonstrar o quanto ele era volumoso e cheio de cachos. Também dos diários rabos de cavalo que eu usava na escola. Acho que em nenhum dia do ensino primário até o ensino médio, eu cheguei a ir de cabelo solto.



Voltando ao colégio, naquela época não era chamada de negra, mas também não era considerada branca. E essa “*não presença*”, essa sensação de não se encaixar, de não fazer parte de nada me acompanha ainda hoje em vários momentos da minha vida. Tem uma sociológica negra, dos Estados Unidos, ela se chama Patricia Hill Collins, que criou um termo que ilustra bem isso que estou lhe contando, ela nomeou como “*outsider within*”. Se você for traduzir, é estrangeira de dentro, é como você estar em um lugar e, ao mesmo tempo, não se sentir parte daquele lugar. Então, é isso! Estudar essas pesquisadoras negras é tão interessante, a gente vai colocando entendimento em umas coisas que estavam sem explicação na cabeça da gente, sabe.

Com o tempo, com muitas leituras críticas, com terapia, com o acesso aos textos de tantas intelectuais negras, vou compreendendo que sim, que sou uma mulher negra. Tem uma antropóloga, escritora e feminista negra, a Lélia Gonzales, que inclusive também é mineira, como nós, que dizia que não se nasce negra, torna-se negra. Entender-se como uma pessoa negra, especialmente se você não nasce com a pele escura, por ser filha de uma relação biracial, é também revolucionário.

Eu tive o privilégio de estudar, graças, especialmente à mãe que eu tive, você. Fiz graduação, pós-graduação, mestrado e agora curso um doutorado. Hoje tenho acesso a muitas leituras, às intelectuais negras maravilhosas, como Lélia Gonzales, Patricia Hill Collins, Bell Hooks, Angela Davis, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Beatriz Nascimento, Nilma Lino Gomes e Djamila Ribeiro, esta última, uma jovem, como eu, que foi uma das que me abriu as portas para esse mundo, quando li, já há alguns anos seu livro sobre lugar de fala.

Sempre estou à procura de aprender mais, de expandir meu pensamento, então ao participar do Academia Preta Decolonial novas



reflexões foram apresentadas para mim, como transfeminismo, as cosmopolíticas, as perspectivas decolonais/anticoloniais e o pensamento produzido por mulheres da América Latina e também sobre pedagogia afetiva, que me apresentou uma experiência tão interessante de uma professora maravilhosa, a Frany Silva que contou de suas vivências e práticas para tentar aplicar em sala de aula uma pedagogia mais afetiva. Depois desta aula, eu pensei muito e fiquei refletindo que a gente pode aprender muito mais com o amor, do que com a dor. A prática pedagógica afro afetiva, termo criado pela professora, pode contribuir com a emancipação das pessoas, com a cura dos traumas, com o aprendizado mais leve e sem culpas. No dia que tive essa aula, acho que algo muito novo e potente se revelou para mim e depois daquele dia, eu passei a ser aquela pessoa que não quer mais ser a “guerreira” ou “lutadora”, não quero mais. Hoje quero ser aquela pessoa que aprende, ensina e vive por meio do amor, do afeto. Acho que não precisamos acreditar que a aspereza é a única maneira de viver a vida, nossos ancestrais já sofreram muito com isso. Penso que talvez seja a hora de nos darmos o direito de sermos um pouquinho felizes e mais leves, sabe.

Então, mãe, era isso que queria te contar. Um abraço cheio de amor e afeto, da sua filha, Vívian.

Vívian Tatiene Nunes Campos.

Belo Horizonte, Minas Gerais, 17 de janeiro de 2022.



Mulheres negras, saberes ancestrais e descolonização do conhecimento

*E quando nós falamos
temos medo que nossas palavras nunca serão ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio nós ainda temos medo.
então é melhor falar tendo em mente que
não éramos supostas sobreviver*

Audre Lorde

Confesso que não sei bem como começar, escrevo não para uma, mas para todas as mulheres negras silenciadas, invisibilizadas, violadas e mortas pela colonialidade. Escrevo para Anastácia, Marielle Franco, Cláudia Silva, Luana Barbosa, as mães da chacina do cabula, para minhas bisavós e tantas outras. São diversos os assuntos que gostaria de abordar, mas não tenho a intenção de me alongar, serei breve.

Tenho refletido sobre o reconhecimento dos valores das histórias de vida de sujeitos como nós, historicamente subalternizados, sobre os saberes transmitidos de geração em geração, o conhecimento e sabedoria que vêm da experiência. O universalismo do conhecimento permanece a desconsiderar a produção de conhecimento que se afasta dos locais de poder. As elites senhoriais de ontem, os sujeitos dos discursos hegemônicos de hoje, permanecem no centro, detêm a fala. Penso que é preciso negar a visão dos princípios da construção do conhecimento de tradição eurocêntrica como única e universal, é necessário fazer



reconhecer a nossa existência e o nosso conhecimento que foi apagado, invisibilizado e negado pela colonialidade.

As diferentes vivências, as diversas experiências que as mulheres negras tiveram em distintos contextos históricos trazem em comum a dororidade que nos fala Vilma Piedade (2017). Termo cunhado para tratar também das violências herdadas da colonialidade que marca ausências, produz silêncio, invisibilidade, que contém “as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo.” (PIEDADE, 2017, p. 17)

Penso que tais dores ganham outros formatos, outros contornos, são atualizadas. O tempo presente também é de enfermidade e dor, no momento em que vivemos uma crise sanitária e humanitária em todo mundo por conta da pandemia de Covid-19, que exibiu e agravou os problemas políticos e sociais. Tivemos que lidar com as perdas, o luto, reinventar as relações.

Além do vírus, ainda morremos vítimas da força policial que age sobre nossos corpos, apontados como adversários à manutenção da ordem, temos perdido direitos, vivido uma degradação ambiental sem precedentes, operam ainda o encarceramento em massa e sua desumanidade.

Os modos de reconhecer quais vidas, quais corpos merecem e não merecem viver ou obter mínimas condições de vida foram construídos histórica e politicamente. De igual modo, se erigem processos de resistências, continuamos lutando para sermos escutadas, temos provocado fissuras na “*máscara do silenciamento*”, a velha máscara de flandres, instrumento utilizado no Brasil para impedir que os escravizados ingerissem alimentos, bebidas ou terra – ação realizada com o intuito de provocar infecção por verme e incapacitar o indivíduo – era



trancada com um cadeado atrás da cabeça, possuindo orifícios para os olhos e nariz, mas impedindo o acesso à boca. Como nos diz Grada Kilomba (2010), a boca é um órgão que simboliza a fala e a enunciação. “No âmbito do racismo a boca torna-se o órgão da opressão por excelência, ela representa o órgão que os(as) brancos(as) querem – e precisam – controlar e, consequentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente repreendido” (KILOMBA, 2010, P.172).

Ainda que diversas vezes negadas e invisibilizadas, seguimos produzindo conhecimento, criando, recriando. Ocupamos os espaços, os ressignificamos, nos conectamos, fortalecemos nossos discursos por meio do encontro, do diálogo. No contexto da pandemia de Covid-19 surgiram espaços de troca, se formaram quilombos virtuais, espaços de difusão de conhecimento como a *Academia Preta Decolonial*, curso de extensão realizado pelo *Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos – Maria Firmina dos Reis* em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA em parceria também com a *Organización das Nações Unidas para la Educación, Ciencia e Cultura (UNESCO)* na Segunda Campaña para la Erradicación del Racismo en la Educación Superior.

Encontros como a *Academia Preta Decolonial* criam importantes redes de relações no processo de descolonização do conhecimento ao proporcionar o contato com assuntos diversos, apresentados por diferentes pesquisadoras e pesquisadores.

Como explanado por Wynter (2003 apud COSTA; TORRES; GROSFOGUEL, 2018, p.09) “A colonização no âmbito do saber é produto de um longo processo de colonialidade que continuou reproduzindo as lógicas econômicas, políticas, cognitivas, da existência, da relação com a natureza, etc. que foram forjadas no período colonial” Seguimos



refutando os olhares colonizadores sobre nossos corpos, saberes e produções. Estamos unidas para além da dororidade, do compartilhamento da dor das violências herdadas da colonialidade, compartimos nossos saberes ancestrais, nosso poder de buscar subverter as lógicas que nos subalternizam.

Para as mulheres negras vítimas da colonialidade ontem, seus passos foram basilares para que mulheres negras como eu pudessem sonhar. Para as mulheres negras vítimas da colonialidade hoje, há ainda um longo caminho a percorrer, sigamos tentando driblar os efeitos cruéis das estruturas racistas no Brasil implantadas, rompendo silenciamentos, pois nossos passos vêm de longe!

Yasmin de Freitas Nogueira.
Aracaju, Sergipe, 19 de janeiro de 2022.



Cursista negra-mulher

“Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade”.

(Grada Kilomba)

Escrever, considero ser uma tarefa complexa, porque aprendi desde cedo a não expressar os pensamentos, me marcou processos de fragilidade, o medo e a crença implantada sobre a incapacidade em escrever, aprender e viver condicionada a limitações impostas. Me deparei com a *Academia Preta Decolonial*, uma cursista negra-mulher, que durante o percurso da formação fortaleceu o pensamento e embarcou na caminhada em busca de conhecimento e coragem para realizações pessoais e profissionais.

Compelidas aos espaços de subalternização, as mulheres muitas vezes desacreditam da capacidade de expor por meio da escrita o que foi, como foi e o que esperar do conjunto de aprendizados do curso.

Começo apontando o que foi o curso para minha realidade tanto pessoal como profissional, mas vamos por partes. Pessoalmente posso afirmar que alcancei por meio das aulas uma confiança diante dos temas abordados, porque quando falamos do que somos e conseguimos traduzir isso para as demais pessoas com certeza esta tarefa é importante para estabelecer uma relação de troca. Profissionalmente, os conceitos, os debates e diálogos que foram transmitidos consolidaram a práxis que realizo diariamente. Cada ser é um mundo e com o aprendizado posso dizer que consegui compreender realidades humanas.



As humanidades que compuseram o nosso caminho, nos direcionou no sentido de impulsionar na compreensão de expressões como interseccionalidade, decolonialidade, feminismo negro, violência, racismo estrutural, lugar de fala, corpos negros, luta coletiva, antirracismos e tantas outras que foram constituindo o conhecimento em relação a realidade concreta em que estamos inseridas.

Realidades humanas e concretas que nos fazem questionar sobre o mundo racista, patriarcal, classista e sexista, constituído por sociabilidades que promove e coloca sujeitos políticos em um não-lugar e em um lugar de subalternidade. Por esta razão que um curso como Academia Preta Decolonial, o qual experienciei foi capaz de despertar esta centelha que nos faz duvidar das normatizações, assim é possível que olhemos para fora e para dentro de nós de forma a questionar o sistema das coisas, criando consciência crítica do que está posto no mundo.

O formato atual do mundo que vivenciamos se pauta na lógica de mercado e numa desenfreada crença competitiva e de capacidades que estão descoladas do debate relacionado a estrutura e por isso quando conseguimos fazer as leituras sobre o que está posto no concreto real é possível avançarmos.

Aprendizados do curso produziu movimentos que fizeram avançarmos enquanto coletividade. Mas o que significa todo este complexo de coisas? Existem verdades absolutas? O processo de desconstruir verdades absolutas permitiu pensar o mundo de outra forma, o que denominamos de corpus-decolonial.

Portanto, nosso corpus-decolonial foi sendo construído a partir dos saberes que coletivamente foram sendo transmitidos em cada aula, a importância da ancestralidade de criamos esta irmandade acadêmica, foi



além do que está posto na sociedade de mercado, o curso, minha gente,
foi maravilhoso.

Zora Yonara Torres Costa.

Valparaíso, Goiás, 04 de dezembro de 2021





Academia preta decolonial: tecendo novos caminhos

Querido amigo Weriquis Sales, conviver com você no ambiente de trabalho durante esse ano foi, não apenas uma oportunidade de aprendizado, mas de inspiração, de encorajamento, de reflexões. Acredito que por isso, participar da segunda edição do curso *Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas*, do Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Gêneros e Feminismos me fez lembrar tanto de você e acredito que adoraria participar de uma próxima edição.

Por você ser um estudioso de gênero e que acredita em práticas inovadoras para a superação do tradicionalismo que ainda predomina em diferentes espaços da sociedade, especialmente no universo acadêmico (o que contribui, muitas vezes, para a exclusão dos indivíduos nesses espaços), acredito que sua participação enriqueceria ainda mais o debate com as troca de saberes.

Os temas abordados, bem como seus pesquisadores, foram de uma riqueza sem igual. Emocionei-me com Francy Silva e sua discussão sobre a “*pedagogia afro afetiva*”, com tantas outras discussões, realizadas por diferentes pesquisadores, que envolvem arte, cultura e epistemologias, o transfeminismo, com Letícia Carolina, piauiense que muito tem contribuído nessa temática, as interseccionalidades e feminismos, também refleti bastante na discussão sobre as expressões da branquitude no ensino superior, que foram naturalizadas, enfim, cada encontro, uma grata surpresa. A modalidade virtual, na qual o curso foi oferecido, proporcionou a participação de pessoas de diferentes regiões do



país, bem como dos (as) professores (as) que também são de diferentes regiões, o que também contribuiu para enriquecer o curso.

O tempo parece ter voado durante o curso. Certamente essa sensação não foi exclusivamente minha. Acredito que muitos participantes gostariam de ter tido mais tempo em cada encontro, explorado mais as discussões.

A iniciativa do Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos – Maria Firmina dos Reis em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA, campus Imperatriz, certamente tem contribuído, junto a todos que tiveram a oportunidade de participar dos cursos ofertados, para repensar as práticas acadêmicas e profissionais tradicionais e criar novas estratégias de intervenção que possa alcançar e despertar a sociedade para tecer novos caminhos.

Sem dúvidas cada encontro do curso foi um importante espaço de discussão, de reflexão e de formação antirracista e antissexista não só para acadêmicos, mas para a comunidade em geral. Meu desejo é que essa iniciativa tenha continuidade e seja disponibilizada para um maior número de pessoas, porque necessitamos muito de provocações que nos levem a refletir sobre nosso modo de ser, estar e fazer, considerando diferentes elementos no nosso meio que contribuíram (e contribuem) para o nosso modo de viver.

Então, amigo, se você tiver oportunidade de participar de uma próxima edição, não a desperdice. Certamente será inesquecível.

Ana Patrícia Silva de Oliveira.
Teresina, Piauí, 13 de dezembro de 2021.



Querido padrinho,

Como estão as coisas aí no céu? Acredito que estejam muito mais tranquilas do que aqui na terra. Os tempos estão difíceis por aqui, padrinho. Estamos passando por uma pandemia desde 2020 que vem deixando famílias e amigos devastados com as perdas de seus entes queridos. Mas fique tranquilo! Seus filhos estão todos bem e ninguém da nossa família partiu. Tivemos os devidos cuidados para que sobrevivêssemos perante esse vírus que matou mais de 600 mil pessoas em nosso país. Os políticos, sobretudo o atual presidente, não se importam com a gente, padrinho. Mas a nossa resistência sobressai em qualquer opressão.

Padrinho, esses últimos meses foram complicados para mim. Eu me senti à deriva, como se eu permanecesse boiando sozinha no meio do oceano, sem perspectivas de ser salva. Depressão e ansiedade tomaram conta de mim durante esse tempo, mas eu resisti! Procurei me envolver com coisas que me faziam bem. Foquei na graduação e adivinha? Tive a mais pura certeza de que escolhi o curso certo e que nasci pra ser professora. Você deve estar se perguntando o motivo de eu ter descoberto isso praticamente no último período do curso e te respondo: conheci pessoas maravilhosas que me inspiraram e motivaram a ser tão incríveis quanto elas. Aposto que o senhor ficou curioso pra saber quem são essas pessoas. Eu vou contar um pouco...

Começo pela professora Franciane, minha maior inspiração na Academia e que tive o prazer de ser sua aluna na disciplina de Estágio. Foi por causa dela que conheci autoras negras incríveis, como Conceição Evaristo, Miriam Alves e Cristiane Sobral. Meu amor pelas obras dessas



autoras é tão grande que eu precisava trabalhar elas em meu TCC e assim aconteceu. Cinco anos de graduação e apenas no penúltimo semestre que tive contato com autoras negras. Acho que isso diz muito... Enfim, Francy me inspirou a buscar mais sobre autoras negras e suas obras impecáveis e eu estarei sempre indicando estas leituras e, claro, trabalharei elas com meus futuros alunos.

Francy não só foi minha professora de estágio, como também minha orientadora e quem me impulsionou e deu oportunidade de participar cada vez mais da graduação (o que sempre foi difícil de conciliar pra quem trabalha o dia inteiro, como eu). Sou voluntária do projeto lindo que ela coordena, o Palavra-Corpo, e tive as melhores e mais incríveis experiências. Conheci pessoas maravilhosas e que contribuíram muito para eu ser a professora que eu sempre sonhei em ser. Além de tudo isso, Francy me apresentou a *Academia Preta Decolonial*, um curso maravilhoso que contribuiu infinitamente não só para a minha formação acadêmica, mas, principalmente, para a pessoa Andreza. A *Academia Preta Decolonial* me proporcionou aprendizados sobretudo sobre metodologias antirracistas das quais irei aplicar quando chegar a minha vez de lecionar. Foram abordadas temáticas extremamente importantes e edificantes que contribuem para uma educação melhor.

O primeiro encontro foi com a professora Francy, que já mencionei aqui minha admiração e carinho. Ela trouxe para a Academia o conceito criado por ela: *Pedagogia Afro Afetiva*. E, a partir de suas experiências na sala de aula, ela nos mostrou a importância de manter uma relação de afeto e acolhimento com os alunos, com o propósito de “*curar traumas*”. Francy compartilhou sua história inspiradora e emocionou todos ao dedicar sua aula em memória à sua mãe.



O professor Fulgêncio Muchisse, no segundo encontro do curso, nos proporcionou aprendizados incríveis através de suas vivências e experiências, e nos fez refletir sobre questões educacionais e suas políticas raciais. Ele explicou sobre como as dinâmicas audiovisuais de Moçambique, em relação aos processos identitários, são individuais e diferentes dos nossos. O professor reforça a importância de respeitar as noções de cidadania, considerando os componentes culturais e sociais.

No terceiro encontro, a professora Andrea Rosendo, nos fez refletir sobre as noções de sensível, comum e dos conceitos como visualidades, sociologia da imagem e interculturalidade. Ela nos mostrou como essas reflexões nos ajudam a compreender as narrativas e práticas sociais do feminismo afro-latino em produções cinematográficas e audiovisuais.

Dessa vez, no quarto encontro, foram dois professores incríveis que ministraram a aula: Renata Nascimento e José Carlos Messias Franco. A partir de suas falas, conseguimos refletir sobre o individualismo, sobre o papel da cosmopolítica da racialidade na educação e a tensão existente com a lógica do mérito.

Também teve um encontro sobre transfeminismo, ministrado pela maravilhosa professora Letícia, e foi incrível ver ela discutir sobre essa temática tão importante e necessária. Ela trouxe reflexões incríveis e nos fez entender melhor sobre questões de gênero e como o feminismo está atrelado.

Padrinho, acredita que também foi abordado sobre a capoeira na *Academia Preta Decolonial?* Eu sei que se o senhor estivesse aqui, teria achado incrível! No sexto encontro, Dai Sombra, escritora incrível, nos mostrou como a capoeira, que antes era considerada um crime, é, na verdade, um esporte nacional e ela nos explicou várias vertentes acerca



da capoeira. Denise Carvalho, no sétimo encontro, nos apresentou uma breve biografia da incrível Lélia Gonzalez, e explicou sobre a Interseccionalidades e o Feminismo Afrolatinoamericano seguindo o pensamento da autora. Foi enriquecedor para mim, pois eu tinha lido vários textos de Lélia para meu TCC e ver a Denise falando mais sobre o que a autora trabalha, contribuiu infinitamente para meus estudos. A professora Thiane Neves, nos trouxe um debate incrível sobre as apropriações tecnológicas e o cibativismos de mulheres negras, no oitavo encontro. Extremamente enriquecedor.

Por fim, o nono e último encontro, não poderia ser mais incrível. A professora Priscila explicou sobre as expressões da branquitude no ensino superior. Padrinho, acredita que durante toda a graduação eu só tive dois professores negros? Sério, padrinho. A Academia ainda é majoritariamente repleta de homens brancos. A professora Priscila expôs essa pouca representatividade no corpo docente e discente nas universidades e é surreal que em pleno 2021 isso ainda seja gritante. Enfim, um absurdo!

Padrinho, essa experiência foi ainda mais incrível porque duas mulheres maravilhosas coordenaram muito bem o curso. Tenho uma gratidão imensa pelas professoras Michelly Carvalho e Leila Sousa, por terem proporcionado tanto aprendizado e por ter trazido tantas pessoas incríveis que ressignificaram tantas coisas. A atenção e cuidado que ambas tiveram com a gente foi indescritível.

Ah, e sabia que esta carta que lhe escrevo vai estar em um ebook da *Academia Preta Decolonial*? Que chique, né padrinho? Escrevo essa carta emocionada (algumas lágrimas aqui e ali), por sentir sua falta todos os dias e por hoje eu ter a certeza de que sou uma pessoa melhor do que fui tempos atrás, depois de toda a trajetória que a graduação me



proporcionou e por ter conhecido tantas pessoas incríveis que contribuíram infinitamente para a minha futura profissão. Gostaria que o senhor estivesse aqui para ver de perto a mulher forte e mais esperançosa que sou hoje. Ainda enfrento dias dos quais estou terrivelmente deprimida e pensando o pior, mas passa. Sempre passa.

Padrinho, sinto tanta saudade sua que chega a doer. Mas a vida é isso, não é? Precisamos aproveitar até os últimos minutos dos momentos em que estamos com as pessoas que amamos. Nunca saberemos o que pode acontecer.

Te amo hoje e sempre! De sua afilhada,
Andreza Araújo de Sá Pereira.



(Re)Encontro comigo e com as nossas

Amada mana,

Desejo que estejas feliz e com saúde, escrevo essa carta como um convite ao passado, presente e possíveis futuros. Quero compartilhar contigo um pouco da experiência tocante que foi vivenciar o curso da Segunda Academia Preta Decolonial, experiência que proporcionou o reencontro com a ancestralidade, em perceber que eu sou também nós, que somos constituídos muito além de só resistência, mas também de afeto. Ter escutado, aprendido, me identificado e ressignificado com as aulas brilhantes, histórias de vida de professoras e professores e outros inúmeros relatos divididos nos chats, me faz lembrar do meu trecho preferido da música *AmarElo* do Emicida que diz “*permitta que eu fale, não as minhas cicatrizes, se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência, é roubar o pouco de bom que vivi*”. O racismo, sexismo e outras opressões são construções ideológicas que atravessam nossas subjetividades, nossas leis, saúde, nossas histórias, e perceber que passamos por algumas violências pelo simples fato de sermos mulheres negras é doído, é difícil, mas em meio a tanta dor podemos encontrar refúgio, afeto, dengo. Lembro de quando você começou seu processo de tornar-se negra, e se autodeclarar era um desafio, não somos retintas e falo no plural agora porque também me reconheci no medo, na dúvida de “*será que sou negra o suficiente para me autodeclarar assim?*” nossa pele mais clara, nossos traços também indígenas geravam incerteza, para nós havia dúvida, mas para os outros nem tanto, das vezes que fomos seguidas por segurança em lojas, comércios, o medo de sair pela porta da



loja e ela apitar, em nos esforçássemos o triplo para que nos percebessem competentes e tantas outras lembranças que apesar de doloridas, diminuem as dúvidas. Em meio a tantas incertezas, nos encontramos ainda mais, nos acolhemos mais, vimos uma na outra duas pessoas dignas de se serem sujeitos, os resquícios de como os outros nos enxergam e ditam sobre quem somos, ainda ressoam, contudo eles não gritam mais, não são os protagonistas. Sinto que essa é uma das propostas do curso que falemos a partir das nossas lentes, e cada vez menos a partir das lentes coloniais sobre nossos corpos. Como no conceito de interculturalidade ministrado pela professora Andréa Rosendo, que trabalhemos de dentro, recuperando e reconstruindo nossas memórias, fortalecendo o Conhecimento que está presente em nós, em nossa realidade e comunidade, que o movimento seja emancipatório. Neusa Santos (1983) demarca que um dos exercícios da autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo, e é o que desejo a ti minha irmã, que teu discurso sobre si mesma seja confiante, orgulhoso, que cada vez mais percebas tua potência enquanto uma mulher negra amazônica. E que juntas continuemos no processo de descolonizar nossos pensamentos, nossos afetos, nossos seres.

Beatriz Rodrigues Nascimento.
Belém, Pará, 31 de janeiro de 2021.



Semeando sonhos

Até que enfim havia a possibilidade de uma comunidade de aprendizado, um lugar onde as diferenças fossem reconhecidas, onde todos finalmente compreenderiam, aceitariam e afirmariam que nossas maneiras de conhecer são forjadas pela história e pelas relações de poder
(hooks, 2017, p. 46).

Querida bell hooks,

Quando decidi te escrever, você ainda não tinha feito sua passagem. Ainda não tinha virado uma encantada, que transferiu sua luta por uma educação como prática da liberdade para outras dimensões, onde foi possível reencontrar as mulheres negras que te davam aula na escola de ensino fundamental, Paulo Freire e outras ancestrais feministas e antirracista, todas/os que se dedicaram, como você, a uma pedagogia radical. Embora a imagem de vocês se reencontrando ganhe traços e formas tão bonitas diante de meus olhos, confesso, me senti sozinha com a sua partida. Senti-me perdida.

Na verdade, bell, era luto o que eu sentia. Em negação, quiçá com raiva, questionei: *por que justamente agora?* Agora que a escola/universidade iria voltar para seu território lógico, no contexto público, coletivo, ao vivo e aos vivos, e in memoriam de tantas/os. Ao passo que estava animada, fiquei assustada. Eu sei, finalmente iria poder ouvir os ruídos da sala de aula, ler as falas dos corpos, escutar os silêncios, observar as configurações corporais da sala. Mas eu nunca tinha feito isso. Será que conseguiria, em um momento sanitário, político e social inomináveis, possibilitar a construção de uma comunidade de



aprendizado junto aos/as educandas/os/es? E se eu tiver dúvidas? E se tiver resistências? E se eu não conseguir? Entrei em pânico. Você sabe, bell, confessei-te: assim como você, eu não queria ser professora.

Quando entrei na sala de aula, remotamente, enquanto professora substituta da Universidade Federal em que me graduei, para viver, pela primeira vez, em várias turmas diferentes a experiência integral da docência, enquanto uma mulher, negra e lésbica, você esteve comigo. Você lembra? Tantas e tantas vezes pedi tua ajuda. O que fazer agora? Como responder esse e-mail? Como avaliar esse trabalho? Como acolher esse/a estudante? Como, como, como... fui aprendendo a ser professora, a me encantar com a sala de aula, com xs alunes, com o tanto que estava aprendendo. Fui perdendo o medo, sendo acolhida por todas/os estudantes, também os e as acolhendo e sentindo sensações e prazeres diferentes dos que eu sentia nas salas de aulas que já tinha participado. Agora, era hora de reaprender a ser professora, sem uma tela intermediando as relações profa-alunes e alunes-alunes.

Quando você concluiu sua jornada entre nós, além do medo de não me refazer professora², a escrita travou. Não consegui escrever a carta que planejei enviar a você. Não ia conseguir fazer isso, enquanto estivesse convencida que tinha te perdido. Que tola que fui. Como se você, essa potência transgressora, não pudesse desafiar o finamento.

Quando uma amiga concluiu a leitura do *Defeito de Cor* (2006), da nossa querida Ana Maria Gonçalves, preocupei-me com ela. Como seriam seus dias sem Kehinde? Espelhei: como serão os meus, quando eu completar esta leitura? Em resposta, minha amiga transmitiu a sabedoria de outra amiga querida: “*algo bom nunca morre*”. Entendi. Não precisa

² (Tolentino, 2018, p. 16)



me despedir de você nessa carta. Você não tinha morrido. Entendi, ainda, outra coisa importante. Você não só não estava indo embora, como tinha me presenteado com a *Academia Preta Decolonial*. Agora eu posso ver, foi você, bell, quem me levou até à Academia e foi ali, em meio aos ensinamentos insubmissos, que descobri o que você já vinha dizendo há tanto tempo e eu ainda não tinha compreendido: eu não estou sozinha, assim como você nunca esteve.

Nunca foi meramente sobre mim, bell, que a gente conversava. Era sobre nós, sujeitas, com cores, experiências, histórias, conhecimentos e sentimentos silenciados, subalternizados e marginalizados historicamente, lutando coletivamente por transgressões, tecendo radicalmente mudanças.

Era 22 de setembro de 2021. Eu estava exausta. Tinhamb se passado três semestres consecutivos de aulas, sem férias, apenas com recessos que mais serviam para concluir trabalhos atrasados. Veja bem, não eram xs alunes que me cansavam, fui entendendo que na verdade, eles/as eram meus combustíveis. Mas os excessos de trabalho, em meio a uma pandemia, fatigavam o corpo e a mente. Como conseguiria me refazer professora? Foi quando te conheci, pessoalmente, na Academia Preta Colonial. Você vestia um vestido branco e roxo que tinha sido de sua mãe. Fazia um ano que ela tinha ido encantar o orun. Mas você estava ali, com sua pedagogia confessional, afro afetiva, educando tanto a partir do afeto, quanto teorizando a partir da prática. Finalmente te conheci pessoalmente. Teu nome naquele dia, bell, era Francy da Silva e eu estava na abertura de uma Academia que eu não tinha vivido em minha formação. Era um espaço seguro, onde foi possível semear sonhos, sentir prazer e me refazer.



Sem dúvidas, pelas minhas estradas, encontrei e aprendi com grandes professoras/os. Nos caminhos, as/os outras/os educandas/os me ensinaram muito mais do que sou capaz de traduzir. Mas não sei se, até ali, eu estive em meio a uma comunidade de aprendizado. Nos ensinando a sonhar para além das cercas, como suas ancestrais ousaram lhe orientar, a professora Francy não era só você, bell, ela também era a mãe dela, a avó e a tia. Ela era Miriam Alves, sendo a fala de seu lugar. Também Ana Maria Gonçalves, em sua presença. Ela era Conceição de Evaristo, com o espelho de Oxum/Iemanjá que nos acolhe. Francy, ainda, pessoalizava Luana Tolentino, Nilma Linda Gomes, Alan da Rosa, Sandra Petit.

Definitivamente, bell, você não tinha me deixado sozinha. Somos colheitas suas e de outras/os, assim como tem Francy Silva, Michelly Carvalho, Leila Sousa, Herli de Souza Carvalho, Djanarane Fulane, Andréia Silva, Renata Nascimento, Dai Sombra, José Messias, Letícia Nascimento, Denise Carvalho, Thiane Neves e Priscila Elisabete da Silva semeades em você. Um pouco antes de sua partida, lhe reconheci na Academia Preta Decolonial, (i) por entre as perspectivas pretas que surgem como crítica aos valores “*universais modernos*”; (ii) nos confrontamentos às cosmopolíticas da racialidade pelas pedagogias das encruzilhadas, dos encantamentos e do pensamento nagô³; (iii) no aquilombando em oposição ao colonialismo, por meio de capoeiras (nas gingas das revoltas e lutas populares negras) e do cinema e das narrativas audiovisuais (nos encurtamentos das distâncias entre Moçambique e América Latina); na afrolatinamericanidade de Lélia, pelas vozes, corpos

³ Referências de Renata Nascimento e José Messias na Academia Preta Decolonial à Luiz Rufino (2019); SImas e Luiz Rufino (2020) e Muniz Sodré (2017).



e ensinamentos de Denise e no estar de mãos dadas com nossas irmãs⁴, ao aprender o potencial libertário do transfeminismo.

Se a *Academia Preta Decolonial* foi colheita de ancestrais, bell, agora sou colheita da Academia. Filhas/os de Ananse, Thiane nos chamou, com uma missão a cumprir: desbançar aqueles que pensam guardar o tesouro de todas as histórias, contando as nossas próprias histórias⁵. Finalmente comprehendi o teu presente oferecido por meio das vozes pretas decoloniais. Deixasse conosco a teia, que costura as tecnologias enquanto conhecimento milenar, e as ferramentas, para que a gente possa construir nossos mapas e cartografias insubmissas.

Talvez eu não tenha desejado ser professora, porque nunca tinha encontrado a minha escola. Em meus caminhos, já vinha insistindo em descentralizar teorias e epistemologias, por meio de Bibianas, Belonísias, Donanas, Santas Ritas Pesqueiras⁶; Damianas, Umbelinhas e Marthas⁷; Kehindes, Taiwos, Esméries e Verencianas⁸; Effias, Esis e Ness⁹. Mas ainda não tinha encontrado a descentralização pedagógica. Você segurou minhas mãos e me apresentou uma outra Academia e, aqui, entre pedagogias afroafetivas, gingas e pretagogias, pedagogias confessionais, decoloniais, transgressoras e libertadoras e, claro, sobretudo, entre educandos e educandas, em comunidade aberta de aprendizado, quis finalmente ser professora.

⁴ (hooks, 2017).

⁵ Referências de Thiane Neves na Academia Preta Decolonial à Zélia Amador de Deus (2008)

⁶ Personagens de Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Júnior.

⁷ Personagens de Águas de Barrela (2018), de Eliane Alvez da Cruz.

⁸ Personagens de Um Defeito de Cor (2006), de Ana Maria Gonçalves.

⁹ Personagens de Caminho de Casa (2016), de Yaa Giasi.



Não significa que eu não esteja assustada. Mas agora sei que
continuo em tua companhia e de tantas outras.

Sigamos juntas. Com amor

Camila Teixeira Lima.

João Pessoa, Paraíba, 30 de Janeiro de 2022.



Das nossas vivências à nossas escrevivências

“Nós somos tipo passarinhos soltos a voar dispostos a achar um ninho, nem que seja no peito um do outro”

Emicida

Querida Laís, nesta semana teve fim um curso maravilhoso, o título *Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas*, a Francy Silva foi uma das docentes, e neste, ficamos incumbidos de escrever uma carta para um amigo ou amiga próxima, e escrevo pra você. Nossa conexão não foi a melhor de primeira, mas bastou um encontrinho do destino, ou melhor, um meme, para nos aproximarmos do que hoje se tornou uma irmandade.

Lembro-me do nosso maior momento de conexão, que começou com a transição capilar. Primeiro eu passei, e depois, quando você em seu processo e seu tempo passou por esse momento e nós, em nossas igualdades, nos unimos e nos entendemos como nunca.

Momentos como esse, ainda me fazem pensar sobre a importância de cursos, estudos empíricos e epistemológicos dos que vieram antes de nós, dos processos do nosso povo, das lutas e conquistas e o que faremos com o que aprendemos.

Gosto muito de uma frase que você me disse, que é "*tô aprendendo a ler, pra ensinar meus camaradas*", eu não sei o autor, mas desde a primeira vez que ouvi, eu entendi no mais profundo do meu eu, o



que significava. O Mano Brown diz que temos que aprender porque lutamos, antes de entrar em uma guerra, e cada dia mais, a partir dos nossos encontros e trocas, eu entendo e sei para quê, para quem e porquê e por quem eu luto. Acredito que o enredo da vida é esse. Encontrar-se e seguir, sempre em frente.

E daí eu penso sobre a escrevivência que a Conceição Evaristo nos fala. Nossas vivências nos ensinam, nossos corpos falam, preenchem, ressignificam, constroem, reconstroem e desconstroem. Gosto dessa poética do corpo, porque ela nos fala para além do físico. A Pandemia nos ensinou isso, não é mesmo?

Sigo com saudades e gratidão. Espero que nos encontremos em breve.

Crislaine Custódia Rosa.

Rio Casca, Minas Gerais, 30 de novembro de 2021.



Carta à uma mãe preta!

Processo

*Me calei, respirei, pensei, separei. Negação? Não! Decisão!
Compactação! Introspecção! Visão!*

Mãe Preta, não sou efetivamente uma mãe, mas isso não me tira a alteridade e minha solidariedade pelo seu sentimento de perda. Junto com a senhora, perdi um jovem preto, um amigo, um irmão e por essa dor direciono essas palavras a você. Uma mulher que foi resistente, conseguiu trazer filhas e filhos vivos numa sociedade onde corpos pretos são 'matáveis' e mesmo assim o Estado, que era para se fazer presente e garantir direitos a estes e a estas, é o mesmo que adentra nas comunidades, nas periferias, retirando tudo o que temos: a vida!

Essas palavras são um grito de denúncia, um pedido de socorro em prol de muitos jovens pretos e pretas que o racismo estrutural, institucional cerceia a vida cotidianamente. Essa conversa entre mulheres pretas, como nos ensina Conceição Evaristo (2003), é nossa *escrevivência* onde trazemos nossas dores e amores, pois falar, assim como escrever, cura.

Trago também Lélia Gonzalez para nossa conversa, uma mulher preta do movimento feminista e intelectual. Pergunto: *e a mulher negra cumé que fica? Como ficamos com tantas dores?* Porém, nos amores vivenciados em nossas comunidades, diante da sororidade, conseguimos aguar o coração e fazer flutuar as mágoas ou, ao menos, esquecer por alguns momentos, principalmente quando estamos de mãos dadas. Mãe,



sei que apenas falar não vai arrancar a dor que transborda em seu ser, mas sei que ao caminharmos juntas nos tornamos mais fortes.

Mãe, confesso, essa carta inicialmente seria dirigida a tantas outras mulheres negras, seriam tantas, que me deixaram confusas, todas elas contribuíram para mudar minha história de vida, me possibilitaram a fazer um projeto de vida, nem que seja ao menos redirecioná-lo. Mas, naquele dia 11 de dezembro de 2021, aquele sábado, a história foi mudada, mudada por tantas atrocidades que nos acometem. Por isso pensei: essa carta será direcionada à mãe de um grande amigo, irmão que se foi de uma forma tão trágica, tão esdrúxula, tão cruel, tão desumana. Mas quem é humano? Numa sociedade que hierarquiza corpos, grupos étnicos?

Mesmo que a ação dele tenha sido ilícita, no Brasil não há pena de morte! E infelizmente os direitos humanos não chegam para pessoas pretas, que não são vistas como pessoas em sua maioria, ou mesmo demoram a chegar e não por falta de vontade e de intenção, mas por conta de um sistema perverso que é o racismo e o capitalismo que definem quem pode viver e quem pode morrer como nos sugere Achille Mbembe (2018).

Por isso minha carta, hoje, foi redirecionada. E, pensando nesse redirecionamento, acaba sendo para o mesmo lugar que desejava, para e por um feminismo negro, essa carta que fala sobre minha perda, apesar de você, mãe, da minha mãe, dessas mães que perderam hoje, ontem, antes de ontem (...) e que, infelizmente, ainda irão perder filhos e filhas para esse racismo sistêmico, para essa violência estrutural. Por essa crueldade, essa necropolítica que infelizmente ainda se faz contemporânea e tanto nos assola, como diria minha Vó que a senhora teve a felicidade de conviver.



A pandemia, essa crise civilizatória, que nos arrasa nos mostrou ainda mais, nos mostrou não, evidenciou a outras pessoas que não viam, não enxergavam, porque nós pretos e pretas nunca deixamos de saber, pois vivemos cotidianamente o racismo, ainda que não saibamos denominar que ele significa. E temos as marcas sejam elas físicas ou psíquicas.

Essa carta também é um grito dessas mulheres, que também perderam, que sentiram sua dor, que lutaram e gritaram por seus filhos. Essas famílias que foram despedaçadas, todas as crianças que viraram órfãos de pai, todas essas mães que perderam suas crias, que lutaram tanto pela sobrevivência destes e destas, mas infelizmente por mais que tenham conseguido criar estratégias de manter essas vidas até aqui, depois de vinte, trinta, trinta e cinco anos perdem para o aparato do Estado que deveria nos proteger, mas que entra na periferia e dilaceram ainda mais as nossas vidas, nossas existências, nossas resistências na verdade.

Diante disso, entendo que essa carta continua sendo para mulheres negras, que estão sofrendo, que pedem paz, pedem respeito às diferenças, que pedem igualdades de direitos. Mesmo sendo esses pedidos, gritos ou mesmo gritos de silêncio. Por que um silêncio negro não é percebido? Um silêncio que é coletivo e quando esse silêncio se explode em ações ainda assim a sociedade, os poderes públicos, tendem e teimam em não querer enxergar.

Então, esse escrito continua sendo pelo e por um feminismo negro que nunca deixou de resistir, pois ao entender o que seria feminismo negro, comprehendo que não é só lutar pela minha existência, não é só lutar pela existência das mulheres negras, e sim sobre a existência de todas pessoas pretas que vivem num País em que corpos



pretos são entendidos como '**matáveis**.' Por conta disso, minha carta é também um pedido de socorro, pois estamos sufocadas e sufocados por muitas vezes por não saber como agir, reagir e mesmo assim ainda reagimos, mas a estrutura é tão perversa, ela consegue ser tão massacrante que nos sentimos impotente no que tange a atuação no macro, não podemos denunciar. E a senhora sempre foi uma feminista negra, sempre esteve em movimento, pois ser mãe solo, mãe de quatro filhos e filhas e trazer todas a salvo, a senhora criou muitas estratégias de vida, conseguiu mesmo vivendo com tantas negações e ausências de um Estado que tinha que nos manter protegidas e protegidos, tinha que garantir direitos a todas as pessoas e isso sabemos, mesmo que não tenhamos estudo.

Teu choro, teus gritos na comunidade foram um pedido de socorro, embora não tenha sido atendido naquele momento. Quero te dizer que não foi por falta de vontade, que não foi por falta de amor, de empatia, de solidariedade ou de sororidade, mas foi medo, medo de ter a vida ceifada. Pois ouvimos gritos avisando que quem chegasse iria ser morta ou morto.

Por isso, peço que não se volte contra suas amigas, aquelas que a cercam todos os dias e que também, em silêncio, gritaram junto contigo, mas que se viram tão impotentes quanto seus gritos desesperados, que para os que fizeram a ação eram nada, que como seu desespero de ver, literalmente, uma parte de sua vida (filho) ir embora. Gritávamos, mas naquele momento, tinha que ser em silêncio.

Não tenha dúvida que cada abraço que recebeu foi com todo carinho. Sei que as imagens em sua cabeça vão ser pesadelos vivos e incessantes que te atormentarão. Queria retirar toda essa imagem da sua cabeça, esses sons que teimam em destruir vocês através deste sofrimento



que a cada instante as destroem mais e mais, a cada lembrança desse dia tão indescritível. Foram mortes e mortes com a falácia que seria troca de tiro, mas a gente que vive nesse lugar, ou melhor nesse não lugar na sociedade, percebemos e vemos essa encenação, essa trama criada por quem tem um Estado a seu favor. Sabemos que houve erro, erro de entrarem numa vida ilícita, mas sei, assim como toda comunidade que nesse dia em que seu filho teve a vida findada, ele não errou, ele não revidou, pois não podíamos sair, mas não significa que não tenhamos visto, pois nas nossas casas assim como nossas vidas, temos as gretas que nos mostram e nos salvam. E esse errar muitas vezes é construído por um sistema de negação que esses jovens vivenciam.

Por isso, digo “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte”, essa premissa levamos cotidianamente, pois não temos medo e sua atitude na vida e nesse dia, revelou ainda mais sua potência, que sua maturidade de mais de setenta anos de vida foi a raiz que não te permitiu cair, suas dores físicas pelas doenças não impediram de gritar e lutar pela vida!

Termino dizendo que te amo, embora, nunca consegui dizer com palavras, pois até isso nos foi retirado, retirado a capacidade de mostrar afeto pelo toque. Mas mostramos com atitudes e assim sei que a senhora tem certeza de que te amamos!

Daiane Messias dos Santos.
Salvador, Bahia, 31 de janeiro de 2022.



O conhecimento preto

“O meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa”

Conceição Evaristo

Querido(a) estudante negro(a),

Você provavelmente não me conhece ainda, então, permita-me apresentar. Meu nome é Daniele Lima, sou uma mulher negra e feminista que viu na formação acadêmica uma janela para uma nova realidade. Assim como muitos de nós, certo? Com certeza nós, jovens estudantes negros e negras, temos histórias parecidas, angústias parecidas e sonhos parecidos. Em um mundo que pouco nos dá oportunidade, decidimos agarrar com todas as forças a educação, para nos libertar, para nos dar uma vida diferente, uma vida melhor. E isso é muito bom, a educação muda vidas e já mudou muitas das nossas.

Escrevo hoje para falar sobre o cenário que a gente encontra ao entrar no mundo acadêmico, que por vezes pode não ser muito acolhedor, principalmente quando se trata de corpos pretos. Apesar de, hoje, muitos de nós estarmos presentes em salas de aula, você também já deve ter percebido que poucos estão no papel de professor, coordenador ou reitor, por exemplo. Quando nossa bibliografia de autores é consultada, poucos estamos lá como produtores de conhecimento. É uma realidade latente e entristecedora.

Onde estão os nossos?

Infelizmente, o conhecimento produzido pela população preta é ainda invisibilizado. Não estamos nos livros recomendados, nos artigos



citados, nas palestras dadas, nos espaços em que o conhecimento é lido, compartilhado e criado.

Você já ouviu falar em epistemicídio?

Conheci esse termo recentemente e acho que ele deve ser conhecido por você também.

Não dizem que é quando se conhece que podemos combater?

Bom, epistemicídio é um conceito criado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, que estuda as epistemologias do Sul Global. Esse termo nasceu para, basicamente, explicar o processo de invisibilização de conhecimentos que não foram assimilados pelos estudos ocidentais. Dentro desse processo, se percebe que as contribuições dos saberes produzidos por pessoas pretas, que não fazem parte da dominação imperialista, foram ocultadas. Simplesmente não chegam até nós, pelo menos não de forma fácil ou natural. Assim que nós entendemos isso, também passamos a entender que nossa produção vai ser atravessada por obstáculos. Não é um cenário muito positivo? Ainda não, mas tenho a alegria de dizer que, felizmente, muitos e muitas estão lutando e se dedicando todo dia para mudar essa realidade. Cada passo é parte da longa caminhada.

Esta carta é fruto de uma dessas ações incríveis que permitiu a muitas pessoas o acesso ao conhecimento preto, que existe e resiste. Participar da Academia Preta Decolonial foi uma experiência transformadora, como aluna e como mulher negra. Aprendi coisas que não seriam possíveis no ensino formal nos moldes em que ele se encontra hoje, conheci autores e autoras incríveis e importantes que, sem esse espaço, talvez eu poderia nunca conhecer. Isso é combater o epistemicídio do conhecimento preto, isso é ser resistente, isso é mudar a educação, isso é mudar vidas.



O que eu desejaria para todos os alunos negros e alunas negras que adentram as universidades e pós-graduações brasileiras seria um espaço onde eles pudessem se sentir acolhidos, que conversasse com sua realidade, onde ele tivesse contato com pessoas como eles mesmos e vissem que o futuro pode ser muito bem-vindo. Sei que nem em todos os lugares isso vai ser possível, nesse caso, nós temos que ser esse espaço para nós mesmos e para os outros.

Se os saberes produzidos por homens e mulheres negros não chegam até você de forma fácil, busque-os. Essas epistemologias precisam ser lidas e compartilhadas com as outras pessoas, precisam adentrar novos espaços, precisam ser destacadas.

Cada passo é parte da longa caminhada. Cada um de nós pode dar muitos passos, em conjunto, com mãos dadas, para mudar cada vez mais a realidade da nossa formação.

Nós somos fontes de conhecimento. Nós fazemos a diferença.
Resista e persista.

Daniele Silva Lima.
Imperatriz, Maranhão, 05 de janeiro de 2022.



Carta para minha sobrinha

Inicio essa carta, esperando que algum dia você entenda os ensinamentos que hoje estou passando. Ser uma mulher negra em uma sociedade racista, é um exercício de resistência, a mesma que foi preciso para que você estivesse aqui, pois, quando uma criança negra nasce, com ela floresce a ancestralidade.

Sua mãe, mulher negra e forte como era, passou por muitos momentos difíceis, o maternar negro requer força, as violências que atravessam esse ato são inúmeras, e mostram a negação, a exclusão. Elas, mulheres assim como você, são desacreditadas, negligenciadas em suas dores e nos sabores de ser mãe.

Mas você veio a esse mundo, saudável, forte, viva, superou a violência obstétrica, o descaso, nos preencheu, e no meio do caos do seu pai ausente, a nossa presença alimentou seus primeiros anos de vida.

Nossa família ao recebê-la, ganhou forças para lutar contra o encarceramento, mais uma violência do racismo estrutural que nos condena a pobreza, as prisões, as mortes precoces. A criminalidade chega em nossas casas, toma os filhos e filhas, aprisiona-os, nega educação, saúde, qualidade de vida.

Para o seu pai não foi diferente, foram anos difíceis, mas tudo passou e, diferente de outras crianças negras, você conheceu o seu pai, conviveu com ele, pode reconhecê-lo, se afeiçoar, formas laços. Laços imprescindíveis para uma garotinha tão pequena e indefesa.

Infelizmente, as desventuras chegaram a sua vida muito cedo, ao perder sua mãe, trabalhadora, que não teve direito a saúde, seu pai estava



lá, nossa família se uniu para um único fim, cuidar de você, protegê-la. A dor que sentimos, transformou-se em amor, cuidado, acolhimento.

Você veio morar conosco e nesse instante eu senti o peso da responsabilidade. Nos seus pequenos traços de criança, senti o poder da resistência, do destemor de uma vida em seu início. Escolhi escrever pra você para que saiba que quero cria-la para amar, mas que viver nessa sociedade também exige que se defenda. Quero que seja uma mulher preparada, convicta de sua negritude e pronta para encarar esse mundo.

Quando converso com você me surpreendo com o racismo já experienciado, no cabelo que diz ser duro, no nariz que incomoda, na beleza branca que contempla. Os seus traços são valiosos, lindos, gentis, mas você não consegue enxergar, por que os modelos de branquitude já entraram na sua vida, nas suas palavras.

Eu só queria que a sua trajetória fosse diferente da minha, que as dores que passei e não superei ficassem distantes de você. Quero que quando tenha a minha idade construa bons modelos, valorize sua história, as trajetórias que foram construídas antes mesmo de você nascer. Que você seja mulher, mãe, filha, vivência e resistência. Que seu corpo e suas ações sejam motor de mudança, ressignificação de espaços.

E que não esqueça que essa mulher negra que te ama, fala para um futuro, para o quilombo de afetos e acolhimento que eu sempre farei de tudo para criar para você.

Josilene Pereira Pacheco.



A importância da pedagogia afro afetiva

Querida Day,

Gostaria de dizer que é um privilégio estar te escrevendo, tanto tempo sem nos encontramos para trazer em nossas conversas e momentos tão incríveis como era de costume. No ano de 2021, a convite do meu professor me inscrevi no curso da *Academia Preta Decolonial*, e foi algo realmente maravilhoso, uma troca de conhecimento e valorização da cultura afro, fiquei encantada.

Esta carta com certeza vai te acalentar o coração, pois o assunto que quero compartilhar com você é sobre o decolonialismo e o que ele tem para transformar nossa pedagogia e nosso jeitinho de ensinar.

Logo, é evidente que como professoras precisamos desse pensamento antirracista para que nosso ensino realmente seja impactante e traga para nossos alunos um pensamento crítico sobre as lutas que nós negros enfrentamos e como isso é necessário para combatermos o racismo naturalizado na nossa sociedade.

Diante disso, trago alguns pensamentos importantes que discutimos na Academia, uma delas a pedagogia afro afetiva, pois quando entramos na sala de aula, sabemos que aqueles sujeitos são únicos, cada um com sua história e sua realidade. Nesse sentido, comentando sobre a matemática do afeto, Eliane Cavalleiro diz que,

Realizar uma educação anti-racista é transformar o cotidiano escolar, fazendo, impreterivelmente, uma reflexão profunda sobre que sentimos e como agimos diante da



diversidade. Só o conhecimento de nossos sentimentos e a elaboração de formas de lidar com a diversidade possibilitarão uma distribuição igualitária dos afetos e estímulos no espaço escolar. (CAVALLEIRO, 2001, p.8)

Nesse sentido, quando promovemos o acolhimento e nos tornamos educadores mais atentos buscando sempre a igualdade e a inclusão, tornando o ambiente escolar mais afetivo. Logo, estou convencida que a pedagogia da inclusão renderá bons frutos. Desse modo, minha amiga, espero que essa carta te faça refletir um pouco sobre a pedagogia afro afetiva.

Fique bem, use máscara e mantenha o distanciamento. Com Carinho, Laís.

Laís Gomes.

Floresta, 31 de janeiro de 2022



Carta às minhas descendentes (no futuro)

Tente ser um arco-íris na nuvem de alguéum.

Maya Angelou

Queridas descendentes,

Escrevo num domingo chuvoso após uma longa temporada em Minas, o que me inspira ainda mais a fazer este registro a vocês. Gostaria de lhes contar uma experiência muitíssimo gratificante que vivi, no ano de 2021. Um ano muito conturbado em diversos aspectos. Vivíamos uma pandemia da chamada COVID-19, uma doença altamente infecciosa provocada pelo vírus SARS-CoV 2. Possivelmente, vocês devem lidar com a doença de forma corriqueira, como mais um vírus dentre tantos, mas vivi o começo de tudo e o enorme impacto causado por ela, em termos mundiais. Façam uma pesquisa rápida (não sei se existe Google ainda) e entenderão o que tento expressar. Politicamente, tínhamos um governo antidemocrata que pregava o terraplanismo e prescrevia kits de remédios cientificamente ineficazes à Covid.

Em meio ao caos social, político e econômico deparei-me com um curso chamado *II Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas*. Não me recordo como o curso chegou até mim, mas, suponho que tenha sido pela Fernanda ou pelo Felipe, eternos amigos da antiga cidade da garoa. Se tivesse um pouquinho mais de tempo escreveria sobre nossa amizade, mas deixo para uma próxima carta. Lembro-me perfeitamente da minha satisfação e alegria ao ler a proposta do curso. Os debates sobre as questões raciais borbulhavam. As



vozes negras, finalmente, estavam sendo ouvidas. O curso caiu como uma luva para mim. Os conteúdos propostos alinhavam-se plenamente ao doutorado que realizava naquele momento, além do posicionamento sociopolítico em diálogo com o meu.

Joguei-me de cabeça! Espero que compreendam essa expressão tão antiga. Fácil não foi, isso preciso confessar. Estava mergulhada com as atividades da academia e do trabalho, mas, a cada aula me renovava. Na abertura entendi que a minha participação no curso não era apenas uma atividade formativa, era mais do que isso. Hoje diria que foi um chamamento feito por nossas ancestrais. Na primeira aula fui apresentada à pedagogia afroafetiva – conceito criado pela professora Francy Silva e que transformou minha vida profissional. Com ela, aprendi que acolhimento e afeto são princípios inegociáveis dentro de uma relação educador/estudante, mas não apenas. De um modo simples, mas altamente sofisticado a professora nos fez compreender que as práticas pedagógicas historicamente colonizadoras poderiam ser desmontadas a partir do acolhimento e do afeto - formas inspiradoras de resistência e enfrentamento.

Aquela expressão *Pedagogia Afroafetiva* entrou em mim de um jeito arrebatador. Por anos, como estudante busquei aquele tipo de pedagogia. Desejei ser acolhida e acalentada das inúmeras práticas racistas (ditas e não ditas) sofridas durante minha formação escolar e acadêmica. Demorei longos anos para compreender que alguns gestos, olhares, sussurros de professores e professoras eram carregados de racismo. E eu, na minha ingenuidade infantil e até mesmo juvenil, tentava extrair o melhor de mim para rebater os gestos, olhares e os sussurros, mas sem sucesso. E hoje sei que apenas tentava. Depois da aula com a Francy fiz da afroafetividade um propósito laboral e de vida. Desejo muito



que estejam colhendo bons frutos advindos das experiências de suas ancestrais, não apenas eu, mas também todas as outras, a exemplo das minhas irmãs Elisa e Cristiane. Já ouviram falar delas?

Sinto que o exercício final recomendado pelas organizadoras do curso da *Academia Preta Decolonial*, ou seja, a escrita desta carta, foi um ótimo gatilho para um pequeno registro de algo que me foi tão importante. Gostaria de poder saber quais as estratégias que utilizam para combater o racismo. Aliás, gostaria mesmo é que ele não existisse mais e que não fosse um dos principais elementos de estruturação social como ocorreu por muitos séculos. Gostaria que estivessem vivendo livremente, mas sem jamais esquecer o passado não vivido. Aqui vou finalizando na esperança de que tenha contribuído para uma vida mais digna de cada uma de vocês.

Em tempo: Leiam a autora do prefácio, se é que ainda não leram.

Lívia Marília Barbosa Guimarães.
São Paulo, 30 de janeiro de 2022.



Reencontro

Para Virgínia de Fátima Moraes Ratiel de Souza,

Primeiramente gostaria de reforçar o prazer que é te ter de volta em minha vida acadêmica, ainda que seja a distância. Engraçado como de tempos em tempos a vida nos une nesses espaços e nos leva a partilhar sonhos, não é mesmo?

Guardo na memória com muito carinho de nossas tardes regadas a sol e sonhos nos corredores da UFMA, o quanto lutávamos a cada dia de aula para pertencer ao curso de Hotelaria, mas do quanto parecia que os nossos objetivos não coadunavam com aquele lugar.

Você era desde já uma mulher destemida, mesmo com todos os desafios que a Universidade Federal já nos colocava, pela falta de disciplinas, a falta de estrutura do curso que estávamos matriculados, tu sempre nos dizia: “– *Vamos fazer nesse semestre o possível, no que vem a gente corre atrás de mais*”.

Com o tempo, os nossos sonhos se expandiram para além daqueles corredores, gritavam e estremeciam as paredes daquelas turmas, foi aí que nosso grupo aos pouquinhas foi resolvendo mudar de curso, e assim fomos nos dispersando. Agora, ao te encontrar plena, formada em Serviço Social como sempre almejaste, dividimos a alegria conjunta de estarmos no mestrado, mesmo que em programas de Universidades distintas.

E quanto gozo se encheu meu coração ao saber que tu também compões o bonde do ‘*pessoal dos direitos humanos*’, me indicaste a *Academia Preta Decolonial*, nos matriculamos e quão ricas foram as trocas que tivemos a cada aula ministrada, a cada texto postado, que



mesmo em nossas correrias conseguíamos ler e trocar algumas figurinhas.

Sou muito grato inclusive pelas lembranças dos horários das aulas, dos reforços sobre as categorias trabalhadas pelos pesquisadores que algumas vezes demorei a compreender. Você, Virgínia, com toda essa dedicação e essa trajetória me reforçam o sentimento de que não caminhamos só, que uma vitória não é isolada, e que literalmente sou por que somos, sou destemido porque vejo outras pessoas pretas destemidas como a ti ocupando espaços jamais imaginados para nós.

Saber das histórias e das pesquisas de pessoas pretas sobre questões raciais nos tira de um isolamento que fora romantizado na academia: a solidão do pesquisador e do desenvolvimento de sua escrita. Para além de todo aprendizado, é potente demais ver tanta gente preta pesquisando, quebrei a ideia de que um prete cientista seria aquele iluminade, que faria cota de uma exceção, porque teria atingido o suprassumo do conhecimento.

Essas pessoas somos nós, nós estamos fazendo ciência, a partir de nosso povo, da nossa existência, nós seremos a ‘Ananse’ de nossa geração, àqueles que reuniam as histórias de nossas ancestralidades e devolveremos aos novos, para que saibam de onde vimos, a origem de nossos cosmos e o quão diversos e potentes são nossos saberes.

Tenho coragem de seguir, embora o cansaço e as organizações acadêmicas queiram nos engolir, por que te vejo prosseguir, e sei que uma hora ou outra poderemos ser horizontes um do outro. Desejo a ti, que não te faltes forças na tua longa caminhada, mas se e quando faltar, que existam mãos e braços pretos para te acompanhar, te oferecer colo e que assim novas conquistas emergam dos teus incontáveis sonhos.



Desejo que mesmo que não esteja diretamente ligado a teus sucessos, que meu assento na plateia se mantenha sempre disponível para que eu tenha a honra de te aplaudir de pé pelas realizações de suas façanhas. Você é gigante, potente e o mundo é só uma fração daquilo que podes conquistar.

Abraços fraternos, do seu amigo Luis Paulo.

Luis Paulo Pimenta Ribeiro.
São Luís, Maranhão, 25 de janeiro de 2022.



Carta para minha amiga

Querida Isabel,

Acho que já faz tempo que não nos falamos. Lembro perfeitamente a última vez que te vi deitada naquela cama de hospital. Eu ainda acreditava que você conseguiria vencer o câncer, mas me enganei e naquele momento perdi toda a minha fé!

Não fique triste por eu não ser tão devota quanto antes, mas quero que saiba e sinta-se orgulhosa de mim, pois dei continuidade às outras coisas que queria fazer. Segui corretamente minhas metas, mesmo tendo vontade de largar tudo e só ficar deitada. Aprofundei-me mais nas histórias dos meus ancestrais.

Visitei museus, comprei mais livros para entender sobre racismo, feminismo, antirracismo e tantas outras pautas. Me inscrevi em vários cursos, fiz curso de racismo estrutural, recreativo, aprendi mais um pouco sobre a história dos escravizados no vale do café, e fiquei super interessada em tentar visitar um quilombo, mais uma vez, não como aquele que lhe falei lá da Chapada dos Veadeiros, um outro aqui perto de casa. Queria que estivesse viva pra ir conhecê-lo comigo, principalmente por ser no vale do café. Bebida que você tanto amava.

Fiz um curso muito interessante também, que tomei conhecimento através de outro curso que fiz sobre Lélia Gonzáles, que mulher fantástica, certamente você ia adorar saber as coisas que aprendi e sei sobre ela. Esse curso foi realizado pela Academia Preta Decolonial, era sobre Epistemologias e metodologias antirracistas. Que curso incrível, aprendi tantas coisas.



Falaram sobre pedagogia afro afetiva, falaram sobre Lélia Gonzáles, aprendi sobre um tema que jamais tinha parado pra pensar: transfeminismo!! Nossa foi muito interessante, você ia adorar conhecer a professora Letícia. Falamos sobre capoeira, que aula linda, tô pensando em voltar a praticar. Aprendi sobre ciberativismos, branquitude. As crianças daqui da rua adoram me ouvir falar sobre Anansi, a aranha astuta! Qualquer dia te conto essa história.

Eu fiquei encantada! Havia tanta coisa que eu não conhecia, sou muito grata pelas aulas e pelo curso, tudo isso me fez querer saber mais e mais...então eu resolvi seguir meu coração e acabei me matriculando na faculdade, rsrsrs... Pois é, depois de quase 15 anos que me formei em direito, resolvi fazer história. Você acredita?? Eu tô feliz, e gostaria muito que estivesse aqui para que eu pudesse te contar, durante nossas madrugadas de insônia, tudo isso. Como daquela vez que expliquei a solidão da mulher negra pra ti.

Sinto muita falta de você e das nossas conversas. Em breve nos encontraremos e colocaremos todos esses assuntos em dia. Até lá, eu vou continuar estudando, compartilhando conhecimento e lutando pelo fim do racismo. Ah! Meu sobrinho Peu, também está na luta, estou muito orgulhosa dele, presta muita atenção nas coisas que eu ensino, muitas dessas coisas eu tive a oportunidade de aprender junto ao curso. Ele tá até fazendo comercial na Globo, sobre o racismo no esporte. Tô muito orgulhosa de poder fazer parte disso.

Além do Peu, também acabei trazendo minha prima Luciana, aquela minha amiga da faculdade, junto comigo. Fizemos um passeio bem legal pela pequena África, aqui no RJ e eu compartilhei alguns temas do curso com ela, que se interessou bastante. Já estamos mega ansiosas pelo próximo.



Gostaria muito que continuasse torcendo por mim ai de cima!
Mande bastante energia positiva para que essa depressão não me pegue
novamente. Sinto muito a sua falta e espero que esteja bem.

Um beijo e um abraço de urso dessa sua melhor amiga, aqui da
terra!

Axé Muntu!

Ana Paula de Oliveira Carvalho.

Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 2022



Carta póstuma à Dandara kettley¹⁰

Vidas trans importam:
Transfeminicídio também
é uma pauta feminista.*

Letícia Nascimento¹¹

Querida Dandara,

Apresentar para você minha experiência na Academia Preta Decolonial da UFMA-UNESCO é apenas uma tentativa, viu!

Desde o início foi muito prazeroso vivenciar essa proposta coordenada com muita competência pelas profas. super fantásticas Leila e Michelly da UFMA/Campus Imperatriz.

Olha, para mim a “*Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas*” (complicado esse título né, mas a gente entendeu tudo depois) significou antes de tudo uma profunda conscientização a partir dos seus mais diversos temas/assuntos com falas pra lá de interessantes. Pense num grupo de palestrantes que inspiram, respiram e navegam na onda de pedagogia afro afetiva da Profa. Francy Silva da UFPB. E por aí fomos ouvindo e refletindo o mar de informações fazendo um contraponto com as nossas realidades por esse Brasilzão

¹⁰ Dandara Kettley, morta a tiros, pauladas, chutes e murros [...] Dandara segue morta, mas viva entre as suas, viva no medo de que nós, mulheres transexuais e travestis [...]. In: NASCIMENTO, 2021, p. 174-175, op., cit.,

¹¹ Doutoranda em Educação/UFPI, Professora do curso de pedagogia UFPI, Autora do livro “Transfeminismo” décimo livro da coleção “Feminismos plurais”.



afora. Ainda há muita coisa a fazer e a recepcionar Dandara. Mas o importante é que iniciativas como essas vão se entranhando no nosso dia a dia, auxiliando ou até mesmo rompendo de pronto barreiras de preconceitos, a proporcionar um novo olhar, um novo agir pacificador.

Bem, querida Dandara dentre as excelentes exposições da Academia Preta Decolonial (integradas à realidade brasileira e latino-americana...o que foi demais!), a palestra da Profa. Letícia Nascimento da UFPI sobre Transfeminismo me motivou a trazer para você breves notas sobre a criminalização das condutas de homofobia e transfobia, o que enfim ocorreu em 2019 depois de sua triste e violenta morte (2017).

Saiba, querida Dandara, que você ainda vive minuto a minuto, segundo a segundo em cada vida trans desse país latino-americano chamado Brasil. Vidas trans que continuam muito importando, como diz a Profa. Letícia Nascimento na sua publicação Transfeminismo.

Um espiritual abraço carinhoso para você,

Silvana Maria ribeiro pereira¹².
São luís, Maranhão, 12 de janeiro de 2021.

¹²CV Lattes <http://lattes.cnpq.br/3786306229462853>.
E-mail: silvanamrpereira@ifma.edu.br.



Carta ao meu pai: eu, professora, em busca de um letramento racial e uma prática educacional antirracista

*Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda.*

Paulo Freire

Pai, essa carta se destina ao senhor, mas também poderia ser endereçada a mim, para que eu possa ler em voz alta e entenda, enfim, a importância do que se chama letramento racial, algo que, provavelmente, sua geração não viveu e que tem sido tão significativo para a minha. A palavra letramento possui uma definição acadêmica que explica que, para além das práticas da leitura e da escrita, é utilizada em uma metáfora, na tentativa de aplicar um conjunto de práticas sociais (TERRA, 2013). Assim, pai, o letramento crítico é uma categoria mais ampla, que pode ser estendida para as diversas relações humanas e que se encontra em várias instâncias sociais. É sobre promover um entendimento e uma prática social baseada no respeito às diferenças de gênero, raça/etnia e outras.

Na busca por tentar me compreender em termos raciais, tenho procurado me informar melhor sobre assuntos que perpassam meu ofício de professora, mas que também que me atravessam como pessoa e foi nessa empreitada que encontrei, em uma rede social, o perfil do Núcleo Maria Firmina dos Reis, que é um núcleo interdisciplinar, da área de Comunicação, Gênero, Feminismo, Raça e Cidadania da Universidade Federal do Maranhão, localizada na cidade de Imperatriz. Podem não fazer muito sentido para o senhor os termos gênero, raça e cidadania, mas



são temas que também fazem parte do cotidiano como professora universitária que, vez ou outra, comento aí em casa, quando conversamos sobre o meu trabalho. Trabalho esse que foi um divisor de águas em minha vida e vem me transformando a cada dia mais.

Bem, retomando ao núcleo Maria Firmina dos Reis, foi oferecido pelas professoras coordenadoras um curso de extensão chamado “*III Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas*”. Chamamos curso de extensão aqueles em que o conhecimento que é construído dentro das universidades é compartilhado com a comunidade externa e, imagine pai, a grandeza de um curso que versa sobre uma “academia preta” e que pensa a desconstrução do colonialismo, tão arraigado em nós e em nossa sociedade.

O curso aconteceu de maneira remota, de agosto a novembro desse ano e foram apresentados muitos temas como infâncias negras, práticas afro-religiosas, literatura e história, saúde mental de mulheres negras e feminismo decolonial, afro futurismo, mulheres e mineração, temas muito interessantes e alguns inéditos para mim. Mas o tema que mais me chamou atenção e me impactou foi o desenvolvido em uma das primeiras aulas sobre colorismo, interseccionalidade e lugares fronteiriços. Esse tópico, em especial, me tocou de um jeito diferente devido às reflexões que tenho feito nos últimos anos, sobretudo pela minha atuação na disciplina de Relações Étnico-Raciais e Diversidade Cultural, que ministro desde 2015. O tema do colorismo e a minha própria vivência enquanto uma mulher “parda”, em alguma medida, me coloca nesse lugar fronteiriço, em uma localização racial intermediária (LOPES, 2014), em um “não lugar”, que na verdade só começou a me incomodar devido às alegrias e dissabores oriundos dessa atuação como



professora e no compromisso cotidiano com estudantes pretas/os/es, vindos de vários territórios, inclusive das periferias. E alguns desses incômodos vêm da carência de um letramento racial que não tive na infância, nem na adolescência e que busco agora, entendendo que isso também terá um impacto em minha prática em sala de aula.

Eu posso imaginar que o senhor deve estar se perguntando: Por que Tatiane escreveu para mim? Eu realmente poderia escrever a algum aluno/a/e ou mesmo à um/a colega de departamento, ou seja, pessoas que fazem parte do meu cotidiano laboral e que são do mesmo ambiente universitário que eu, mas achei muito simbólico elaborar essas reflexões junto ao senhor, entendendo a maneira como fui socializada e pensando naquilo que eu posso construir a partir desse letramento tão almejado, mas que também pode se converter em um conhecimento partilhado no âmbito da nossa família.

Como o senhor bem sabe, somos resultado de uma família interracial, onde meu avô, seu pai, um homem negro se casou com uma mulher branca, minha avó, e que juntos, tiveram 15 filhos, das mais variadas graduações de tons de pele e fenótipos. E você pai, o primeiro desses filhos, veio ao mundo como um homem mestiço, ou como é lido socialmente, como um homem pardo. É dessa família que eu venho e hoje reconheço todos os privilégios que o tom mais claro da minha pele, me conferiu, além de uma maior “passibilidade”, ou seja, ser lida como uma pessoa branca nos espaços sociais que percorri ao longo de minha existência. Escolhi falar sobre essa minha experiência com a Academia Preta Decolonial para o senhor porque entendo que durante os primeiros anos de minha vida e na tua vivência como pessoa parda não havia espaço para pensar essas questões étnico-raciais, não por ser um assunto menos importante, mas porque não havia, naquela época, a perspectiva de uma



instrução racial crítica, muitas vezes ofuscada pela percepção de classe, que nos localizava como pobres e periféricos, mas não como pessoas racializadas, na dimensão do que chamam hoje de colorismo (MUNANGA, 2004; DEVULSKY, 2021), que significa dizer que, quanto mais pigmentada uma pessoa é, mais exclusão e discriminação ela irá sofrer. O lugar de origem “pobre” sempre esteve presente em minha percepção como sujeito, mas nem sempre esteve definido esse ‘não lugar’, entre ser clara demais para ser considerada negra e escura demais para ser considerada branca. Ou seja, a categoria classe se situava em minhas reflexões e percepções, mas as categorias raça/etnia não. Considero esse um exercício pessoal importante, algumas vezes elaborado como incômodo, mas extremamente necessário para pensar e agir a partir desse novo olhar. Enfim, são muitas questões, algumas, ainda, sem respostas para mim.

Vou finalizando por aqui, pai, e deixo essas indagações para pensarmos e debatermos juntos em um momento oportuno. O que eu queria destacar aqui, com essa carta, foi a minha enorme satisfação em experienciar, como aluna/ouvinte, essa terceira edição da Academia Preta Decolonial que, por meio de aulas emocionantes, esclarecedoras e de uma extrema potência, contribuiu com o meu processo de letramento racial crítico e para uma prática pedagógica antirracista. Meu desejo é que aconteçam mais ações de extensão como essa e quem sabe, em um futuro próximo, não cursamos juntos a IV Academia Preta Decolonial, pai?! Seria incrível!

Um abraço, com carinho, Tatiane.

Tatiane de Oliveira Pinto.

Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 2022.



Oportunidades e desafios

Querido Luis Paulo, é um prazer estar escrevendo esta carta para você, nos conhecemos há mais de 10 anos na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Ainda me lembro da sua determinação e dedicação aos estudos, seguimos caminhos diferentes, não concluímos o curso de Hotelaria, mas a amizade continuou.

Fiquei muito feliz com as suas conquistas ao longo dos anos, começando pela aprovação no curso de graduação em Direito da UFMA, logo após a conclusão deste curso, obteve aprovação no Mestrado em Direito da Universidade Federal do Pará (UFPA), fruto de muita luta, dedicação, determinação e esforço, mais uma vez te parabenizo e estou torcendo pela sua titulação de Mestre.

Meses após te parabenizar, vi uma oportunidade no seletivo para o curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, saiba que você foi uma das minhas inspirações para fazer esse seletivo, meses após um longo processo seletivo, obtive aprovação e dessa vez foi você que ficou feliz por mim e me parabenizou. Somos pretos e sabemos o quanto significa para nós chegarmos a um curso de Mestrado em uma universidade federal, muitas pessoas que me parabenizaram se motivaram para fazer o seletivo também, isso me deixou imensamente feliz.

Quando soube deste curso da *Academia Preta Decolonial* vi uma oportunidade de voltarmos a estudarmos juntos novamente, para que pudéssemos adquirir novos conhecimentos, além disso, nos levou a fazer várias reflexões sobre as nossas origens, o presente e realidades que



visamos que melhorem no Brasil e no mundo, para termos um futuro melhor.

Tenho consciência de que ainda tenho muito a aprender, e esse curso me ajudou bastante a ampliar meus horizontes, conhecer histórias, principalmente daqueles que contribuíram de forma carinhosa, com esforço e dedicação para não só passar conhecimento, mas também refletir e nos impulsionar a lutar por uma sociedade melhor. Foi muito difícil e desafiador para eu conciliar as aulas e atividades do Mestrado com o curso da Academia Preta Colonial, mas foi excelente participar. As discussões contribuíram bastante para a elaboração do meu projeto de pesquisa para qualificação do Mestrado, que tem como tema Educação quilombola, focando no fortalecimento da identidade e cultura negra. Pretendo rever todas as aulas do curso nas minhas férias.

Vou finalizando minha carta meu querido amigo, desejando que você atinja todos os seus objetivos e nunca desista dos seus sonhos, sei que você tem potencial para ir mais longe. Mesmo distantes fisicamente, principalmente devido a esse período de pandemia que estamos vivendo, sempre que precisar estarei aqui para o que precisar, novos desafios, inclusive para parcerias em produções acadêmicas direcionadas para as relações étnico-raciais.

Abraços, da sua amiga Virgínia Moraes.

Virgínia de Fátima Moraes Ratiel de Souza.
São Luís, Maranhão, 30 de janeiro de 2022.



Uma pedagogia afro afetiva

Querida Franciane, ou melhor, Francy, como gosta de ser chamada,

Escrevo a você porque não poderia ser para outra pessoa. Assim que terminei a segunda edição da *Academia Preta Decolonial* e fui convidada para escrever uma carta de agradecimento a uma pessoa querida, você veio imediatamente à minha cabeça. Mas como te agradecer apenas por ter conhecido a Academia Preta Decolonial e não agradecer por toda nossa trajetória juntas?

Conheci a *Academia Preta Decolonial* através de você, na época ainda minha professora de estágio. Em cinco anos de curso de Letras, a minha primeira professora negra em sala de aula. Fazendo história não somente por isso, mas pela sua “*pedagogia afro afetiva*”.

Você entende o porquê de eu colocar entre aspas né? Não poderia ser diferente, já que eu atribuo a você a criação desse termo e já lhe disse muitas vezes que você precisa fazer um livro falando sobre o que é a pedagogia afro afetiva, sobre sua base, sobre a execução dessa pedagogia que é tão linda e que não caberia nessa carta...

Quem participou dessa segunda edição da *Academia Preta Decolonial* pôde ter um gostinho do que é essa pedagogia, já que você foi uma das palestrantes do evento. Mas eu tenho a honra de poder dizer que não fui só a aluna a aprender, mas também a praticar a pedagogia afro afetiva.

Você foi a primeira professora a me fazer chorar de emoção em sala de aula (e era só a sua primeira aula), com suas declamações de poemas sempre muito fortes, sempre me sacudindo e no final eu tendo



que recuperar o fôlego... Mas mais do que toda a beleza que eram suas aulas, como sua aluna, aprendi a ter mais confiança em mim, a falar em sala de aula, a dar minhas opiniões. Mas o mais importante: eu fui ouvida. Eu achava que o que eu tinha para falar não era importante ou era ruim, não iria agregar em nada no debate. Mas você me ensinou que a minha fala importa, que eu sou capaz, que eu sou competente.

Nunca vou esquecer quando em sala de aula você percebeu a minha insegurança, a minha baixa autoestima e exaltou ali as minhas qualidades não só como uma mulher bonita e forte, mas como uma pesquisadora competente. A partir daquele dia, tento sempre lembrar que ter essas certezas não é sinal de ser pedante ou arrogante, mas sim de saber que eu valho a pena e o que eu faço também vale.

E o que dizer do seu convite para participar do projeto de extensão Palavra-Corpo? Me senti tão honrada.... Foi como se ali, mais uma vez, você estivesse me lembrando da minha capacidade como pesquisadora e professora recém-formada.

Já são 02 edições do projeto e foi lá que pude colocar em prática a pedagogia afro afetiva que tinha aprendido como aluna, mas agora como professora... Que experiência, Francy! Sua pedagogia afro afetiva foi a base para a feitura das nossas oficinas de literatura numa escola estadual no Município de Santa Rita. Foi um sucesso! E vamos rumo à terceira edição, né?

Através de você, Francy, conheci bell hooks, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo e tantas outras que ensinaram a esta capricorniana aqui não só a transgredir, mas também a praticar a educação libertadora, a juntar pedaços, a ser insubmissa, a voar em tapetes...



Só espero ser um pouco da professora que você é quando eu crescer... Obrigada por tudo. Pela Academia Preta, pelas aulas, pelo projeto, pelo reconhecimento, pela amizade.

Com carinho.

Da aluna, da professora, da amiga, Yve.

Yve Almeida Leão.

João Pessoa, Paraíba, 13/01/2022.



Caminhos

Eu quero falar de caminhos
Caminhos que nos trazem e nos levam,
nos fizeram chegar nesse ambiente de aprendizado.

Quando eu penso em caminho me vem à mente uma estrada,
uma estrada de chão, barro vermelho;
lembra pó, lembra lama, suor, trabalho e conquista.

São tantas a histórias que passam por esses caminhos são tantos
os fardos que carregam.

Nesses caminhos, lutas diárias e vidas se entrecruzam. Corpos,
dores, vivências e afetos.

Quando penso nos pés cansados,
nas mãos calejadas que vieram antes de mim. Imagino um
caminho atrás do outro,
como raízes crescendo nesse chão, nessa terra.

Duas mulheres, duas maranhenses Duas lutas e dois caminhos.
Uma mãe e uma filha.

É pele retinta, são olhos negros,
Cabelo pretos, lisos e crespos,
é sangue que corre nas minhas veias.



Quando você pensa em corpos pretos, em povos originários
o que te vem à mente?

À minha só vem ternura, afago
e o mais puro amor de minha mãe e avó. E se hoje cheguei onde
cheguei
É porque elas me mostraram o caminho.

Esse poema é dedicado à minha avó, que faleceu em 2020, Antonia da Silva e a minha mãe Eudes Oliveira, meus maiores exemplos de vida. E gostaria de agradecer as professoras Michelly e Leila e a todas as palestrantes da Academia Preta Decolonial, pois além de aprendermos sobre respeito, inclusão e responsabilidade; as palestras nos conectam com nossa história, nossa ancestralidade. Compreendendo que é de suma importância entendermos quem somos na sociedade para que possamos evoluir como seres humanos e também como profissionais.

Helhy Gomes.



Clarinda e Raoní: a florista e a oncinha preta

Foi um enorme prazer e uma atividade acadêmica enriquecedora participar do Curso da Academia Preta Decolonial, realizado na forma de encontros virtuais, em época pandêmica. Desde a Abertura ao Módulo IV. O módulo I intitulou-se: Venho das águas: uma travessia indígena, ministrada pela Professora Mirna Kambeba Omáguá-Yetê Anaquiri, da Universidade Federal de Goiânia, o módulo II: Transgredir para volver a ser: comunicación decolonial para la reexistencia, com o professor Edzon Leon, da Universidad Intercultural Amawtay Wasi e CIESPAL, do Equador, o módulo III: Expulsão programada do racismo da comunicação: uma agenda em construção, com a professora Márcia Guena dos Santos, da Universidade Estadual da Bahia, e o módulo IV: Epistemologia da Comunicação: reflexões, trajetórias e sua construção em Moçambique, com o professor Fulgêncio Muchisse, da Universidade Eduardo Mondlane, de Moçambique.

A Coordenação da Academia Preta Decolonial, composta pelas professoras professoras Michelly Carvalho e Leila Sousa da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, que também são as líderes do Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos Maria Firmina dos Reis, incluindo a professora Luciana Sousa, nos deram uma excelente oportunidade de refletirmos nosso próprio letramento étnico-racial-cultural. Como psicólogo antirracista, negrindio, caboco amazônica, pude tanto me inspirar nos aprofundamentos de uma Psicologia Preta, com os estudos de Asa



Hilliard III e Virgínia Bicudo, e Indigenista, com os estudos de psicólogos indígenas do Brasil, como os da Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogas/os, e as diretrizes de uma psicologia antirracista do Conselho Federal de Psicologia, com as quais trabalho há alguns anos, bem como nos territórios, terreiros e quilombos or onde ando e andei. E de forma mais intimista, me possibilitou refletir minhas raízes e ancestralidades.

O curso acadêmico fortaleceu em mim a dimensão do apendizado pelo viés de uma educação de sensibilidade, compondo a lembrança ancestral da minha amada e saudosa mãe-vó Clarinda Castro Cardias. Ela foi a matriz, a matriarca da minha família nuclear, uma senhora mestiça, oriunda de pessoas brancas e negras escravizadas no Maranhão, desde a baixada maranhense. Ela me nutriu e maternou com tanto amor e cultura popular, tornando-se parte fundamental da minha formação pessoal, negra-índia. Na outra ponta, meu amado filho Raoní, que significa onça ou guerreiro em língua Jê, é a quem transmito essa herança amorosa e racial, pois ele é negro, neto da dona Clarinda e filho de mãe negra maranhense.

A florista minha avó, Clarinda Castro Cardias, de Perimirim-Maranhão, faleceu em maio de 2011, com 85 anos. Na mocidade foi atriz em circo saltimbanco da época de sua juventude e gostava de ter o papel da florista. Ela era bem branquinha, mas de família mestiça-cabocla, bem misturada, tinha irmãos negros pretos e pardos, seu pai era negro, sua mãe branca. Já Raoní, meu filho, nasceu em maio de 2013, em Imperatriz, hoje com 11 anos. São meus dois grandes amores, infelizmente não se conheceram fisicamente, mas se encontram no meu coração, portanto espiritualmente, na linhagem de um amor incondicional e infinito. Os haikai abaixo são em homenagem a esses dois seres de amor, que se misturaram em palavras e no meu coração. Penso que se tivessem



conhecido pessoalmente se amariam de modo igual se amam no silêncio sagrado do amor. Eu faço a ponte desse lindo amor que une nossa ancestralidade negra, índia, caboca, maranhense, paraense...minha academia preta onde eles são meus professores ancestrais...

Flores na trilha

Oncinha preta salta

Pétalas voam...

Vovozinha flor

Igarapé escuro

Oncinha preta

Caminho claro

Flor e onça pretinha

Colorido amor!

Aos meus dois amores eternos...

Fabio José Cardias-Gomes.

Imperatriz, Maranhão, 16 de novembro de 2023.





Saudações

Querida Maria Alice,

Tudo bem com você e sua família? Espero que sim!

Maria Alice, é com o coração transbordante de alegria e satisfação que lhe escrevo estas poucas linhas e contar como estão as coisas por aqui em Açailândia, em tempos de afastamento social em razão da grande pandemia que sacudiu o mundo nos últimos vinte e quatro meses. Como é do seu conhecimento, com a pandemia tudo ganhou um novo sentido, inclusive a forma de ensinar e aprender. Graças a inteligência humana e a criação da tecnologia e internet, podemos acessar virtualmente vários ambientes para aprender e trocar ideias com outras pessoas e de vários lugares diferentes sem sair da comodidade de nossa casa. Maria Alice, você já ouviu falar sobre Academia decolonial? Ou melhor: “*Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas II.*” Trata-se de um curso de formação continuada organizado por dois seres humanos fantásticos: a professora Michelly e Leila, da UFMA. E como você não conhece vou te explicar a riqueza que foi o curso e que tive a satisfação e o privilégio de participar em 2021, por meio de nove encontros remotamente, mas que foi tão humanizado e acolhedor que nem me sentia em casa nas tardes de sextas-feiras às 15h. Foi a minha primeira *Academia Preta Decolonial*, porém, já é a segunda vez que o curso é ofertado aos acadêmicos, professores, pesquisadores e à comunidade em geral. A aula inaugural me deixou encantada com um tema: Pedagogia afro afetiva: uma experiência de emancipação, que fora discorrida pela professora Francy Silva (UFPB) com uma humanidade



que eu nunca havia visto, esse tema me deixou maravilhada com o cuidado com ela tratou a temática. No segundo encontro estava escalada a prof. Rosenverck, Estrela Santos e Herli de Sousa Carvalho; um papo cabeça muito sério e quando eu pensei que já tinha acabado no outro encontro mais novidades e dessa vez era de longe. A pauta era sobre Moçambicidade audiovisual e cidadania – com professor, Fulgêncio Muchisse (Maputo/ Moçambique), Doutor em Ciências da Comunicação/ Unisinos. Mestre em Comunicação/ UFRGS, o homem sabe muito sobre as tecnologias contemporâneas e a forma como a pessoa negra integra este espaço nos meios de comunicação, filmes, telenovelas e/ou séries. E assim, de encontro em encontro, fui me encantando com o curso que a cada semana nos convocava para reflexão acerca do papel da pessoa preta como protagonista da própria história. O terceiro encontro, oportunizou a reflexão a partir das Perspectivas decoloniais/anticoloniais e o pensamento produzido por mulheres da América Latina em narrativas audiovisuais do Brasil e Equador, com Andrea Rosendo, Jornalista e doutoranda-(Prolam/USP). Um momento único e muito produtivo, o aprendizado impagável, eu tenho certeza que se fosse presencial, Maria, não daria para participar por inúmeros fatores. A tecnologia encurtou as barreiras geográficas com internet e desse modo, cada um do seu lugar pode participar e fazer suas indagações sobre o pensamento produzido por mulheres da América Latina, além de tomar conhecimento do recorte de uma pesquisa tão significativa como essa que a prof. Andrea Rosendo, nos agraciou.

Maria Alice, você não faz ideia como foi o quarto encontro, uma pauta bem atual envolvendo as Cosmopolíticas da racialidade: perspectivas pretas como crítica aos valores universais modernos com: Renata Nascimento Doutoranda (PPGCOM/UERJ). Só pelo tema do



encontro dar para você imaginar a magnitude do assunto, isso sem citar a maestria com cada palestrante desenvolvem as pautas. Como eu lhe falei Maria Alice, os encontros foram pensados e organizados de forma que você vai encadeando as ideias e despertando em si, o desejo de pesquisar, ler, debater mais sobre os assuntos, montar seu mapa conceitual, resumir, e entre outros. Tudo isso sem falar na oportunidade de assistir as aulas que são gravadas como forma de oportunizar aos cursistas tirarem dúvidas, e rememorarem o que já fora abordado no encontro virtual, caso tenha perdido algo no dia da aula. Agora, minha querida, se os encontros anteriores citados foram nota dez, imagina o quinto encontro que tratou sobre o transfeminismo com a Letícia Nascimento, Doutoranda em Educação/UFPI. Um ser humano de régua alta, livre das amarras sociais e com maestria apresentou a pesquisa sobre transfeminismo do ponto de vista de quem carrega no corpo, na alma e no coração sua identidade humana e não o rótulo do gênero como marcador social da diferença. Este encontro revelou um universo de possibilidades a partir de lutas diárias e conquistas da pessoa humana e não um gênero.

Quero lhe dizer ainda, Maria Alice, que participar dessa formação foi de suma importância para minha formação e em particular no tocante a minha linha de pesquisa que trata de Maria Firmina dos Reis, essa escritora maranhense que até dois mil e dezessete tinha pouca visibilidade no meio acadêmico. Uma mulher, escritora, preta muito a frente do seu tempo e em seu país, que se posicionava contra toda e qualquer forma de segregação social da pessoa preta.

Eu sou muito grata às professoras Michelly e Leila, pela formação que veio corroborar com a formação em tempos de afastamento social, período em que as relações humanas se encontram fragilizadas. E estudar foi mais que oportuno e os encontros da *Academia Preta*, foram



enriquecedores como é o caso do sétimo encontro que tratou sobre a Capoeira Descolonizadora como epistemologia de resistência- Dai Sombra (Diáspora produtora - Barcelona/ Espanha). Acredito que esse encontro mexeu com a identidade de cada um dos cursistas, pois falar de capoeira é falar de: força, garra, luta, superação, resistência e sobretudo quando a Capoeira traz para a roda uma mulher como mestre a professora Dai Sombra, que toca, dança e canta e convoca todos a conhecer mais sobre a superação e as conquistas da presença feminina da capoeira. Assim, a capoeira apresenta-se como símbolo da resistência deles e delas. E considerando a beleza que foram todos os encontros até aqui descritos, quero aqui dar ênfase ao penúltimo encontro que abordou a Interseccionalidades e o feminismo afrolatinoamericano no pensamento de Lélia Gonzalez - Denise Carvalho (PPGEM/ UFRN) Doutora em Sociologia/ USP. Um encontro fundamentado nos pensamentos e nas lutas dessa escritora que temos muito a pesquisar, ler e estudar e assim, apropriar-nos do conhecimento e questões acerca do feminismo.

Todavia, querida Maria Alice, espero que eu tenha conseguido expor para você um pouco do meu olhar sobre o que foi a formação “Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas II” que participei. E quero encerrar essa minha cartinha, dizendo que “Tá feita a quizumba”: Debates sobre (re)apropriações tecnológicas e os ciberativismos de mulheres negras. - Thiane Neves (UFBA). Foi esse o tema do penúltimo encontro, um recorte de uma pesquisa que Thiane Neves, apresentou uma cartografia (re)apropriações tecnológicas, e destacou espaços onde a tecnologia ainda não é uma realidade. Thiane, nos apresentou Ananse, uma deusa-aranha, como metáfora “teia” e que assume diversas identidades. Thiane, por meio de sua pesquisa, consegue nos mostrar através dos mapas, quer sejam os



mapas oficiais da Amazônia paraense, IBGE, onde os Cabos dessa grande rede ainda não chegaram. E por se tratar de um recorte de uma pesquisa em andamento, temos muito ainda a aprender sobre o assunto, a partir do olhar de Thiane Neves. Ao descrever sobre o último encontro do curso Academia preta decolonial, o sentimento é de gratidão! Gratidão a professora Michelly e professora Leila, pela amorosidade e cuidado para conosco, por meio das comunicações, e-mail, acolhidas nos encontros e pela oportunidade de poder revisitar a memória e colocar no papel o legado que o curso deixou em mim, e por poder partilhar com a querida Maria Alice, através dessas linhas, carregada de emoção, e aproveito para fazer o convite para que você possa participar do curso em dois mil e vinte e dois na terceira edição.

Gratidão! Ubuntu!

Maria Alice de Jesus P. dos Santos.

Açailândia, Maranhão, 10 de dezembro de 2021.



Para minha e todas as Julias

Oi, Toutouille!

Esta carta é a conclusão de um trabalho acadêmico que, ao longo dele, eu pensei muito em ti e em todas as outras meninas que virão depois de mim, e por esse motivo e em forma de gratidão a tua vida, escolhi você ratatouille para dedicar esta carta. Esta será a primeira vez que escrevo para ti, e será difícil colocar aqui em cada letrinha dessas, uma mistura de sentimentos que venho experimentando ao longo dos meus 27 anos.

Quando o teu avô Júlio Lizardi virou uma estrelona no mar, eu senti medo de sofrer novamente e de perder mais alguém que eu amasse tanto quanto ele. E por alguns anos me privei de provar o amor, de qualquer forma que ele aparecesse, eu me limitava com os receios das possíveis partidas, foi uma forma de defesa que encontrei para não me machucar. Mas ele (o amor) se apresentou de duas formas que eu não pude me privar, na verdade nem percebi, quando me dei conta, já estava sentindo. Uma dessas formas foste tu. Meu amor por ti trouxe muitos sentimentos novos e a renovação de outros, trouxe também uma forma nova de ver o mundo. Todo nascimento é especial, mas o nascimento de uma sobrinha como tu, é alguma palavra maior que especial.

Eu me faço muito grata por tua existência, tu me deste possibilidades de buscar ser melhor e lutar por um mundo melhor. Eu te ensino muitas bobeiras, mas cada passo que dou, observo milimetricamente se será um bom exemplo para ti, se tu poderás se inspirar em mim, e se de alguma forma irá ajudar tua geração. Eu sonho e faço por um mundo onde tu e outras meninas não serão julgadas ou



limitadas por serem mulheres, pela cor, pelo cabelo, pelo peso ou por suas escolhas.

Eu gostaria de te deixar alguns conselhos, diante do que observo em ti, tu serás uma dessas mulheres que como tua bisavó Burina gosta de falar, “cava até achar o ouro”. Vejo em ti muita força e espero que tu tenhas gana de usá-la para mudar as coisas que precisam ser mudadas, no mundo, ao teu redor e/ou em ti. Tenha cuidado com a desconstrução, para que não se distancie ou se perca do que tu és, ou do que acreditas. Sejas fiel aos teus princípios, honesta contigo e ame-se acima de tudo (principalmente essas sobrancelhas que me faz lembrar Frida Kahlo e essa personalidade firme que inspira). Estejas sensível e atento à dor, necessidade e limitação do teu próximo. Quero que saiba que ninguém nasce predestinado a nada, portanto rompa ciclos, mude histórias, quebre paradigmas ou estações ruins, que não caibam ou façam mal a ti ou as outras.

Minha sobrinha querida, eu gostaria de poder mensurar o quanto te amo e o quanto sou grata por tua vida. Eu aprecio cada detalhe em ti, cada fase do teu crescimento, das tuas descobertas. Eu amo quando tu pedes para te contar histórias antes de dormir ou cantar, juntamente com o carinho na barriga que só eu sei fazer, gosto de quando tu pedes para ver fotos e vídeos de quando tu era bebezinha e sigo tentando registrar tudo que tu fazes.

Saiba que tu me tens, serei sempre por ti!

E para as Julias que tiverem acesso a esta carta, saibam que pode não parecer, mas em algum lugar, tem ou teve uma mulher por você também. E mesmo que não pareça ser o melhor, tenham certeza de que ela estará dando o melhor que ela pode dar ou ser naquele momento. Às vezes essa mulher é você mesma.



Que estejamos juntas e fortes para lutar e mudar o que ainda precisa ser mudado. E que estejamos abertas sempre para o amor, de todas as formas que ele se apresenta. Ele é revolucionário!

Andrezza Stephany Lizardi Ferreira.



Correio memória - carta para minha vó (em honra e memória)

Minha querida, há alguns anos partiste, hoje lembro com alegria de sua vida e escrevo esta carta para te contar como anda a vida por aqui, sei que esta carta te alcançará em Orum, pois está inscrita em mim, onde se encontra com tuas lembranças.

Querida leitora, querido leitor, não és uma carta de luto e sim de celebração da memória da minha vó, e da mulher que eu luto para me tornar. Inscrita em mim e, de algum modo, escrita para o mundo, não controlo quem receberá este correio memória, então preciso dizer a quem for ler esta carta quem foi minha vó quando passavas por este mundo. Para quem não conheceu a Ivone Ferrugem, mulher preta retinta, filha de pai ferroviário, com irmãos com que perdeu contato na vida adulta, era uma mulher inteligente, privada das letras escritas, nunca foi alfabetizada, mas dominava as palavras, a oralidade era sua forma de perpetuar o que sabia, muitos buscavam seus conselhos e suas ervas, seus benzimentos e rezas. Também era cozinheira e sustentou a família com seus quitutes em bares noturnos. O carnaval era sua paixão e, aos domingos, o som na vitrola era em último volume por onde desfilavam Alcione, Agepê e Clara Nunes. O sobrado antigo de janelas para calçada, não era teu, mas morou de aluguel até que o “quarto do despejo” (Carolina Maria de Jesus) te encontrou, lugar não-morada de muitas famílias pretas naqueles anos em que políticas públicas eram escassas e salários baixos, anos 80-90 mas poderiam ser 2022, o passado em regresso.



Minha querida, será que tem samba de roda aí? Tem cheiro de comida gostosa de domingo? Tua cabeça não deve mais estar coberta em turbante de crochê, pois imagino que o Ori aí esteja sempre protegido. Eu sigo tentando ficar bem, mas os tempos estão confusos e parece difícil saber o que sentimos exatamente. A pandemia, diziam que tinha colocado a todos nós no mesmo barco, mas nunca foi verdade. Só crescentou mais dificuldades para as mulheres negras, que tiveram que agarrar mais e mais responsabilidades. É tempo de cuidar, dos filhos sem escola, dos familiares doentes, da vizinha que perdeu o marido e não tem como alimentar a família, dos nossos em maior dificuldade. Tempos duros.

Também têm sido tempos de buscar a cura, de compreender que só há cura em coletivo. Tenho aprendido tanto com outras mulheres negras. Aquela jovem negra que deixastes quando partiu não é mais a mesma. Não digo mais que sou tímida, na verdade nunca fui. O silenciamento imposto pelo racismo e sexismosempre foram muito fortes em mim. Foi a partir da escrita que pude erguer a voz. E quando o racismo golpeia minhas palavras tentando silenciá-las é na escrita que faço morada. É aqui, nas palavras escritas que te foram negadas, que descobri o antídoto para aquele envenenamento lento e sistemático que o racismo provoca, aquele que se não estivermos em prontidão e movimento de cura nos carrega de nós mesmas. Nos toma a alegria e altivez. Aquele que descobri mais violento quando busquei na academia meu modo de sustento e de atuação no mundo.

Quero te contar que há poucos meses de me tornar doutora, busco referenciar o pensamento de mulheres negras, e como construímos este mundo. Pois é vó, tu assinavas com o polegar, pois nem teu nome escreveu, eu escrevi um livro. Mas não sou mais sabida que tu, a bem da verdade tua intelectualidade e sapiência estão inscritas em mim também.



Assim como de minha mãe, minha tia, das mulheres que vieram antes de nós e espero que meu filho também carregue, junto com o respeito pelas dores e alegrias das mulheres negras. Aliás vó, ele cresceu, é um jovem negro lindo e cheio de sonhos. Nunca conheceu um quarto de despejo, não experimenta a escassez, e lutamos para que siga assim. Acostumar com nossos corpos negros circulando alegres, bem alimentados e em existências de sonhos e futuro é urgente, isso aprendi com mulheres negras. Quero te contar que participei de uma formação com outras mulheres negras da *Academia Preta Decolonial*, encontros de saber, de dores partilhadas e construção coletiva de futuros. Quanto mais me aproximo do que outras mulheres negras escreveram mais me aproximo de mim mesma, mais eu me aproximo do que eu quero ser, de como quero viver. Teuento isso, pois é uma completa novidade para mim dividir o que me pertence de mais profundo com outras, sempre me senti sozinha, talvez nunca tenha tido oportunidade de dividir o que me acontecia, é bem capaz de que pessoas que me conhecem pessoalmente e se encontrem ao acaso com esta carta se espantem por perceberem que sabem pouco ao meu respeito. Somos boas ouvintes, mas quando somos escutadas?

Querida, ainda segue sendo um país de desafios intensos para uma mulher negra, muitas de nós sequer podem sonhar, ainda assim experimento a liberdade de tentar, de escrever o mundo e dizer que na minha escrita mando eu, que tese se escreve em primeira pessoa, nada de objetivamos, os objetivos são meus. Construir a intelectualidade negra na academia no Brasil é querer voar e o racismo tentar te manter no chão. Para caminhar é preciso estar acompanhada, é em multidão que se voa. É em coletivo, afetada e acolhida por outras mulheres negras que podemos



reconstruir nosso eu, sem ser soterrada pela violência do racismo e sexism.

É veinha, não benzo, não domino a alquimia das garrafas, nem lembro para que serve mesmo um caroço de abacate ou folhas de mamona. Cozinho mal, mas amo samba, sou de carnaval como tu. Mas a cada dia reescrevo nossa história. Eu mulher negra (rê) escrevo. Reescrevo a memória, a história, a vida, a academia. Eu reescrevo juntas, pois este eu que quero ser o sou em coletivo, em aldeia. Eu mulher negra reescrevo a maternidade, o amor, a sexualidade, o erotismo. Eu mulher negra inscrevo meu corpo que se movimenta e ignora o machismo, do qual fugistes também quando se jogou ao mundo, ainda que nem tenhas falado em feminismo, se construiu em liberdade tanto quanto foi possível. E assim vó que vou levando a vida. Também crio meu filho sozinha como te ouvi sobre criar os filhos e uma parte da vida os netos. Não sei se o amor, este romântico que nunca te vi experimentar, pois eu nasci e te vi morrer aos 82 anos solteira, me pertencerá novamente, mas o amor revolucionário que bell hooks nos ensina (ai preciso te contar o que aprendi com esta mulher, tanto que a escrita dela atravessa a minha, mas em outro carta te falo, aliás ela deve tá por aí ensinando o que é o amor), este eu alimento. Este amor como ato de liberdade e resistência estou construindo a cada dia, com as mulheres de perto e de longe, na construção de uma academia preta decolonial, no meu trabalho e na minha maternidade, pois que mãe de menino deve ensinar e praticar o feminismo desde o ventre. Que o amor nos liberte. Com amor e saudade, tua neta mais velha.

Daniela Ferrugem.

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, janeiro de 2022,
ano que habitamos a esperança.



Para minha filha professora

“Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância

O eco da vida-liberdade”

Conceição Evaristo

Querida Dandara,

Como você está? Aqui está fazendo aquele frio que prenuncia um inverno rigoroso. Acho que finalmente conhecerei a neve.

Filha, estou escrevendo para lhe contar sobre um projeto incrível chamado *Academia Preta Decolonial*, idealizado pelas professoras Michelly Carvalho e Leila Sousa, da Universidade Federal do Maranhão. Durante dois meses, participei de dez potentes encontros protagonizados por intelectuais negros, na maioria mulheres, que trabalham no sentido de formar uma atitude decolonizadora para a nossa academia, a partir do uso de epistemologias e metodologias antirracistas. Discutimos temas relevantes que englobou desde a preocupação com a cidadania e originalidade na produção audiovisual de Moçambique, passando pelo pensamento decolonial produzido por mulheres, transfeminismo, capoeira, ciberativismos de mulheres negras, interseccionalidade, a branquitude no ensino superior brasileiro e, o conceito de Pedagogia Afro Afetiva que muito me interessou.

A palestra da professora da Universidade Federal da Paraíba, Dra. Francy Silva, intitulada Pedagogia afro afetiva: uma experiência de emancipação me levou de volta àquele calçadão na beira da praia de Jauá (BA) e às palavras que eu deveria ter lhe dito, naquele momento.



Quero lhe falar que nesses encontros eu escutei muito sobre a importância de se valorizar os sonhos. Todos nós sonhamos, os estudantes, as mães, pais e filhos dos estudantes... E, aí lembrei da nossa conversa quando você defendia com afinco a sua determinação de se tornar uma professora de história e eu lhe dizia que, financeiramente, essa não era uma boa escolha. Logo eu, que sempre defendi o meu direito de sonhar e trabalhei duro para realizar cada um deles, me negava a reconhecer o seu. E, que sonho lindo você tinha!

A Academia Preta teve a qualidade de reforçar o conhecimento que venho acumulando, à medida que sigo sua trajetória na docência e me fez enxergar sobre um prisma mais concreto a importância de ser um professor negro para estudantes negros, agora pela perspectiva do afeto. Cada negra ou negro em um espaço acadêmico público é uma revolução. Precisamos de mais de nós ocupando estes lugares para que a juventude se "sonhe" neles também.

Conversamos outro dia sobre como os jovens pretos estão sendo bombardeados com a propaganda de que devem se orgulhar de pertencer a favela. Precisamos ensinar para eles que o gueto foi o lugar para onde nos empurraram e o quilombo fomos nós que escolhemos. E, de repente, olhe você designada para trabalhar em uma escola de uma comunidade quilombola. Nada é por acaso.

Eu escutava as falas das pesquisadoras, e pensava que você deveria vir ouvir também, pois iria se reconhecer nelas quando diz para seus alunos que eles devem sentir orgulho de pertencerem àquela comunidade, que ela é fruto de luta e conquistas dos nossos antepassados e quando utiliza autores e autoras que eles sequer sabiam que eram negros.



A palestrante nos relembrou (o cotidiano às vezes faz com que a gente esqueça) que os alunos, os familiares deles, professores e gestores da escola também precisam de afeto e carinho. Chamar o seu aluno pelo nome que ele se reconhece, saber escutar o silêncio, tentar identificar o que a ausência ou a agressividade querem informar são atos afetivos. Procure saber qual o sonho dos seus alunos.

Anotei, também, algumas indicações de leitura que achei interessante porque envolvem conceitos que eu não conhecia: Pedagoginga, autonomia e mocambagem de Allan da Rosa, Pretagogia de Sandra Haydeé Petit, Pedagogia das encruzilhadas de Luís Rufino e Ensinando a Transgredir de bell hooks. Depois, podemos trocar impressões sobre essas leituras, que tal? Nos encontros da Academia Preta tivemos reiterada a certeza de que devemos combater a tecnologia do racismo que trabalha sobre o mecanismo da questão do negro único. Precisamos eliminar essa palavra das frases que envolvam nossas conquistas nos espaços sociais e acadêmicos. Podemos até ser os primeiros, mas nunca devemos ser os únicos. É passada a hora de contar nossas histórias a partir de nossos triunfos.

Durante o encontro com a Professora Francy, foi projetado um vídeo de uma mulher defendendo o seu doutorado aos 67 anos, eu nos vi ali. Lembrei das minhas defesas do mestrado e da graduação em jornalismo e você do meu lado, torcendo, aplaudindo, se emocionando. Eu estava com 50 anos. Em breve, repetiremos isso na minha defesa do doutorado, agora eu com 60 ou um pouquinho mais. Os sonhos não envelhecem.

Quando me pediram para escrever uma carta, fiquei meio perdida. Faz muito tempo desde que escrevi a última. Não sabia como



começar e foi no poema da escritora Conceição Evaristo ¹³que encontrei minha inspiração e, por isso, vou terminar tomando emprestada algumas de suas ideias e palavras para lhe dizer que a voz de sua tataravó ecoou criança nas senzalas apesar da lei dizer que ela tinha nascido livre; a voz de sua bisavó eu nem ouvi, pois se encantou cedo demais; a voz de sua avó começou ecoando baixinho subjugada, mas depois cresceu e se fez ser ouvida nas comunidades eclesiás de base e nas pastorais que ela ajudou a criar, no agreste alagoano, para fortalecer e multiplicar as vozes outrora silenciadas. A minha voz apesar de estar mais forte que as delas, ainda ecoa versos com rimas de sangue, fome e injustiça. Mas, a sua voz, minha filha, deverá reunir e repercutir as vozes mudas, caladas, engasgadas e com a força da fala e do ato, você deve discutir, criticar, refletir, posicionar-se, reivindicar, fazer valer o seu direito de ser uma mulher negra livre, autônoma, independente e forte como lhe ensinei porque aprendi com as mulheres que vieram antes de nós.

Edna Matos.

Salamanca, Espanha, 18 de novembro de 2021.

¹³ EVARISTO, Conceição. “Vozes Mulheres” in: Poemas da recordação e outros movimentos. P. 10-11. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.



Respiro em meio ao caos: II Academia preta decolonial e a pandemia do coronavírus 2021

Se nós lutamos contra o racismo, nós queremos muito mais que inclusão. Inclusão não é suficiente. Diversidade não é suficiente. Aliás, não queremos ser incluídos em uma sociedade racista

Angela Davis

Em meio a tanto caos, eis que surge a oportunidade de fugir dos atropelos realizados pelo atual presidente do Brasil, da crise sanitária, política e econômica decorrente da Pandemia do COVID-19 e escapar desse lugar de más notícias, de mortes e de corrupção e adentrar em espaços de aprendizagem e ensinamentos mútuos, ponto fundamental de sobrevivência à 2021. A importância dos debates vivenciados na II *Academia Preta Decolonial* ultrapassou os campos acadêmicos e se perpetuou em nossas vivências socioculturais.

É imprescindível, hoje, tratar temas como o racismo e a valorização da cultura negra, sobretudo, em países como o Brasil, que, apesar de sua formação pluriétnico cultural, ainda precisa avançar muito na luta antirracista. No decorrer desta Pandemia, muitas tragédias foram anunciadas e vivenciadas. No que concerne às questões ideológicas, a Pandemia trouxe à tona não somente a ignorância em forma de não-crença na Ciência, mas, de maneira semelhante, nos mostrou o aumento da fome, da miséria e das violências doméstica e racial. Muitos foram os casos de pessoas negras mortas pelo racismo, durante o ano vigente. As



notícias assistidas e lidas, me levaram a buscar um lugar de refúgio, onde não esqueci ou silenciei a dor, mas focalizei as coisas boas que a História e Cultura Africana e Afro-brasileira (trans)formam em abrigo, em aconchego. Encontrei este lugar, onde menos esperei: sentada na poltrona da minha própria casa, na II *Academia Preta Decolonial*.

Confesso que, dos meus privilégios, desfrutar desses momentos no conforto da minha casa, enquanto lá fora o mundo se despedaçava, foi um dos grandes significados do meu papel de não alheamento diante da sociedade, uma vez que, o bombardeio de informações, em sua maioria ruins, produzem um medo significativo e exaurem nossas mentes, nos levando a desejar profundamente não saber de mais nada. No entanto, escolhi dar continuidade aos estudos das relações étnico-raciais, com o máximo de respeito, ouvindo e aprendendo um pouco de tudo que envolve o sujeito negro em nossa sociedade. Os módulos, intensos em experiências e conhecimentos ancestrais permitiram a mim, enquanto ser humano e estudante, apreender e guardar na mente o que foi discutido. Transformar em discussão aquilo que não vivo na pele, mas acompanho enquanto aliada, colocou para fora uma enorme vontade de gritar ao mundo a injustiça, ainda que não tenha dado uma palavra.

Este curso permitiu pensar, entre outras questões, sobre a não há normalização dos corpos negros nas Universidades, por exemplo. Algo que toca a não democratização do Ensino Superior em nosso país e que me faz refletir, em cada uma das minhas pesquisas acadêmicas e até mesmo fora delas, o quanto o conhecimento torna inviável a situação de escravização desses corpos. Ao ocupar a academia, os corpos negros reinventam e representam espaços de poder.

Isto me leva a refletir que retomar os espaços de poder, ressignificar a história, valorizar a cultura, pensar outros modos de



existência pautados pelos corpos racializados que colocam em xeque as teorias generalizantes e dicotômicas da modernidade que tentam classificar, categorizar e gerar valor nas alteridades de humanos e de outros seres, tais como divindades, espíritos e ancestrais, alcançam o mais alto grau de interesse das minhas discussões.

Embora complexas, as temáticas do racismo e da Pandemia 2021 percorreram caminhos conjuntos e dificultaram tudo ainda mais. A crise sanitária e econômica devastou, principalmente, quem já vinha sendo sobrecarregado com o peso de uma sociedade desigual. Apesar de o objetivo desta carta não ser remontar um passado ruim, as duas situações carregam em comum mortes e tristezas. Por isso, dedico esta carta à minha orientadora de Mestrado Rosilda Alves Bezerra, mulher negra que muito me ensinou e que faleceu vítima de Covid-19, pessoa que relembrrei durante todo este Curso e que lembro a cada vez que aprendo algo novo sobre o sujeito negro. Rosilda, eu espero existir ainda em um mundo onde seja possível ter acesso ao conhecimento da forma como ele foi repassado na II Academia Preta Decolonial. Espero, também, que durante este percurso, mesmo que no meio de uma Pandemia, possamos debater questões que tocam os seres humanos, por meio da música, da poesia, das experiências e de tudo mais que nos possa levar para longe, quem sabe para algum país africano, e, por um momento, nos faça sentir em casa.

Emanuelle Valéria Gomes de Lima.
Triunfo, Pernambuco, 18 de janeiro de 2022.



Para uma amiga querida,

A liberdade é uma luta constante

Angela Davis

Querida amiga Adriana, espero que esteja tudo bem contigo. Faz um bom tempo que não conversamos, hoje cedo estava lembrando de você e do teu jeito simples e meiga que é capaz de conquistar a todos ao teu lado.

Você sabe do carinho que sinto por você. Nossa amizade é muito valiosa, Amiga eu terminei de finalizar um curso que você ia amar ter participado, então já te convido a participar da próxima turma, pois ele é um curso maravilhoso e tem ótimos profissionais compartilhando seus conhecimentos e suas experiências de vidas.

Vou descrever nesse espaço algumas das minhas experiências ao participar das aulas, e da alegria que foi poder fazer parte da segunda turma do curso: Academia Preta Decolonial. Amiga na primeira aula do módulo teve como tema: Pedagogia Afroafetiva: Uma experiência de Emancipação. Com a profa. Fracy Silva, uma aula cheia de emoção, de afeto e também de experiência vivenciada por ela, também poderia dizer que foi uma aula motivacional, de acender as esperanças mesmo em tempos tão difíceis como esses.

Nesse espaço de compartilhar saberes, essa troca de conhecimento e afeto acredito que todos que se encontravam ali no espaço virtual ao vivo no YouTube ficaram tocados pela sensibilidade e o modo como a profa. Francy falava.



Bem, amiga, sabe uma das frases que a profa. falou que marcou muito foi essa. "Os sonhos não envelhecem". Essa frase mostra que nossos sonhos não tem data para ser finalizado, pelo contrário, eles permanecem ali guardados em nossos corações e prontos para serem realizados a qualquer tempo.

A profa. falou de uma amiga que realizou um sonho de ser doutora mesmo ela sendo mais velha, isso mostra que qualquer tempo é tempo e qualquer idade é idade para se trabalhar no sonho que se quer.

A Profa. Francy discorre sobre um conceito criado por ela a pedagogia afroafetiva, uma aula de muito acolhimento e troca de experiência, acredito que isso aproxima a gente enquanto professora e aluno, pois o afeto ele é fundamental em nossas vidas, também acredito, amiga, que enquanto mulheres negras a gente tem caminhos parecidos, em dados momentos se distanciam, mas em outros nos aproximamos.

Na segunda aula do módulo: Mocambicidade áudio visual e cidadania, com o professor Djanane Fulane. Essa aula foi muito interessante pois foi falando dos canais de comunicação, das novelas e como a comunicação audiovisual /tecnológica influencia e cria também a identidade daquele povo. Foi uma aula muito boa que tenho certeza que você amiga vai gostar muito.

Na terceira aula do módulo: Perspectivas Decoloniais/ Anticoloniais e o Pensamento Produzido por mulheres da América Latina em narrativas audiovisuais do Brasil e Equador com a profa. Andrea Rosendo. Uma aula excelente que faz a gente refletir sobre como as mulheres são excluídas ao longo das histórias.

A professora deixa várias referências de autores para quem deseja se aprofundar mais no assunto dos estudos pós-colonial.



Na quarta aula do módulo: Cosmopoliticas da Racialidade, com a professora Renata Nascimento e o professor José Messias, nessa aula eu assisti depois amiga por que esqueci o dia e também por que tive que resolver uma questão pessoal, mas no outro dia assisti a gravação. Uma aula completa que aborda sobre valores ditos universais, pensar nessa política e a racionalidade dentro da educação.

Confesso para ti que esse módulo foi um tanto desafiador porque traz assuntos filosóficos e políticos que para mim ainda estou iniciando nas leituras do tema.

Na quinta aula módulo: Transfeminismo, com a profa. Leticia. Amiga já conhecia o trabalho da profa. Leticia pois sigo ela no Instagram por inúmeras vezes ano passado assistia as lives dela, inclusive já indico para você seguir o instagram dela.

Posso dizer que foi uma das aulas mais esperadas por mim. Na aula ela falou sobre o conceito discutido pela autora Scott sobre a categoria de gênero e todas essas questões relacionadas ao gênero, feminismo.

Na sexta aula do módulo: Capoeira descolonizadora com a profa. Dai Sombra, essa aula foi ótima começou com uma música de capoeira, uma letra muito bonita que fala do quilombo, fazendo um recorte entre a capoeira e a política e todo esse percurso de luta do povo negro.

Na sétima aula do módulo: Tá feita a quizumba com a profa. Thiane Neves, essa aula foi maravilhosa, iniciou com música e logo depois a professora conta uma história de uma escritora que por meio da história narrada mostra a história de luta dos africanos.

Essa aula falou sobre a Amazônia e as tecnologia, amiga essa aula faz a gente refletir sobre a situação da Amazônia e da tecnologia que muitas vezes é usada de modo a não beneficiar aquela população, também



faz a gente pensar como esse sistema capitalista é o que mais se beneficia explorando a natureza e aqueles mais pobres.

Oitava aula do módulo: Expressões da Branquitude no ensino superior, essa aula me chamou atenção por que sabemos que para estar na universidade sendo negro e negra ainda é muito difícil pois o ambiente acadêmico por muitas vezes é resistente, inclusive para aqueles que sonham em ser professor universitário.

Amiga, finalizo aqui minhas palavras, mas quero lhe dizer que ano que vem o curso vai abrir a terceira turma e claro que sempre vem novidades, então quero já indicar esse curso para você fazer, sei que você vai gostar muito assim como eu gostei.

Abraços e beijos da sua amiga Franciele.

Franciele Vieira da Cunha.
Codó, Maranhão, 09 de janeiro de 2022.



Para a minha amiga, Ângela.

Querida amiga, Ângela, como vai?

Desejo que bem e com saúde, você, seus familiares e amigos queridos.

Estou a escrever para contar notícias minhas e ao mesmo tempo, me colocar à disposição para saber das suas. Temos um oceano a nos separar fisicamente, mas o que é a distância diante da amizade?

Eu respondo, nada. Pois sinto que você está sempre perto e por isso, quero dividir os conhecimentos que acabei de acessar nesta minha jornada neste lado tropical do Atlântico.

Ao longo do segundo semestre participei da segunda edição da Academia Preta Decolonial. Confesso amiga, que daria uma tese sobre tudo que aprendi, mas numa carta resumirei um pouco para compartilhar contigo os novos conhecimentos e discussões que fizeram meu coração vibrar ao longo do curso.

As aulas do curso ocorreram no período da tarde, gostava de pegar meu café quentinho, sacudia na chávena canela em pó e às vezes para acompanhar bolachas amanteigadas, outras pão assado com queijo de manteiga ou coalho, ou ainda pipoca e bolo de leite. Eu pegava minha chávena e o prato e sentava na minha secretária com o computador ou o celular ligado para mais uma oportunidade de saber e “beber” o conhecimento do Academia Preta Decolonial. No início das aulas, tínhamos a apresentação do currículo dos participantes pelas professoras doutoras Michelly Carvalho e Leila Sousa.



Ângela, como tudo na vida, talvez pelas nossas causas, opções, desconhecimentos e outros motivos nos aproximamos mais de algumas discussões que de outras. Todas as discussões das aulas foram muito pertinentes e atenderam um leque ampliado de temas, sendo importante para vários grupos e para o revelar de aproximações com universos desconhecidos. Assim, tive a oportunidade de em alguns momentos estar confortável como se estivesse em casa, no meu mundo particular conhecido de autores e discussões que de uma forma ou de outra fazem parte da minha vida e do meu quotidiano. Enquanto outras, minha amiga querida, me sentia uma estrangeira, com autores e discussões que não faziam parte da minha vida. Fazendo uma analogia, amiga, que é uma forma de não esquecer o que chega através dos nossos olhos e ouvidos, e permitindo que estes desçam e fique no nosso coração. Alguns assuntos foram flores e outros pedras. As pedras me ajudaram a refletir, amiga sobre o universo infinito de conhecimento, de pesquisas e saberes. As flores são sementes que poderão florescer em outras investigações no futuro. O mais importante nesse processo foi o curso Academia Preta Decolonial lançou sementes de conhecimento, sendo por isso, uma rica experiência.

No meu coração floresceram algumas flores do saber a partir do curso e gostaria, amiga, de partilhar contigo, pois como afirmou Clarice Lispector no conto a Imitação da Rosa, “o belo deve ser compartilhado”.

O módulo I - Pedagogia afro afetiva: uma experiência de emancipação, ministrado pela professor Francy Silva da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Durante a aula tive a oportunidade de saber um pouco sobre a história da professora e como o seu lugar de fala marca até hoje suas pesquisas e seu olhar. Como a nossa sensibilidade pode abrir portas e construir pontes, ou como pode construir gaiolas. Nesta aula



aprendi a ouvir minha própria voz, a perceber que minha ancestralidade não só faz parte da minha parte biológica, mas da minha vivência histórica. Fomos ensinados a calar ainda crianças, agora adultos reproduzimos os silêncios e isso nos impede de descobrir um mundo tão complexo como todas as folhas que existem na face da terra. Lembro que o relato da professora sobre sua experiência em sala de aula me marcou muito, pois eu sendo uma semente da periferia das cidades, vi que aquele menino assassinado poderia ser um colega ou até eu mesma. Além disso, a professora também falou da mãe, me dando a impressão que a pesquisa da Francy, também é sobre gerações silenciadas e agora, ela com voz, faz gritar outros homens e mulheres mudos. Lembrei muito do Rubem Alves, na obra Conversas sobre Educação, “A primeira tarefa da educação é desenvolver os órgãos dos sentidos”, acredito que ele ficaria feliz ao assistir a aula da professora Francy, pois para mim a sua pesquisa, as aulas humanizadas e sua sensibilidade é sentir e comprometer-se. O espaço de poder que a professora ocupa está sendo bem utilizado, ela está plantado a semente do saber nos jardins dos alunos, alguns vão florir e perfumar o mundo, como seres humanos.

Amiga, no segundo módulo, denominado a Moçambicidade audiovisual e cidadania, com o professor Djamarame Fulane, fui apresentada a um mundo teórico de conceitos desconhecidos para mim e obras audiovisuais inéditas, uma aula que me sacudiu, conheci outra cultura, um processo parecido com o nosso, já que Moçambique também foi colônia portuguesa, mas tão distante, já que pouco, muito pouco sei sobre a cultura, a sociedade, a história do espaço apresentado pelo professor. Conheci os períodos do cinema em Moçambique, o colonial, o de luta e libertação e o independente. Enquanto o professor falava, o sotaque dele, me lembrava alguns amigos que conheci do lado luso do



atlântico, amiga. Lembrei do Mia Couto, das heranças que temos no Brasil e que desconhecemos, possivelmente, pois ainda existe um oceano entre o que conhecemos de Moçambique e não conhecemos.

Continuando, no módulo III, perspectivas decoloniais, anticoloniais e o pensamento produzido por mulheres da América Latina, ministrado por Andrea Rosendo, percebemos como alguns assuntos são densos, acredito que estes dariam outros cursos, fui apresentada a vários autores, conceitos e dados estatísticos desconhecidos para mim. Confesso amiga, que os gráficos sobre a maior participação na produção de homens e mulheres de cor branca, não saem da minha cabeça, primeiro devido a minha formação em Demografia. Dentro desta apresentação algumas frases ficaram na minha cabeça e gostava de partilhar contigo: “ o negro é uma produção do branco”, os corpos das mulheres eram queimados nas foguerias, eram corpos repletos de sabedoria, não se queimava o corpo pelo corpo, mas a sabedoria que aquele corpo representava. Temos no Brasil a maior presença de afrolatinas. Também se falou nas inúmeras tonalidades de cor de pele como uma estratégia de branqueamento, negação do passado da população preta. Então nesta aula, lembrei que quando fui perguntar a minha família sobre meu bisavô que não conheci como ele era, a minha prima respondeu, informando que ele era uma “morenão”, acredito que era preto e classificado com esta outra tonalidade adjetivada tornando-o mais próximo do branco e mais distante da cor de pele dele.

Este assunto também esteve presente, nas discussões do módulo IV, Cosmopolíticas da racionalidade: perspectivas aos valores universais modernos, ministrado por Renata Nascimento e José Carlos Messias. Amiga, nesta aula, fui convidada a refletir sobre o papel da colonização no apagamento dos saberes e nas ausências de memórias. Sendo apontado



como um possível caminho para um resgate da arte e suas variadas formas. Além desta, o encantamento como forma de transmissão, as conexões com o ser, com a natureza, com o passado (ancestralidade), com o corpo, com tudo que foi negado, escondido e silenciado.

Ângela, os meus principais desafios foram no módulo V, sobre o “Transfeminismo”, ministrado por Letícia Nascimento, primeiro criei expectativa e fui surpreendida na positiva, no sentido, que pensei que as discussões não iam refletir na minha vida, puro engano, a coragem da Letícia de ser ela, os autores, a propriedade na fala, as discussões e conceitos desconhecidos me fizeram refletir muito, como sei pouco. Voltei a graduação quando a literatura clássica feminista entrara na minha vida, ainda tenho as apostilas, já que naquele tempo, o dinheiro era curto, poucos livros na biblioteca, então o jeito era tirar cópias. E fiquei feliz, pela oportunidade de através do curso, olhar para meu espelho e ver as fragilidades dele, as rachaduras, as informações que não servem mais, todo o pó de desinformação que fui adquirindo com o tempo. Nesse momento, sinto um desconforto comigo, como se nem me conhecesse, amiga. Isso é bom, tiro as armaduras e me abro a descobrir no desconhecido outras formas de existir e ser. Afinal, nossas escolhas são nossas? Fiquei com esta questão na mente, depois deste módulo.

No VI módulo, denominado de Capoeira Descolonizadora como Epistemologia de resistência, com a Dai Sombra. Acredito amiga, que este módulo seria o seu predileto, já que o desporto é sua paixão e a capoeira envolve o corpo e a alma. Gostei da Dai ter enfatizado a importância da gratidão, inclusive declarando suas preferências e afirmando que a aula seria uma reflexão coletiva, se posicionando numa comunicação acolhedora, pois deixou claro, a importância das críticas e de opiniões contrárias, o que me fez lembrar do livro “Comunicação Não-violenta”, a



importância de aprendermos com os outros. Amiga, a Dai Sombra descreveu a roupa e o cenário, mostrando o que cada um representava, gostei particularmente porque lembrei do livro “O principezinho”, nos preparamos para momentos importantes, foi pensado, planejado e sonhado. Senti um transbordar de amor em cada palavra. A aula sobre capoeira teve o som do berimbau. Descobri a discussão da capoeira como esporte nacional, descobri que as mulheres também eram professoras de capoeira, até agora só conhecia homens. Amiga, agora quando vejo o berimbau, ele não é mais somente um instrumento musical, ele é um símbolo de resistência, um som que representa o grito de pessoas que dormem eternamente, mas que deixaram essa herança de resistência. A própria letra das músicas são hinos, nunca tinha parado para ouvir, passarei a reparar, agora e levarei esse despertar para o resto da vida, inspirada pela Dai Sombra. Sendo ela um exemplo de resistência e de força e inspiração, a teoria e a prática estão nela. A capoeira vive nela, está na sua respiração, nas suas palavras, no seu sorriso, nas suas escolhas, na sua vida. Tocou-me muito. Nunca olhei a capoeira com olhos floridos, agora já o faço, pois alguém perfumou e me mostrou as flores em forma de ritmo e movimentos corporais, amiga.

No módulo VII, Interseccionalidades e o Feminismo Afrolatinoamericano no pensamento de Lélia Gonzalez, foi dado pela professora Denise Carvalho, tive a oportunidade de conhecer a biografia de Lélia Gonzalez, de aprender sobre a importância dela para o Brasil. O livro que inspirou a apresentação da autora foi “Primavera para as rosas negras”, uma obra nova para mim, mas com um título lindo, lançado quando o movimento negro fez quarenta anos. Lélia defende nos seus textos e na sua própria vivência uma sociedade justa, igualitária e fraterna, temas muito atuais e necessários no presente. Além disso, outra



questão que me chamou a atenção para reflexão foi que o racismo serve àqueles que se beneficiam dele, algo tão óbvio, mas que ainda não tinha pensado. Outra questão muito forte é sobre o lugar da mulher preta, um lugar à margem, silenciado e erotizado, um processo que se estende ao longo da história, como se nascer com a cor preta, fosse uma sentença a invisibilidade. Lélia convida a enxergar primeiro, esse processo que é ideológico para mudar. A professora Denise, também menciona que Lélia faz um resgate da história da luta entre cristãos e mouros, estes de cor de pele escura mostrando que também envolvia questões raciais.

Amiga, o módulo VIII, denominado “Tá feita a quizumba”: Debates sobre (re) apropriações tecnológicas e os ciberativismos de mulheres negras, com a professora Thiane Neve me marcou muito, porque tive contatos com informações desconhecidas para mim, primeiro, houve uma quebra de expectativa, pois pensei quando vi tecnologia que as discussões estariam relacionadas com o mundo digital, é ter ouvido que o tambor, as ferramentas são objetos tecnológicos me permitiu olhar para as coisas de uma forma diferente. Amiga, neste módulo, tenho certeza que você adoraria, pois não está muito longe de nossas conversas, sobre o simbólico espalhado no nosso quotidiano, um exemplo do que digo, é ela ter no início a apresentação ter dado significado ao dia, uma segunda-feira, dedicada a Exu, aquele que faz uma ponte entre o humano e o divino. Além disso, a professora citou o Boaventura de Sousa Santos, português como você, amiga, para mostrar que os estudos dele, tem as observações que partem de um lugar de eu. A pesquisa dela também é de um lugar de fala, mas este lugar é questionado, dado que não é uma mulher branca, e sim uma mulher preta. Plantou no meu coração a consciência como é importante o meu olhar diferenciado, fruto das minhas vivências, todos nós somos “Ananse”, alguns foram



silenciados, outros falam, dando a impressão de inexistência dos calados, quando os calados pegam o microfone e resolvem falar também, causa estranhamento. Várias questões foram discutidas, como por exemplo, a falácia de que a Amazônia é pouco povoadas, o dito sobre este espaço é um discurso de destruição, e quando os indígenas ou outros povos lutam pelo espaço são descritos como selvagens, e não como pessoas que defendem o seu espaço e sua casa. A Amazônia, amiga, ainda é um espaço colonizado, explorado, e as narrativas são utilizadas para justificar esta exploração. A Amazônia, pulmão do mundo, é tratada como uma fábrica. Outra discussão que me jogou no abismo da minha ignorância foi o desconhecimento sobre quem são os homens e mulheres de pele negra do mundo da tecnologia? Eu fiquei em silêncio quando ela perguntou, eu não sei. Você conhece, amiga, em Portugal, homens ou mulheres de cor de pele negra, em postos de poder no mundo das tecnologias? “Onde estão as pessoas pretas que ocupam lugares de poder? Conheci cartografias novas, sendo a feminista a que mais me chamou atenção. Temos uma riqueza, amiga, pouco explorada. A beleza das pesquisas reside, justamente neste ponto, em descobrir.

O último módulo do Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas II, “Expressões da Branquitude no Ensino Superior, com a pesquisadora Priscila Elisabete da Silva, nesta aula minha primeira reflexão foi a mesma que a professora fez e que eu nunca tinha feito, lembrar dos meus professores e professoras e qual a cor de pele deles e se eu tive na minha jornada, professores pretos. Ao realizar esta reflexão percebi que não tive professores negros na universidade, em nenhuma das minhas graduações e também não tive no Mestrado. Mas tive três professores durante o ensino fundamental e médio, e todos da mesma disciplina, História. Conheci conceitos complexos, como o de



“naturalidade racial” e como o racismo está na coluna da sociedade e como é importante ter consciência disso e olhar para o exposto como “normal” com estranhamento e querendo entender os motivos deste modelo, onde pessoas de cor branca estão majoritariamente em cargos de poder e representatividade, como é o caso, das universidades. Foram muitas informações, recortei para te contar aquelas que me tocaram mais.

Como pode perceber, amiga, foi um curso muito intenso. Quando as vivências são intensas sentimos a necessidade de gritá-las para o mundo ou contar para algumas pessoas que gostam de aprender e se colocam na vida como aprendiz, você é uma destas pessoas e por isso, fico feliz que essa carta cruze o oceano e em breve esteja nas suas mãos, sendo lida no aconchego da sua casa, num dia destes de inverno, na companhia do gato Lucas, e com chá e bolachinhas digestivas, ou um café e pão torrado com queijo fresco, nas duas combinações, saber que você vai ler sobre o que aprendi será bom. Quem sabe no próximo, você também participe, boas iniciativas merecem outras edições, o Academia Preta Decolonial é um exemplo, de um curso cujas sementes foram plantadas, e nas novas edições e nas nossas vivências e produções regadas para florescer em iniciativas concretas. Assim teremos um jardim colorido e completo, como todo ser humano é.

Um beijinho oceânico, da sua amiga Gracineide ou Gracy. :)

Gracineide Pereira.



Dias de Querença: “era preciso reinventar a vida”

“Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo, Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja.

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que florescem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos”

Olhos D’Água - Conceição Evaristo

Olá, Nálida Coelho, irmã querida, escrevo para contar sobre um modelo de aquilombamento¹⁴, dessa vez, acadêmico, proposto pelo Núcleo de Pesquisa Maria Firmina. Trata-se da *Academia Preta Decolonial*. Foi uma experiência e tanto. Desculpa por escrever logo hoje, dia 31 de janeiro, dia em que mais um dos nossos, imigrante congolês chamado Moïse Kabagambe, de 24 anos, foi morto espancado no Rio de Janeiro. Hoje, dia em que as notícias nos colocam mais uma vez frente a realidade de quem ocupa um corpo negro: nos querem mortos.

Foi assim que centenas de corpos negros foram parar, literalmente, na calunga grande e é assim que centenas de corpos negros

¹⁴ NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019



são mortos, diariamente, no Brasil. Uns por bala, outros pelo vírus, alguém ali morreu de fome e Moïse, espancado. A ascendência? Africana. O lugar? Olhando o mar, em um quiosque, igual a muitos dos nossos durante o período da escravidão.

Infelizmente, anos depois, no país erguido sobre o mito da democracia racial,¹⁵ a cena se repete com uma crueldade semelhante. A diferença? Podemos rever milhares de vezes a mesma dor, foi registrado. Ao assistir mais um jovem negro ser espancado até a morte, é possível sentir, a cada paulada, a desumanidade dos agressores. Qualquer pessoa negra é capaz de se enxergar ali, no chão, no lugar de Moïse Kabagambe, pedindo clemência e sendo uma possível vítima. Desculpe, irmã, ao reviver a cena, não queria trazer qualquer desconforto, mas ser negra no Brasil nunca foi confortável.

E os brancos? Será que são capazes de rever a cena e reconhecer o pacto civilizatório¹⁶ existente na sociedade brasileira, em que a supremacia branca assegura privilégios para um grupo e nega condições básicas de trabalho, vida, inclusive, morte para o outro? A partir desses questionamentos, conto para você sobre as minhas descobertas com a Academia Preta Decolonial. É fantástico perceber que podemos nos aquilonbar também na Acadêmica, assim como os brancos fazem, em todos os setores da vida (política, cultura, economia e etc), para garantir seus privilégios. Logo, nós, negras e negros que por muito tempo tivemos, literalmente, cérebros medidos para justificar nossa inferioridade

¹⁵Teoria conciliatória que serviu para manter silêncios que mascaram as desigualdades sociais e dificultam seu enfrentamento (Gonzalez, 2020). GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

16 BENTO, Cida. O pacto da Branquitude. São Paulo: Cia das Letras, 2022.



intelectual. Há, aqui, sem dúvidas, um movimento forte e sólido para pensarmos epistemologias alternativas que nos enxergam como gente, que nos humanizam e que nos permite resistirmos.

O curso possibilitou isso ao iniciar com a aula “*Pedagogia afroafetiva: uma experiência de emancipação*”, proferida por Francy Silva. Nossa, tudo o que nos foi ensinado, como ‘não misture sentimentos com Ciência’ foi colocado em xeque. E que maravilhoso poder pensar que sentir não nos diminui enquanto pesquisadoras; ao contrário, nos fortalece. Nos leva a perceber de forma mais pujante nossas semelhanças e diferenças, por meio de sotaques e histórias, com povos que apresentam realidades sobrepostas a nossa como ocorreu durante as palestras “*Moçambicidade audiovisual e cidadania*” realizada por Fulgêncio Muchisse e “*Perspectivas decoloniais/anticoloniais e o pensamento produzido por mulheres da América Latina em narrativas audiovisuais do Brasil e Equador*” apresentada pela Andrea Rosendo.

Ganhamos voz para questionar pesquisas que negligenciaram examinar as bases do seu eurocentrismo nas aulas “*Cosmopolíticas da racialidade: perspectivas pretas como crítica aos valores universais modernos*” de Renata Nascimento e José Carlos Messias Franco; “*Interseccionalidades e o feminismo afrolatinoamericano no pensamento de Lélia Gonzalez*”, proferida por Denise Carvalho; e “*Expressões da Branquitude no Ensino Superior*” por Priscila Elisabete da Silva. Pude olhar com outros olhos estudos que consideram apenas a perspectiva europeia e se afastam do que é importante para entender a nossa realidade de país explorado.

Além de voz, também, nos propuseram ação. Palestras como “*Tá feita a quizumba*”: *Debates sobre (re)apropriações tecnológicas e os ciberativismos de mulheres negras*” de Thiane Neves; “*Capoeira*



Descolonizadora como epistemologia de resistência” de Dai Sombra; e “*Transfeminismo*” da Letícia Nascimento, nos convidam a agir. Nos faz pensar em como uma mulher negra ou trans pode produzir conhecimento em um espaço em que os discursos e as experiências de intelectuais não brancos são considerados menos válidos?

São essas experiências (as margens) que tocam constantemente em pontos sensíveis, muitas vezes repletos de dor e raiva, que nos lembram diariamente que existem lugares que dificilmente chegaremos ou que não poderemos ficar. Kilomba (2019)¹⁷ defende a construção de um conhecimento científico emancipatório e destaca que com a inadequação dos espaços acadêmicos dominantes aos sujeitos marginalizados é necessário reivindicar epistemologias que incluam o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, já que fala-se de lugares distintos, com realidades específicas, e não de uma visão neutra, universal, objetiva e dominante.

Temos, segundo a autora, não apenas uma relação problemática entre academia e negritude como também as teorias sociais consolidadas não abarcam as experiências incorporadas dos negros, que ensinam aos ex-colonizados a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador. Entender e nomear o sexism e racismo (em suas diferentes formas) existente no processo de construção do conhecimento é um caminho possível para pensarmos em soluções pautadas na equidade. Reconhecer que a população brasileira é de maioria negra e que o racismo envolve

¹⁷ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019



dimensões políticas, ideológicas, históricas e de poder é fundamental para que haja um ambiente favorável às rupturas epistêmicas.

Nálida, irmã querida, eu chego ao final dessa carta, bem parecida com a menina Querença de Conceição Evaristo, ciente, enquanto mulher negra, que é preciso reinventar a vida, mas diferente de Querença, que não sabia ainda como, penso que seja possível com projetos como a Academia Preta Decolonial. Aqui, questionei as produções científicas que acentuam uma unidade social inexistente e olhei para os mecanismos repressivos, persuasivos ou dissuasivos que mantêm essas estruturas. Entendê-los é relevante para lidar com a transmissão de privilégios e as violências racistas, sexistas e classistas que funcionam como partes da ordem social. Pude perceber que há espaço dentro da Academia para questioná-los, mesmo que cause desconforto na maioria. Despeço-me afirmando que, sem dúvidas, há um quilombo acadêmico em formação.

Irina Coelho Monte.
Manaus, Amazonas, 31.01.2022



Educação, raça e branquitude

Olá, Rayanne!

Faz muito tempo desde nosso último encontro, e pensei em escrever para você. Me conta, como você está? Já está pensando no doutorado? Não dá para acreditar que concluímos o mestrado ano passado após um longo período de tensão e frustrações, não é mesmo?! Participei recentemente de um curso maravilhoso, a Academia Preta Decolonial II. Eu já havia participado da primeira edição e a segunda foi também fantástica.

Em uma das discussões, sobre “Expressões da branquitude no ensino superior”, lembrei das situações que vivenciamos e presenciamos na pós-graduação. Neste encontro, a professora Priscila Elisabete da Silva, demonstrou na sua pesquisa de doutorado que a educação pela universidade é como um instrumento de “regeneração nacional”, onde modernizar o processo civilizatório é afirmar os valores da branquitude em âmbito nacional. Isso faz muito sentido quando olhamos para o perfil docente nas universidades brasileiras. Eu fiz dois cursos de graduação, Direito e Relações Internacionais, e lembro de ter aula com um único professor negro durante todo o percurso. Tal cenário refletiu no mestrado, como você bem sabe.

É por esses motivos que penso que a Educação, muito contrário do que dizem, é um alicerce constituído pelo racismo e que também contribui para reproduzi-lo. Basta verificarmos as ementas das disciplinas: Quantas autoras e autores negras nós lemos e debatemos em sala de aula? Quantas discussões sobre raça foram trazidas para o interior das disciplinas? A gente sabe muito bem porque isso ocorre, não é



mesmo?! A branquitude é um lugar de privilégio racial e uma ideologia, como traz a profa. Priscila. Como se não bastasse, por se colocarem como fonte de referência universal, estão constantemente duvidando da nossa capacidade de pesquisa, das nossas escolhas teóricas e metodológicas e dos nossos objetos e sujeitos de pesquisa, simplesmente por estarmos dando atenção à questão racial! Ainda, possuem a cara de pau de justificar seus discursos envaidecidos e raivosos através de uma linguagem metodológica supostamente neutra e universal, mas que na verdade, nos invalidam como agentes de pesquisa por sermos visualmente identificados como “portadores de raça” e por estarmos denunciando suas limitações em campo. Mas este grupinho branquelo não se enxerga?!

Lembro de você comentar, nos tempos do mestrado, que iria investir nos eventos internacionais. Lembro, aliás, de você ter participado de alguns. Como está sendo tal experiência? Estou muito curioso para saber como o racismo tem se manifestado (ou não) em outras localidades, bem como compreender como pesquisadoras e pesquisadores negros têm trazido raça para seus trabalhos. Tenho trabalhado com mentoría acadêmica e tive o prazer de conhecer pesquisadoras e pesquisadores de uma geração mais nova do que a nossa que estão super engajados na discussão racial. São pessoas encantadoras. Fico muito feliz de encontrar esta resistência nas Universidades, ainda que a branquitude e o racismo se coloque como “padrão”.

Sinto muita a falta dos nossos papos. Acredito que você se encantaria com as discussões da Academia Preta Decolonial. Espero que você esteja bem. Nos falamos em breve.

Jéser Abílio de Souza.

Belo Horizonte, Minas Gerais, 7 de janeiro de 2022.



Caminhos que perpassam liberdade e aprendizados outros

Oi, mãe. Antes de te contar um pouco sobre a experiência que tive, quero dizer que estou com saudades. Espero que esteja tudo bem por aí, com a senhora, a Lianna e a Cecília. Esses dias me peguei pensando que esse tem sido o maior período em que nos encontramos distantes fisicamente. Que bom é termos a tecnologia a nosso favor, pois te fazer esse relato escrito será uma forma de seguir trilhando os aprendizados que tive junto a II Academia Preta Decolonial, organizada pelo Núcleo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis. Espero que este ano, com novas vagas, a senhora tenha a oportunidade de integrar esses dias de troca de saberes.

Cada aula que tive foi importante para perceber a imensidão dos saberes que nos cercam e o tanto de gente linda que tem feito ciência, expandido pensares e compartilhado seus estudos, reflexões e ideias. As aulas aconteceram entre os meses de setembro e novembro de 2021, e as tecnologias contribuíram para que eu pudesse integrar os encontros, assim como a gente tem se encontrado virtualmente todos os dias. As professoras Leila e Michelly sempre muito acessíveis, reforçando o debate e coordenando cada momento do projeto, foram primordiais para que o grupo pudesse chegar ao fim. E diferente de cursos que já tinha feito anteriormente, poder escrever uma carta para uma pessoa querida, contando um pouco dessa experiência, me surpreendeu de forma bastante feliz.

Escolhi te contar de forma como foi essa dinâmica, por entender que juntas podemos cada vez mais compartilhar nossas experiências, a fim de crescermos juntas. Acredito que esses últimos anos morando em



Rio Branco têm nos proporcionado aprendizados infinitos, a partir de inúmeros saberes. Acho que posso dizer isso.

Recentemente li, em uma publicação do site Hypeness, duas frases: a primeira de Nina Simone, que foi “uma importante pianista, cantora, compositora e ativista pelos direitos civis dos negros dos Estados Unidos” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2018), que dizia “(...) *agora eu me dedico à liberdade, o que é muito mais importante*” (HYPENESS, 2021). A segunda frase era da poeta indiana Rupi Kaur: “*Qual é a maior lição que uma mulher pode aprender? Que desde o primeiro dia, ela sempre teve tudo o que precisa dentro de si mesma. Foi o mundo que a convenceu que ela não tinha*” (HYPENESS, 2021).

Ler essas frases, após ter participado do curso II *Academia Preta Decolonial* só me reforçou o quanto os diversos saberes estão ao nosso redor. Muito diferente do que, por anos e anos, aprendemos na escola: que somente livros e certas pessoas podem nos ensinar algo. Nossas experiências, nossas vivências e liberdades são conhecimentos em expansão. Entender isso, nos ajuda a caminhar ao lado da decolonialidade, que compreendi ser muito mais que um conceito ou caminho para os estudos acadêmicos. É uma trilha de pensamentos, resistências, lutas e perspectivas outras, tendo indivíduos excluídos histórica, cultural e socialmente, como seres centrais do saber.

Por isso, mãe, as duas frases que li, somada aos aprendizados entre os meses de setembro e novembro, foram primordiais para entender (ainda mais) que ser livre, ter liberdade e poder perceber que o que preciso está dentro de mim, é uma soma de conhecimentos, vivências e caminhos meus e de seres outros. Ouvir, ler mais, participar de espaços



como o Academia Preta Decolonial é importantíssimo para essa (des)construção.

Que a senhora tenha bons dias aí em Cuiabá e que volte logo. Clara e eu seguimos te esperando. Aproveite as redes sociais para conhecer o Núcleo Maria Firmina dos Reis e se inscrever no curso, que também estou na expectativa para que tenha outras e outras edições.

Um abraço apertado.

Lisânia Ghisi Gomes.

Rio Branco, Acre, 31 de janeiro de 2022.



Carta à educação brasileira

Querida Educação Brasileira, venho, por meio desta carta, contá-la, e reforçá-la em como a tenho como companheira de vida e caminhada.

Na verdade, os percursos construídos em um curso de extensão que realizei durante o ano de 2021 indicavam que esta carta, na verdade, deveria ser endereçada a um amigo ou familiar, mais precisamente entendido como aquele *“de carne e osso”* e com nome registrado em cartório. Mas não é que, diante de minha construção/formação pessoal e profissional, principalmente nesses 10 últimos anos, a tenho como um familiar registrado em meus caminhos (concretos e abstratos) e em minhas reflexões. Por isso, resolvi escolher você, Educação Brasileira, para que, por meio desta cartinha e de algumas linhas que aqui se seguem, (re)conheça um pouco de sua importância e das perspectivas que podem ser elencadas por meio de suas ações.

Creio que saiba que sou da área de linguagens, mais especificamente da língua portuguesa. Também acredito que saiba que, ultimamente, tenho centrado meus olhares e pensamentos em torno de como a linguagem/discurso se relaciona com as nossas vivências, convivências, problemáticas, constituições e agências. Justamente por isso tive vontade de realizar um curso ofertado de forma online pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos – Maria Firmina dos Reis em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA, campus Imperatriz, da mesma instituição. Este curso foi chamado de Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas e tinha



uma carga horária de 40h. O mesmo foi cercado de atividades e discussões capazes de nos fazer indagar sobre o nosso cotidiano, bem mais do que estas horas dedicadas à escuta atenta dos palestrantes convidados. Com temáticas sobre construção de saberes emancipatórios, pedagogia afro afetiva, o pensamento produzido por mulheres da América Latina, cosmopolíticas da racialidade, branquitude, interseccionalidades, (re)apropriações tecnológicas e os ciberativismos de mulheres negras, pude (re)conhecer como estas reflexões devem também se fazer presentes em sua atuação, querida Educação. Saiba que é por meio dessas discussões que você comungará com a noção do sensível, poderá fomentar mudanças e mobilizações, será capaz de dividir experiências e, com certeza, proporá pluralidades em comunhão. Saiba que eu já conhecia algumas das referências citadas neste curso e as outras nele angariadas, farão parte das minhas leituras mais atentas e situadas. Nessa caminhada que viemos trilhando juntas, você também poderá contar comigo neste (inter)agir. Mesmo com todos os percalços que nos atravessam, principalmente nesses últimos tempos tão nebulosos e inquietantes, estarei presente em sua defesa e no seu fomento à construção da/para a crítica social; dialogando com você sobre tais premissas e também com outras mais, a fim de mostrar que é “a conscientização que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação” (FREIRE, 2013, p. 26).

Pode contar comigo nessa empreitada cotidiana!

Atenciosamente,
Manuela Solange Santos de Jesus.
Amargosa, Bahia.



É na coletividade que a vida acontece!

Oiê, como vocês estão? E a comunidade? Como estão todos? Os mais velhos e as crianças? Ia passar o ano novo com a Ayanna em Teresina de Goiás, porém, com as fortes chuvas o asfalto cedeu e muitas comunidades estão isoladas, o rio subiu, estão ilhados necessitando de ajuda, vamos ajudar divulgando em nossas redes.

Que tristeza, é exatamente aquilo que estamos chamando a atenção há algum tempo para o desmatamento, o modo como a sociedade vem lidando com a terra como uma fonte infinita. Para nós a terra é vida, é coletiva, lugar em que desenvolvemos os rituais, porém, a ganância da "branquitude acrítica" pelo TER vai destruindo tudo por onde passa.

Enfim. Mulheres, lembram daquele curso "*Academia Preta Decolonial*" que comentei? Fui selecionada e estou muito feliz. As professoras doutoras Leila Sousa e Michelly Carvalho estão à frente do projeto e os/as professores convidados são incríveis com conteúdo e bibliografia que nos motivam a ler mais sobre as temáticas.

Na correria consegui assistir algumas aulas e outras tive que rever para não deixar passar nada. Na primeira aula me deparei com a pedagogia afro afetiva da professora Drª. Francy Silva que traz a sua experiência como professora Negra dentro de uma Universidade Federal da Paraíba.

Fiquei pensando nas nossas redes Afro-indígen@fetivas e o conceito Afroafeto que venho trabalhando há alguns anos a partir das nossas experiências na universidade e enquanto coletivas/os, a necessidade de trazer a afetividade para esse território.



Como diz a nossa parenta Célia Xaciabá “[...] são os nossos corpos que vão curar o território acadêmico”. A cada aula crescia o desejo de ouvir também os mais velhos, aqueles que não tiveram a oportunidade de estar em uma universidade, mas que carregam dentro de si a oralidade.

Daí, me lembrei da Eunice Tapuia que relatou em nossas reuniões sobre a graduação intercultural de alternância da Universidade Federal de Goiás, a participação ativa dos mais velhos na escolha da temática que será estudada pelo estudante da comunidade. Desejei tanto ouvir vocês, mulheres indígenas, que quase não são lidas, ou ouvidas com uma escuta ativa e com as quais eu aprendo todos os dias.

Ah, Alawero, lembra da nossa conversa sobre a Lélia Gonzalez? Precisamos ler mais, estou encantada que mulher aguerrida e que pensava na coletividade e com uma produção extensa. Temos que seguir escrevendo também sobre as nossas vivências fora (universidade) e dentro das nossas comunidades.

Sobre audiovisual não teve como não pensar na Kalu e no projeto Cine Kalunga, a importância de descolonizar o audiovisual. Mulheres, precisamos conversar sobre essa aula. A capoeira bateu forte a espiritualidade chamando para ação, chega de desculpas e vamos praticar o nosso corpo-mente-espiritualidade.

Com a professora Thiane Neves veio a reflexão sobre as nossas tecnologias milenares e mais uma vez a minha memória foi ativada, lembrei da I marcha das mulheres indígenas com suas tecnologias ancestrais. O canto, pintura, o artesanato e tantas outras.

Me lembro do dia da marcha que fomos para o ministério da saúde e as mulheres marchando com os braços entrelaçados com pinturas e cantados, várias etnias com suas tecnologias. As mulheres Mehinako



foram se aproximando da entrada do ministério e vários guardas estavam fazendo um paredão para que as mulheres não entrassem e elas vieram marchando e cantando músicas sagradas e de repente aquele paredão foi desfeito e os guardas ficaram nas laterais.

Uau! que energia com Thiane traz na sua aula sobre as tecnologias que estão na materialidade, mas também estão em nossos corpos. Eita, tá feita a quizumba!

A memória coletiva Afro-indígen@fetivas ativou em todos os momentos, principalmente com a capoeira, fiquei pensando na experiência da nossa coletiva de mulheres na pandemia. O quanto aprendemos umas com as outras e com o poder das ervas. Em relação ao curso é sempre fortalecedor, olhar para a/o outra/o e se ver representado nas falas, teorias e imagens.

Enfim, somos linhas que juntas podemos tecer uma rede de Afro-indígen@fetivas pelo mundo e com a nossa coletiva temos feito essa tessitura com as nossas diversidades, saberes e tecnologias. E espero que no próximo ano vocês possam também fazer o curso e sentir o que tenho sentido, uma alegria e afeto ou melhor; Afroafeto.

Segue uma foto de um dos nossos encontros para aquecer os nossos corações. Saudade imensa de cada uma de vocês, espero que logo, logo possamos nos encontrar novamente.



Encontros afroindígen@fetivos



Fonte: Arquivo pessoal

Afroabraços! pro cês, mulheres que admiro e amo.

Marta Quintiliano.
Trindade, 20 de janeiro de 2022.



Maria, Maria...

*É assim que as mulheres, nós mulheres negras,
buscamos formas de ser no mundo. De contar o
mundo como forma de apropriamo-nos dele.*

Conceição Evaristo

De acordo com o levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2015), cerca de 11,7 milhões de brasileiras foram batizadas com o nome Maria. Que grandeza de nome! E fica ainda maior quando acompanhado do Fátima, cujo significado percorre em diferentes civilizações carregando uma imensidão de afeto que não cabe no peito, mas cabe no seu peito, mãe. Veja só, em árabe significa a “mulher perfeita”, tudo que digo que você é, cotidianamente, e em hebraico “mulher que realizou seus filhos no caminho do conhecimento divino”, tudo que me proporciona ser. Queria te falar que seus esforços estão dando certo, que cada livro, cada letra, cada junção silábica me fez e refez e continuam contribuindo, incessantemente, para que eu consiga alcançar a vida que sonhamos juntas, de sermos antes de tudo “nós”, mulheres negras e seu elevado potencial, que como você mesmo diria “ninguém entenderia a nossa força, apenas nós mesmas”. Maria de Fátima, queria que você estivesse comigo em todos os melhores momentos da vida, queria que você participasse de todas as aulas magistrais, de todos os cursos e, principalmente, de todo compartilhamento divino que existe dentro de cada pessoa negra, assim como ocorre na Academia Preta, mas enquanto isso não acontece, porque o tempo ainda é comprometedor na nossa rotina, posso te mostrar alguns



caminhos que trilhei ao longo desses meses de intensidade e amor. Lembro-te agora que não vai dar para citar um por um, detalhadamente, da mesma forma como conversamos sobre absolutamente tudo, mas vai ter as melhores partes da experiência vivida por mim e que, a cada dia, brilhava em ti. A começar pela professora Francy Silva que ministrou, elegantemente, um módulo que falava sobre nossa família, nossos ancestrais – e digo “noso”, porque lembrei da diversidade afroafetiva que temos em comum, por isso, abrindo essa chamada, te convido a sentar em roda e imaginar um mundo em que nossas experiências tenha um caráter de emancipação. Mãe, sentamos em roda e vamos discutir um pouquinho sobre como as “expressões da branquitude no ensino superior” (módulo apresentado pela professora Priscila Elisabete) trouxe conflitos para a sua entrada tardia na universidade e como essa política da branquitude te deu medo em tentar os seus sonhos, e particularmente, de “erguer a voz e pensar como negra”, assim como defendia bell hooks. Percebo também sua admiração por mulheres que entendam sobre um pouco de tudo, assim como me falava da personagem vivida pela atriz Taís Araújo naquela novela em que a mesma interpretava uma das administradoras do controle de inteligência da empresa em questão e me fez lembrar do módulo “*Tá feito a quizumba*” debates sobre (re)apropriações tecnológicas e os ciberativismo de mulheres negras”, ministrado pela professora Thiane Neves e, por último, mas não deixando de honrar a presença da professora Assunção Aguiar, professor Rosenverck Estrela, professora Herli de Sousa, professor Fulgêncio Muchisse, professora Andrea Roseno, professora Renata Nascimento, professor José Carlos, professora Letícia Nascimento, professora Denise Carvalho, termine esse manifesto para declarar-te que aquela nossa conversa sobre capoeira e a ida à Bahia para aprender um pouquinho sobre essa transição de sentidos



por meio da arte capoeiristas é descolonizadora e traz elementos epistemológicos de resistência, assim como ensinado pela professora Dai Sombra. Espero que tenha gostado dos meus encontros que na verdade falavam sobre você. Te conheci muito mais através del@s, mãe. Finalizo esse pequeno diálogo de lembrança que denominei assim porque a cada módulo lembrava ainda mais de você e dos seus encantos como mulher, negra e mãe, encerro minhas palavras acreditando que “amar é um ato de coragem” da mesma forma que Paulo Freire defendia... e eu te amo muito!!

Com amor e muito respeito por tudo que toca, desde a minha pele até a minha alma...

Sua filha, Michely.

Michely da Silva Alves.

Imperatriz, Maranhão, 10 de janeiro de 2022.



Um corpo preto em território acadêmico

Aprendizagem é uma palavra potente que a academia preta decolonial deixou em mim. Na territorialidade do decolonial recebemos vozes e ouvidos sobre: A pedagogia afro afetiva: experiência de emancipação, moçambicidade audiovisual e cidadania, perspectivas decoloniais/anticoloniais e o pensamento produzido por mulheres da América Latina em narrativas audiovisuais do Brasil e Equador, cosmopolíticas da racialidade: perspectivas pretas como crítica aos valores universais modernos, transfeminismo, capoeira descolonizadora como epistemologia de resistência, interseccionalidade e o feminismo afrolatinoamericano no pensamento de Lélia Gonzalez, “*tá feita a quizomba*”: debate sobre (re)apropriação tecnológicas e os ciberativismos de mulheres negras e expressão da branquitude no ensino superior.

Minha caminhada na academia preta decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas, foi de muita aprendizagem, pois cada roda de conversa mostrou-se potente e cada facilitador(a)(e) trouxe a importância da (r)existência na academia e fora dela. A palavra (r)existência é polissêmica, uma vez que cada corpo resiste e existe na academia, fazendo deste espaço um território decolonial de encruzilhadas. Cada encontro foi marcado e demarcado por corpos interseccionais com saberes localizados do Sul, promovendo uma separação das linhas abissais como diz Boaventura de Sousa Santos em seu livro: Epistemologias do Sul. Assim, a *Academia Preta Decolonial* se torna um espaço de cri(a)ção, de afeto e escuta sensível, reunindo pessoas



de múltiplos saberes para a promoção de um saber antirracista. Nesse sentido, meu corpo foi afetado durante cada encontro, pois cada facilitador(a)(e) promoveu rupturas sobre o pensamento colonial, criando-se, assim, uma academia preta decolonial. Nesse contexto, a academia preta decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas, é uma form(a)ção para que possamos desenvolver um processo de ensino-aprendizagem antirracista e aquilombado. Assim, faz-se necessário um saber decolonial e localizado de corpos com saberes múltiplos.

Andarilho decolonial

Território de demarcação e atravessamento.

Na academia preta deconial, aprendi que a sabedoria preta é o momento.

Entre linhas de afetos e afeição, tenho lugar de fala é meu corpo é ocupação.

Cada encontro teve sua potência e trouxe pessoas em processo de (r)existência.

Wanderson Fidalgo

Wanderson William Fidalgo de Sousa.

Teresina, Piauí, 20 de dezembro de 2021.



Caras professoras Michelle e Leila,

Espero encontrá-las na mais perfeita paz! De início, já aproveito para agradecê-las por esse grande empreendimento educacional que é a Academia Preta Decolonial. Muitos aprendizados nos foram ofertados ao longo dos cursos oferecidos. Participo desde o primeiro e espero continuar estudando por muito mais tempo até (quem sabe?) chegar o momento de me tornar professora do Curso... (rsrsrs)

Bem, quando recebi o desafio de escrever esta carta recordei-me da época da infância, morando na zona rural de uma pequena cidade da Bahia, em que era constante a troca de cartas para familiares que moravam na capital do Estado. E também na juventude onde cartas e mais cartas eram escritas por mim às pessoas amigas. Lembro-me de ter trocado cartas até mesmo em língua inglesa com um amigo que foi morar nos Estados Unidos. Mesmo estando cursando o segundo semestre do curso de extensão em língua inglesa. Ousadia demais, não acham? Que bom que ao longo do tempo o meu vocabulário foi melhorando...

Outra coisa que me instigou foi o fato de, apesar de amar receber cartas, inicialmente, cheguei a questionar se seria algo interessante, visto que estamos em tempos de twiteres, directs, WhatsApp, e-mails e tantas outras formas utilizadas para estabelecermos a comunicação. Seria mesmo uma carta a forma mais apropriada para estabelecermos este diálogo? Não estaria um tanto ultrapassado?

Daí re-pensei: mas afinal, o que é que existe nessas mensagens instantâneas, senão uma carta em pequenos pedaços ou bilhetes inacabados? Revisitei as minhas experiências das cartas enviadas e



recebidas no percurso da minha história, em lembranças permeadas por alegrias, tristezas, expectativas, angústias, esperanças...e tanto mais que está presente nos desafios da minha rica e desafiadora existência. Resolvi, então, aceitar o desafio. Na verdade, no percurso, acabei por achar uma ideia maravilhosa e oportuna, por propiciar compartilhamentos, olhares, pensamentos, indagações, provocações forjadas tanto em minha própria trajetória de vida como no aprendizado adquirido no curso ofertado pela Academia Preta Decolonial.

Lembro-me que Paulo Freire também em sua caminhada usou deste gênero textual para comunicar suas vivências, proposições, sua visão de mundo... Por que não dizer para expressar sua “leitura de mundo” e o pensamento que foi construindo ao longo da sua vida? E aqui eu me recordo de Cartas a Cristina, onde ele faz um relato reflexivo sobre sua vida, sua trajetória como educador a partir da provação de escrever para a sua sobrinha, dando notícias, por estar exilado do país, distante de familiares e amigos. No livro Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar, ele faz uma retomada de escritos anteriores, articulando de forma crítica e reflexiva a vivência do ser professor, abordando o ensinar e o aprender como constante desafio a ser vivido e compreendido em sua não neutralidade, sendo assim, uma prática política na qual o educador também se assume continuamente como aprendiz. Já em Cartas à Guiné Bissau, Freire opta, também, por essa tipologia textual, expressando a experiência que está sendo vivenciada numa reflexão contínua, construída no processo de aprendizagem coletivo, sobre o qual enfatiza a importância dos diferentes saberes. A experiência em solo africano é nitidamente descrita como um momento de intensa aprendizagem para todos e todas, inclusive para ele, no qual complementa e reformula seu pensamento e sua prática.



Assim, na mesma concepção e opção freireana, acabei por entender que a carta, é uma possibilidade de dialogar na perspectiva da horizontalidade, na firme crença de que os diferentes saberes enriquecem o processo de construção dos conhecimentos, em diferentes tempos, espaços, envolvendo a diversidade dos múltiplos coletivos que compõem a humanidade. Ao encontro disso, no momento em que celebramos o centenário de nascimento de Paulo Freire, vivenciamos momentos de pandemia que compromete por demais a educação do nosso país, além de tantos outros retrocessos que o Brasil enfrenta, fiz a leitura da obra *Ensinoando a Transgredir* de bell hooks a qual serviu como um aporte necessário para que eu compreendesse questões tão necessárias atreladas à educação e que, se concebidas de acordo com os apontamentos trazidos pela autora e pelos ensinamentos de Freire, certamente, resultará numa prática de liberdade.

Os aspectos destacados ao longo dos capítulos pautam no convite que a autora nos faz para abraçarmos a mudança e buscar compreender como se dá o ensino em um mundo multicultural. A discussão se dá prioritariamente acerca da disseminação da desinformação na sociedade atual, além da importância abordar a questão da diversidade cultural diante de uma realidade em que o imperialismo, o sexism e o racismo distorceram demasiadamente a educação, afastando-a de uma prática libertadora. Desse modo, a autora demonstra a iminência de uma revolução de valores para resolver a “crise da educação” que está acontecendo: os alunos não querem aprender e os professores não querem ensinar. Bell hooks revela, em diversos pontos do texto, que uma de suas maiores inspirações para transformar sua prática em sala de aula foi o educador brasileiro Paulo Freire. Desse modo, fica perceptível ao longo da obra que, a partir das leituras de Freire, a autora passou a adotar



a pedagogia engajada como sua bandeira, consagrando os ensinamentos freirianos de que a prática da educação deve ser libertadora para todos que dela participam. De imediato me identifiquei com a autora, fiz outras leituras, vi muitas similitudes em nossas vivências apesar de sermos de gerações e localizações geográficas divergentes... Quando me preparava para, em alguma oportunidade encontrá-la ou ao menos vê-la pessoalmente, recebi a notícia da sua passagem. Evidentemente ainda estou consternada com o fato mas ao invés de sofrer optei por me inteirar ainda mais das suas produções e compreender o seu pensamento com mais intensidade. Obviamente a Academia Preta também foi importante nesse processo porque não só trouxe à tona o pensamento dessa autora mas também de tantas outras, com professoras e professores engajados na luta e que nos ofertaram aulas espetaculares.

Outra leitura que me fez refleti bastante foi a análise apresentada pela psicóloga e teórica portuguesa Grada Kilomba, na obra Memórias da Plantação quando ela discorre sobre a máscara que no passado serviu como instrumento de tortura, mas continua emanando seus efeitos como um símbolo das políticas de silenciamento advindas do colonialismo e o quanto isso corroborou para a violência epistêmica do povo preto e em especial da mulher negra. A máscara que cobria a boca das pessoas escravizadas, impedindo-lhes de falar, ocasionou uma relação extremamente desigual de saber-poder. Nesse diapasão, a máscara representa, de forma ampla, a perversidade do colonialismo, simbolizando as políticas perversas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) ‘Outros(as)’ despertando alguns questionamentos: “Quem pode falar? O que acontece quando se fala? E sobre o que é possível falar?”



Gostaria de permanecer aqui horas a fio contando cada detalhe das minhas leituras, do meu crescimento enquanto mulher preta, do meu aprendizado na Academia Decolonial...Enfim, o meu desejo inicial era falar a respeito de cada aula em particular, da diferença que cada professora ou professor fez durante o curso (cheguei até a fazer algumas anotações no caderno) mas surgiram outras questões que eu também queria compartilhar e, desse modo, vou deixar para me expressar a respeito do Curso que as senhoras coordenam noutra oportunidade porque se não esta experiência vai se alongar tanto que deixará de ser uma carta, não é mesmo? rsrsrs

Gratidão por todo o empenho que as senhoras dedicaram para que tivéssemos um Curso de Extensão de excelente qualidade. Fico no aguardo das próximas edições.

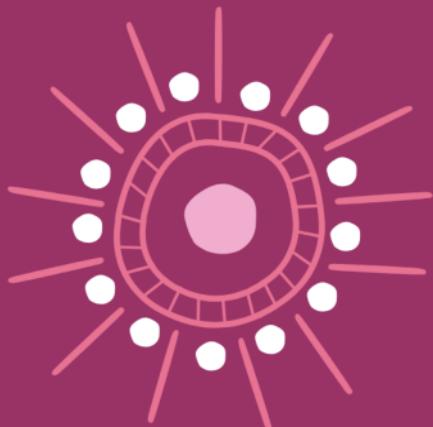
Com carinho,

Dinéa Ramos

Dinéa ramos¹⁸.

Salvador, Bahia, 31 de janeiro de 2022.

¹⁸Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Justiça e Cidadania – UFBA



Autoras e Autores



Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcante

Alexia Eloar Félix Cavalcante

Ana Cláudia Gusmão

Ana Patrícia Silva de Oliveira

Ana Paula de Oliveira Carvalho

Andreza Araújo de Sá Pereira

Andrezza Stephany Lizardi Ferreira

Anna Paula Bahia Pessanha Lima

Bárbara Leal Rodrigues

Beatriz Rodrigues Nascimento

Bruna Ferraz Dumont

Camila Teixeira Lima

Camila Teixeira Lima

Carmen Marilú Silva dos Santos

Cinthya de Fátima do Amaral Cordovil Oliveira

Cíntia Cristina Lisboa da Silva

Crislaine Custódia Rosa

Daiane Messias dos Santos

Daniela Ferrugem

Daniele Silva Lima

Dinéa ramos

Edna Matos

Elizangela Souza Meireles
Emanuelle Valéria Gomes de Lima
Fabio José Cardias-Gomes
Franciele Vieira da Cunha
Gracineide Pereira
Helhy Gomes
Irina Coelho Monte
Jéser Abílio de Souza
Josilene Pereira Pacheco
Laila Carolline Silva de Melo Dourado
Laís Gomes
Lisânia Ghisi Gomes
Lívia Marília Barbosa Guimarães
Luis Paulo Pimenta Ribeiro
Manuela Solange Santos de Jesus
Maria Alice de Jesus P. dos Santos
Marta Quintiliano
Michely da Silva Alves
Nayara Nascimento de Sousa
Raquel Guimarães Lins
Renê Bastos Ventura
Rosa Amélia Barbosa
Samilly Loures de Freitas
Silvana maria ribeiro pereira1
Tatiane de Oliveira Pinto
Virgínia de Fátima Morais Ratiel de Souza
Vívian Tatiene Nunes Campos
Wanderson William Fidalgo de Sousa

Yasmin de Freitas Nogueira
Yve Almeida Leão
Zora Yonara Torres Costa

Bibliografia Selecionada



ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, dezembro de 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015. Acesso em: 6 mar. 2018.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e Anti-racismo na Educação – repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CHAPMAN, Gary. As cinco linguagens do amor. São Paulo: Mundo Cristão, 2013. 3. ed.

CORRÊA, Célia Nunes. O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. 2018. 218 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34103>. Acesso em 20 de maio de 2021.

COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CRUZ, Eliana Alves. Águas de Barrela. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DEUS, Zélia Amador de. Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na Universidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.

DIANGELO, Robin J. Não basta não ser racista: sejamos antirracistas. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. São Paulo: Jandaíra, 2021.

EVARISTO, Conceição. Da calma e do silêncio. In: Poemas da recordação e outros movimentos. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 121-122.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escrita (vivência) de dupla face. Texto apresentado no Seminário Nacional X Mulher e Literatura I Seminário Internacional Mulher e Literatura/UFPB – 2003.

FIGUEIREDO, E. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. Revista Criação & Crítica, [S. l.], n. 20, p. 40-55, 2018. DOI:

10.11606/issn.1984-1124.voi2op40-55. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143>.
Acesso em: 27 set. 2021.

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Professora Sim, Tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. Memórias de uma Plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast, 2010.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. Pacto entre mulheres sororidad. Aportes para el Debate, México, 2006. p. 123-135.

LIMA, Daniela. O amor é um ato político. Festival Marginal, 2015. Disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/genero/o-amor-e-um-ato-politico/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

LIMA, Joyce Souza. Branco(a)-mestiço(a): problematizações sobre a construção de uma localização racial intermediária. Revista da ABPN, 6(13), p. 47-72, 2014. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewArticle/464>. Acesso em: 21 de jun. 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MORTE de Nina Simone completa 15 anos neste sábado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/morte-de-nina-simone-completa-15-anos-neste-sabado>. Acesso em: 28 de jan. 2022.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Estudos Avançados [online], 2004, v. 18, n. 50, pp. 51-66. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100005>. Acesso em: 17 de dez. 2022.

NJERI, Aza. Amor: Um ato político-poético. In: SANTOS, Franciele; CORRÊA, Diogo (Orgs). Ética e filosofia: gênero, raça e diversidade. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 43-74.

NOGUERA, Renato. Para abrir o coração. Quatro Cinco Um, 2021. Disponível em: <https://www.quatrocincoun.com.br/resenhas/politica/para-abrir-o-coracao>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

NOGUERA, Renato. Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

NOGUERA, Renato. Transfeminismo. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké . A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PIEDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Nós, 2017.

QUINTILIANO, Marta. Rede Afro-indigenoafetivas: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas da pós-graduação e políticas de ações afirmativas na Universidade Federal de Goiás. Dissertação de Mestrado. Programa de Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás - UFG, 2019. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/0/2017_-_Marta.pdf. Acesso em: 21 dez.2021.

QUINTILIANO, Marta. Encontros afroindígen@fetivos. Fotografia. Arquivo pessoal, Goiânia, 2019.

RAMOS, M. M. Teorias Feministas e Teorias Queer do Direito: gênero e sexualidade como categorias úteis para a crítica jurídica. Rev. Direito e Práx. Rio de Janeiro, Vol. 12, N. 3, 2021, p. 1679-1710. DOI: 10.1590/2179-8966/2020/50776

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional
conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TÍTULO Cartas: Academia Preta
Decolonial

ORGANIZADORAS Michelly Carvalho
Leila Sousa
Luciana Souza

SUPORTE Digital

PROJETO GRÁFICO E Bruna Lapa
CAPA

TIPOGRAFIA Georgia | CORPO
Georgia | TÍTULOS

Nº DE PÁGINAS 197



ppgcom
Programa de Pós-Graduação
em Comunicação e Letras



Rada AmLat

ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias